



INSTITUTO POLITÉCNICO
DE VIANA DO CASTELO

ARTES, TRADIÇÕES E EDUCAÇÃO EM CABO VERDE

Mandingas do Mindelo – estórias da história

Maria dos Anjos Neves



INSTITUTO POLITÉCNICO
DE VIANA DO CASTELO

Maria dos Anjos Neves

ARTES, TRADIÇÕES E EDUCAÇÃO EM CABO VERDE: Mandingas do Mindelo – estórias da história

Mestrado em Educação Artística

Trabalho efetuado sob a orientação do(a)
Professora Doutora Anabela Moura

março de 2018



INSTITUTO POLITÉCNICO
DE VIANA DO CASTELO

Maria dos Anjos Neves

ARTES, TRADIÇÕES E EDUCAÇÃO EM CABO VERDE

| Mandingas do Mindelo- estórias da história |

Mestrado em Educação Artística

Trabalho efetuado sob a orientação de
Professora Doutora Anabela Moura

Março 2018

DEDICATÓRIA

Aos meus amados Patrick, Kimberly e Djosa com quem lado a lado trilho os caminhos da vida.

À memória dos meus pais.

À professora doutora Anabela Moura, que com o seu saber e competência conquistou a enorme admiração e respeito que sinto pela sua pessoa.

Agradecimentos

Um reconhecimento especial à professora Doutora Anabela Moura e o Mestre Carlos Mendes, orientadores desta dissertação, pela competência científica, acompanhamento constante, dedicação, compreensão e estímulo, assim como pelas correções e sugestões relevantes feitas durante a orientação.

Mas também pelo rigor, pelos ensinamentos, disponibilidade, encorajamento, estímulo e impulsos decisivos para que este trabalho fosse realizado.

Ao Instituto Politécnico de Viana de Castelo, por me terem proporcionado a frequência deste Mestrado.

Ao professor Doutor Carlos Almeida pela ajuda dispensada sempre que solicitado.

Aos professores da Escola Anísia do Rosário, alunos e encarregados de Educação, pela envolvimento no projeto.

Ao professor Manuel Fortes, que desde do início do curso tem vindo a ajudar-me.

Ao Doutor Gabriel Moacyr Rodrigues e o jurista Armindo Gomes pelo apoio prestado.

A minha sobrinha Yasmine Melanie.

Aos grupos dos Mandingas da Ribeira Bote, Ribeirinha, Espia, Pedreira, Fonte Filipe e Fernando Pau que permitiu que hoje esta investigação fosse possível.

Aos colegas do curso de Mestrado em Educação Artística, especialmente a minha irmã gémea Joana Neves.

E toda a família pela preocupação e ajuda.

Resumo

A manifestação tradicional dos Mandinga de Carnaval de S. Vicente tem vindo a ganhar maior visibilidade e atenção por parte da população em geral e especificamente pelos habitantes da ilha de S. Vicente, pelo seu contributo para a grande riqueza e para a singularidade do complexo cultural cabo-verdiano. Com as finalidades de investigar as suas origens e refletir sobre a promoção da identidade e história local recorreu-se ao método etnográfico, tendo a observação e entrevistas contribuído para melhor conhecer e compreender esta tradição muito viva, cujos saberes ainda estão na memória de muitos. A revisão de literatura enriquecida com as técnicas de observação, fotografia, vídeo e entrevista, realizadas pela investigadora, permitiram afirmar que a tradição atual apresenta características diferentes do passado, e que o seu estatuto tem vindo a melhorar em termos de aceitação social e símbolo de identidade e entendida como uma mais-valia para a economia local. A observação foi considerada uma técnica fundamental, utilizada nas visitas regulares às zonas da Ribeira Bote, Ribeirinha, Espia, Fonte Filipe, Pedreira e Fernando Pau. Aí se recolheram dados relacionados com as perceções dos responsáveis Mandingas das comunidades e investigadores, tais como Gabriel Moacyr Rodrigues, professores e encarregados de educação, numa perspetiva antropológica e artística. O sucesso da recolha etnográfica deveu-se ao bom relacionamento entre informantes e investigadora. A partir da análise do contexto de vida do quotidiano das atividades na escola e nas entrevistas com os presidentes dos grupos das diversas zonas, foi possível perceber os modos peculiares pelos quais as tradições são passadas de geração em geração e assim refletir sobre as implicações dos diferentes modos de aprender que ajudam a pensar na relação que deve existir entre educação e cultura. Neste estudo definiram-se alguns conceitos chave e refletiu-se sobre algumas perspetivas teóricas sobre educação patrimonial e ensino da arte especificamente no contexto de Cabo Verde, de forma a ampliar a contribuição positiva que o estudo e promoção de manifestações patrimoniais no âmbito do Ensino Básico, proporcionando às crianças vivências afetivas de interação, comunicação, que permitam desenvolver a inovação, criatividade e celebração do património cultural. Verificou-se que os professores não valorizam o seu património local, regional, nacional e que é necessário criar recursos educativos que os ajudem a promover a sua herança cultural. Conclui-se que a promoção de valores culturais se deve construir no dia-a-dia, envolvendo um conjunto amplo de aspetos e iniciativas, como a organização curricular, as metodologias de ensino, a cultura escolar de cada instituição, o modelo de participação das crianças e encarregados de educação na vida escolar, uma formação contínua dos professores que envolverá um necessário aprofundar de conhecimentos e compreensão de manifestações tradicionais como é o caso de Mandinga e o envolvimento da autarquia na criação de equipamentos culturais que promovam esta e outras manifestações culturais. Outra das conclusões foi que num mundo em constante transformação, torna-se uma necessidade imperiosa a implementação de iniciativas/ dinâmicas culturais e educativas, devendo os professores e autarcas ter um papel importante, porque através de educação artística é possível fazer da cultura algo forte que possibilite às gerações presentes o conhecimento e valorização da cultura das suas raízes. Desta forma, acreditamos que este estudo trouxe importantes contributos, uma vez que os resultados apontados procuram alertar para a necessidade de canalizar e utilizar todos os apoios disponíveis para o incremento desta e outras atividades que constituem expressões de inegável cunho de identidade, desde a educação patrimonial nas escolas, até à seleção de investimentos que possam ajudar a promover estas iniciativas e a alertar para o facto que a preservação da identidade cultural não é apenas uma obrigação geracional, mas pode também ser uma atividade económica de qualidade e geradora de emprego.

Palavras-chave: Antropologia; Mandinga; Educação Artística; Cabo Verde

Abstract

The traditional parade of the S. Vicente's Carnival, namely the *Mandingas*, has been calling for more attention from the population in general. Specifically, by the inhabitants of the island of S. Vicente, due to its contribution for the richness and the singularity, namely Cape Verdean's cultural heritage. Therefore, researching on its origin and reflecting on the promotion of the identity and local history, and within the qualitative research methodology, we used the ethnographic method. This took place using observation and interviews, which contributed for a better knowledge and comprehension of this live tradition, and whose expertise is still in the memory of many people. The literature review was enriched with observation techniques conducted by the researcher, such as photography, video and interview, allowing the statement that the current tradition shows clear evidence of different characteristics from the past. Moreover, its status has been improving not only in terms of social acceptance and as a symbol of identity, but also as a benefit for the local economy. The observation method was a fundamental technic, used in regular visits to some areas. Data were collected from the *Mandingas* leaders of those communities and researchers, such as Gabriel Moacyr Rodrigues, as well as teachers, students and tutors. In other words, the observation method followed both anthropologic and artistic perspectives. The well-succeeded ethnologic data collection also resulted from the good relationship between the informants and the researcher. From the analysis of the daily life context of school activities and the interviews as well with the groups leaders of several areas, it was possible to recognise the peculiar ways for the transmission of the traditions from generation to generation. Thus, reflections on the implications of the different ways of learning which help think in the relation that should exist between education and culture. In the scope of Cape Verde related studies, this research project had defined some key concepts, from which were reflected on some theoretical perspectives. Focusing on property education and the teaching of arts, this study was conducted in order to enlarge the positive contribution of the study, and the promotion of patrimonial demonstrations in the scope of the elementary school. Children's emotional experiences of interaction, communication allows the development of innovation, creativity and celebration of cultural heritage. Since, teachers do not value their local, regional and national heritage properly, so it is necessary to create educational resources that help them to promote their cultural heritage. To conclude, the promotion of cultural values must be constructed daily. Tackling a wide set of aspects and initiatives, such as curricular re-organization, teaching methodologies, and the mind set changing of each institution. This will contribute to create a solid cultural promotion strategy, merging down the model of participation of children and tutors in school life, together with a continuous training of teachers and the engagement of the municipality role. Secondly, this study achieved the conclusion that in a world of constant transformation, there is a pressing need for the implementation of cultural and educational initiatives/dynamics. Through the artistic education and cultural empowerment, teachers and city councillors must play a major role. This will allow the present generations the knowledge and valorisation awareness of their cultural roots. We do believe that this study brought relevant contributions, since the showed results try to call the need of converging and using the available supports to increase this and other activities. They constitute expressions of undeniable identity blueprint, since the property education in schools, until the selection of investments that may help the promotion of these initiatives and alert for the fact that the preservation of cultural identity is not only a generational duty, but also an economic activity of quality and a job generator.

Key-words: Anthropology; *Mandinga*; Artistic Education; Cape Verde

Rezum

Manifestasão tradicional d mandinga n carnaval d Soncent tem stod t gañá mas viziblidad i atensão d gent por kausa d sê kontribut pe grand rikeza i pe singularidad d kompleks kultural d Kab Verd. Pe investigá origem sobre promosa d identidad i stória lokal foi utlizod método etnografk i pa iss observasão i intrevista kontribui txeu pe konxê i kompriendê es tradisão mut viv i ke ses saber te ne memória d txeu gente. Revizão d literatura ma kes teknika d observasão, fot, vídeo i intrevista fet pe investigadora te permiti dze ke es tradisão griñesim te kuns karakteristika diferente d kes de diazã i se statut ti ta bem t mdjorã i gente ti te aseital mas i el e oiod moda um font d reseita. Observasão foi um teknika fundamental kond foi fet vzita ne Rbera Bot, Rbiriña, Spia, Font Flip, Pedrera e Fernand Pau. Ne kes lugar lá foi tmod dados ne kes responsavel d kes mendinga i investigador moda Gabriel Moacyr Rodrigues, ne prufsor, ne inkregod d idukasão num perspetiva antropolgika i astistika. Suses des rekolia foi pamod kes informant i kel investigadora dá dret. Dpos d analizá kontext d vida d kes atividad ne skola i ne kes intrevista ma kes presidente d kes grup foi pusivel oiã manera kis te pasá es tradissão pe kes mnin i assim k manera dvera podê izisti relasão entre idukasão i kultura. Nes stud foi dfinid alguns konseit mas importante i refletid sobre alguns perspetiva tiorika sobre idukasão i ensin d art ne kontext d Kab Verd pe podê aumentá kontribuisão pusitiv k stud i promosa d kes manifestasão ne Primária i assim fazê kes mnin interagi, kumniká, pes pode inová, kriá i selebrá patrimóniu kultural. Foi pusivel oiã ke kes prufsor k te te ligá mut ses patrimoniu lokal, regional, nasional i pur iss tem k ser kriad forma des ijdá promovê ses eransa kultural. Konklusão e k promosa d kes valor kultural devê ser fet tud dia i devê inklui um data d iniciativa moda organizasão kurikular, metodologia d ensin, kultura skolar d kada instituisão, manera d partisipasão d kes mnin i ses inkregod ne vida skolar, formasão kontinua d kes prufssor . Pe iss tem k ter mas stud pe podê kompriende kes manifestasão moda mendinga i envolvê kamara munisipal ne kriasão d ikipament kultural pe promovês i també otx k tiver. Ot konkusão e k num mund moda ess e k te stod sempre te mudá, tem k ser fet algum kosa pe p kes prufsor i president d kamara ter um papel importante pamod através d idukasão artístika e pusivel torná kultura mas fort i assim kes gerasão mas nov konxê i valorizá kultura d ses rais. Des manera, no te kreditá k ess stud trazê uns kontribut importante pamod kes rezultad te krê mostrá nesesidad d spiá i usá tud kes apoi pa fazê es i kes ot atividad e k te mostrá fazê parte d identidad moda, pur izempl, idukasão patrimonial ne skola ou selesão d investiment. Tud iss podê ijdá promovê es iniciativa i alertá pamod preservasão d identidad kultural ka e sô um obrigasão dum gerasão ma també podê ser um atividad ekonómika d kualidad i e k te da traboi pe otx pssoa.

Palavra mas importante: Antropologia; Mendinga; Idukasão Artistika; Kab Verd

Siglas Utilizadas no Trabalho

INE – Instituto Nacional de Estatística

UNESCO – Organização das Nações Unidas para a Educação, Ciência e Cultura

LBSE- Lei de Bases do Sistema Educativo

P.C.N. Arte Parâmetros Curriculares Nacionais

J P D – Juventude para a Democracia

RTC- Rádio e Televisão de Cabo Verde

Glósario

Mendinga - Mandinga

Mescrinha- Grupos de Máscaras

Sabura

Ariah- Grito de guerra, sentido firme, levanta-se, rariap

Nunca “*too lait*” – Nunca é tarde

Picnim – pequeno

Fernando Pó – Fernando Pau

INDICE

DEDICATÓRIA	3
Agradecimentos	4
Resumo	5
Abstract	6
Rezum	7
CAPÍTULO I - INTRODUÇÃO	14
1.1 Contexto da Investigação	14
1.2 Mandinga do Carnaval da Ilha de São Vicente	15
1.4 Finalidades da Pesquisa	20
1.5 Questões de Investigação	20
CAPITULO II – REVISÃO DA LITERATURA	21
2.1 Introdução e Finalidades	21
2.2 Definição de conceitos	21
2.3 -77 Anos de Estória da Tradição da Mandinga- De Bijagós ao Mindelo	26
2.4 Educação Artística em Cabo Verde	29
Título do Projeto <i>Mandinga de Carnaval de S. Vicente</i>	32
CAPÍTULO III METODOLOGIA	54
3.1 Introdução e Finalidades	54
3.2. Método Adotado	54
3.3 Contexto da Pesquisa e Amostra	57
3.4 Recolha de Dados	58
3.4.1 Entrevista	58
3.4.2 Observação Participante	59
3.4.3 Registo Audiovisual e Fotografia	60
3.5 Plano de Ação	61
3.6 Considerações Éticas	61
CAPÍTULO IV	64
Introdução e Finalidades	64
4.1 Descrição do Trabalho de Campo nas Comunidades de <i>Mandingas</i>	64
4.1.1 Ribeira Bote	66
4.1.2 Mandinga de Ribeirinha	89
4.1.3 Espia	109

4.1.4 Mandinga da Pedreira/ Mandinga Azul.....	116
4.3.5 Mandingas de Fonte Filipe	124
4.1.6 Mandinga de Fernando Pau (Pô)	130
4.2 Entrevista a Educadores.....	136
4.2.1 Professor de História.....	136
4.2.2 Professora de Educação Visual	137
4.2.3 Encarregada de Educação	138
CAPÍTULO V RESULTADOS, CONCLUSÕES E IMPLICAÇÕES PARA FUTURAS INVESTIGAÇÕES	140
5- Introdução e Finalidades.....	140
5.1 Sumário dos Resultados e Conclusões da Pesquisa.....	140
5.2- Conclusões	141
5.2.1 Origem dos Mandingas de Carnaval de S. Vicente	142
5.2.2. Transformação e Mudança da tradição dos Mandingas	143
5.2.3 Papel das expressões na celebração da Tradição Mandinga	145
5.2.4. Educação Patrimonial na Escola.....	147
5.2.5 Perceções da Comunidade sobre os Mandingas	148
5.3 Implicações Para Futuras Investigações	150
Bibliografia	153
Documentos Oficiais.....	156
Web grafia.....	156
Anexos	157
Entrevista dada a RTC no programa Revista sobre o projeto desenvolvido na Escola Anísia Cibebe Lima do Rosário	157
Estatuto de Mandinga.....	161
Entrevista no programa Sociedade Aberta.....	172
Guião de entrevista	188
Música de Carnaval 2017 -Escola Anísia do Rosário (Zona de Campim . S. V) Desfile 24/02/17.....	191
Patrocinadores do Projeto e Orçamento	193

Índice Figura

Figura 1- Mapa de Cabo Verde (Fonte: Faria & Fonseca, 2014, In Fortes 2016).....	14
Figura 2- Mapa de São Vicente Fonte© Internet	15
Figura 3- Mandinga do Carnaval de São Vicente © cortesia de Maria Neves.....	16
Figura 4- Mandingas trajados a rigor usando adornos (Cabeça, pescoço, braço, orelha e nariz)	22
Figura 5- Outros adornos usados pelos mandingas (Cajado e Saia)	23
Figura 6- Instrumento usados atualmente nos desfiles de mandinga (agogô e ferro)	23
Figura 7- Outros instrumentos utilizados nos desfiles de mandinga (surdo)	24
Figura 8-Preparação das telas para o ensino aprendizagem de técnicas de pintura pelo artista plástica Severo, Investigadora e os alunos do 6ºAno.	39
Figura 9- Participação dos Alunos na FERIA de Artesanato no CNAD (URDI), com os seus trabalhos.	40
Figura 10- Palestra com o Dr. Moacyr Rodrigues e os Presidentes dos grupos Mandingas	40
Figura 11-Desenho e pintura sobre Mandinga	41
Figura 12- Participação de Artesãos e Mandingas de Espia no confeccionamento de adornos de mandinga	42
Figura 13-Desenho de trajes de Porta-bandeira, Mestre-sala, Rainha e Rei do carnaval da Escola Anísia Cíbele Lima Do Rosário feito pela Estudante Universitária Josina Rodrigues.	43
Figura 14- Patrocinadores do projeto (Electra, Enapor, Matec).....	43
Figura 15- Escultura de Mandinga feito pelo escultor Cialdino.....	44
Figura 16- Mesas em formatos de instrumentos de mandinga para decoração do carro alegórico e também o espaço museológico	45
Figura 17-Preparação do carro alegórico (Cialdino, os elementos da associação Novos Amigos e Pais e Encarregados de Educação)	45
Figura 18- Carro Alegórico decorado	46
Figura 19- confecção da bandeira pelo artista plástica João Fortes	46
Figura 20-Participação da investigadora no programa sociedade aberta	47
Figura 21- Alunos confeccionando saias de Mandinga, contato com as texturas	49
Figura 22- Ensaio e desfile do carnaval 2017	50
Figura 23- Rei e Rainha do carnaval na Escola Anísia Cíbele do Rosário	51
Figura 24- Desfile da Escola Anísia Cíbele do Rosário.....	52
Figura 25- Rei e Rainha da Escola Anísia Cíbele Lima do Rosário sentados nos seus tronos ...	52
Figura 26- Mandinga Ribeira Bote.....	66

Figura 27- Pintura Corporal	68
Figura 28- Comida do Ritual de Mandinga.....	71
Figura 29-Fotografia de uma pessoa usando máscara, mas atualmente foram proibidas pela polícia.....	75
Figura 30- Trio elétrico no enterro de mandinga 2018	76
Figura 31- Enterro de Mandinga 2017/2018	76
Figura 32-Pilhas utilizadas para produção da Tinta	83
Figura 33- Instrumentos de mandingas necessitando de reparação.....	84
Figura 34- Desfiles de Mandinga com Instrumentos de Sopros em 2018.....	85
Figura 35- Outros Músicos tocando instrumentos de sopro (2018).	85
Figura 36- Turista a frente do estaleiro de Mandinga	88
Figura 37- Turista captando imagens de Mandinga no estaleiro.....	88
Figura 38- Turista fazendo pintura corporal.....	89
Figura 39- Mandingas de Areia Branca no estaleiro	91
Figura 40- Mandingas de Areia Branca desfilando pelas ruas de Mindelo (2017)	92
Figura 41- Mulheres vendendo (pipocas, donetes e pasteis)	94
Figura 42- Capote (José Moreno) – Autor Leão Lopes Fonte © Blog dos correios.	98
Figura 43- Mandingas de Espia.....	109
Figura 44- Mandingas de Espias desfilando pelas ruas do Mindelo	111
Figura 45- Mandinga de Pedreira.....	117
Figura 46- Mandinga Azul desfilando pelas ruas do Mindelo	118
Figura 47- Mandinga Azul desfilando pelas ruas do Mindelo	119
Figura 48- Mandinga Azul efetuando a pintura corporal	120
Figura 49- Mandinga Azul dançando nas ruas do Mindelo	121
Figura 50- Mulher trajada de mandinga Azul	122
Figura 51- Mandingas Azul dançando pelas ruas do Mindelo	124
Figura 52- Mandingas de Fonte Filipe desfilando pelas ruas do Mindelo	125
Figura 53-Mandingas de Fonte Filipe desfilando pelas ruas do Mindelo	127
Figura 54- Mandingas de Fonte Filipe	128
Figura 55- Mandingas Fernando Pau	130
Figura 56- Andores mandinga Fernando Pau.....	131
Figura 57- Mandinga de Fernando Pau em 2018	134
Figura 58- Mandingas Fernando Pau desfilando pelas ruas do Mindelo	135

CAPÍTULO I - INTRODUÇÃO

1.1 Contexto da Investigação

Cabo Verde é um arquipélago constituído por dez ilhas, de origem vulcânica, localizado ao largo da Costa ocidental da África e localizado no oceano Atlântico, a 640 Km a oeste de Dacar, Senegal, fazendo fronteira com Mauritânia e Guiné- Bissau, na faixa costeira ocidental da África que vai do Cabo Branco às ilhas Bijagós. Na ilha do Fogo o vulcão está ativo e é o ponto mais elevado do arquipélago, com 2829 metros. Cabo Verde foi povoado em 1462. Nove das dez ilhas são habitadas e agrupam-se em dois grupos e vários ilhéus desabitados. Ao Norte, as ilhas de Barlavento incluem Santo Antão, S. Vicente, Santa Luzia (desabitada), São Nicolau, Sal, e Boa Vista (de oeste para leste). Ao Sul, as ilhas Sotavento incluem Maio, Santiago, Fogo e Brava (de leste para Oeste) (Fig. 1). O arquipélago foi descoberto em 1460 por Diogo Gomes, Diogo Afonso e António da Noli, ao serviço da coroa portuguesa, que encontraram as ilhas desabitadas e aparentemente sem indícios de anterior presença humana. Foi colónia portuguesa desde o século XV até à sua independência em 1975.



Figura 1- Mapa de Cabo Verde (Fonte: Faria & Fonseca, 2014, In Fortes 2016)

O arquipélago possui um diversificado património que necessita de estudo aprofundado, para que possa ser valorizado e preservado pelas presentes e futuras gerações, como herança Africana.

No povoamento de Cabo Verde participaram vinte e sete etnias Africanas (e.g. Fulas, Balantas, Mandingas, Bijagós e muitas outras). Em cada ilha fala-se de diferente maneira, apesar de em todas se falar o crioulo. A história e a cultura popular, são sem dúvida,

um recurso importante no desenvolvimento e promoção da identidade desta nação. A necessidade do reconhecimento do seu património cultural e artístico começa a sentir-se como fundamental no seio da nação Cabo-Verdiana, porque a cultura é uma das vertentes de afirmação do povo Cabo-Verdiano no Mundo.

-



Figura 2- Mapa de São Vicente Fonte© Internet

1.2 Mandinga do Carnaval da Ilha de São Vicente

Este estudo decorreu na ilha de S. Vicente (Fig. 2), a segunda ilha mais populosa de Cabo Verde, localizada no grupo de Barlavento, a noroeste do arquipélago. Com uma superfície de 227 Km² mede 24 Km de leste a oeste e 16 Km de norte a sul, sendo a sétima maior ilha do arquipélago. A cidade de Mindelo é o principal centro urbano da ilha e a segunda maior cidade do país, onde se encontra grande parte da população da ilha, que no seu todo, segundo dados do Instituto Nacional de Estatística (INE) de Cabo Verde, revelados pelo censo de 2010, conta com 76107 habitantes, o que representa 15,5% da população de Cabo Verde. A ilha é dividida em zonas, geralmente sediadas nas localidades homónimas. Além da cidade do Mindelo, outras localidades assinaláveis do concelho incluem a Baía das Gatas, Calhau, Salamansa e a aldeia piscatória de S. Pedro. A vida da ilha nasceu da encruzilhada obrigatória de barcos de todas as nacionalidades. A cidade do Mindelo tornou-se um ponto de encontro de marinheiros de todas as culturas, nos inúmeros locais de lazer e de prazer que proliferavam na cidade. Ao longo dos tempos, Mindelo foi-se tornando num centro cultural importante onde o desenvolvimento artístico, nomeadamente a música, o artesanato e o desporto acompanharam, à sua escala, os grandes centros culturais do mundo. Moacyr Rodrigues (2011:99), Doutorando em Ciências Musicais - Etnomusicologia e Investigador no INET-md da Universidade Nova

de Lisboa, a origem da manifestação Mandinga, no Carnaval de S. Vicente, data de 1940 e dever-se-á à passagem de um grupo de guineenses pelo Mindelo, rumo a Portugal, para participar na *Exposição do Mundo Português*¹, organizada pelo governo de António de Oliveira Salazar, que incluiu pavilhões temáticos, relacionados com a história de Portugal, atividades económicas, cultura, regiões e territórios ultramarinos.

Segundo esse investigador, o barco que levava os guineenses, passou por Cabo Verde, atracando no Porto Grande da ilha de S. Vicente. O aparecimento dos Mandingas tem a ver com a importância desse Porto Grande. Nessa altura, executaram uma ‘dança de caça’, no antigo Sokol, junto da Salina, acontecimento que ficou marcado na memória do povo do Mindelo. A partir daí as pessoas passaram a imitá-los durante o carnaval, e como os mandingas (Fig.3) eram na altura um dos povos mais conhecidos da então Guiné Portuguesa, o nome terá ficado.



Figura 3- Mandinga do Carnaval de São Vicente © cortesia de Maria Neves

1.2 Declaração do Problema

¹ <http://restosdecoleccion.blogspot.pt/2013/01/belem-e-expo-do-mundo-portugues.html>

Nas minhas atividades como professora, artesã e secretária da Associação de Artesãos de S. Vicente (CAMIN), licenciada em História, e amante da cultura Cabo-Verdiana, tenho vindo a perceber que determinadas tradições culturais da sociedade Cabo-Verdiana, nomeadamente os Mandingas, não têm merecido atenção adequada de investigadores, nem dos professores das escolas, não fazendo sequer parte dos currículos escolares da educação artística em Cabo Verde. Verifico também que esta tradição é uma manifestação que conta com a colaboração dos povos da periferia como público principal, pessoas de baixo nível de escolaridade, muitas vezes designadas pejorativamente com expressões ofensivas, tais como *cara podre* e *cara de lata*. Apesar do valor artístico e estético dos mandingas, evidenciado nas danças, trajes, pinturas corporais, movimentos e sons, este não tem ainda o reconhecimento da população em geral e é pouco entendido pelos Cabo-Verdianos.

1.3 Pertinência do Estudo

Uma das características essenciais da identidade Cabo-Verdiana está relacionada com a história e a cultura popular, recursos importantes da nação. A construção da identidade é um processo contínuo, que resulta da interação de cada um de nós com o meio, interação essa, que, associada aos códigos genéticos, constituirá não só a nossa identidade, como a nossa inteligência, os nossos medos e a nossa personalidade. A necessidade do reconhecimento do seu património cultural e artístico começa a sentir-se como fundamental no seio Cabo-Verdiano, porque a cultura e as artes são uma das vertentes de afirmação do Cabo-Verdiano no Mundo:

(...)a arte é um importante contributo para a nossa própria identidade e para o nível de consciência na sociedade em que vivemos” (Fróis et al., 2000: 126)

A tradição dos Mandingas envolve diferentes áreas artísticas (música, dança, expressão dramática e expressão plástica), logo a pertinência desse estudo reside em querer saber e descobrir, segundo um olhar etnográfico, o que representa tal tradição no seio dos Cabo-Verdianos e no final criar materiais que possam ser estudados em contextos escolares e num espaço museológico, interligando a escola à comunidade, trabalhando diversas áreas disciplinares de forma lúdica e pedagógica e contribuindo assim, para o desenvolvimento e reflexão desta manifestação cultural de valor artístico, que arrasta consigo multidões, de diversas ilhas e países. Tais atividades pedagógicas podem proporcionar a

oportunidade dos estudantes desenvolverem a sua personalidade de forma autónoma e crítica, constituindo um território de prazer, um espaço de liberdade e de vivência lúdica, que reforçará a afirmação do indivíduo, reforçando a sua autoestima e a construção da identidade, através de um processo de tradução, tal como Germann e Pereira referem:

Segundo Hall (2006), esta possibilidade se dispõe pelo que designa de “tradução”, isto é, a disposição das pessoas para dialogarem com as identidades culturais com as quais se relacionam, sem se ajustar simplesmente a elas. Disposição para conviver, valorizar e aprender com elas, forma recomendável para que se enfraqueça (ou elimine) o pensamento que tem alimentado, historicamente, o absolutismo étnico, racial, religioso, sexual, entre outros. (Germann & Pereira, 2013, p. 440)

Importante será ter consciência que a identidade precisa ser continuamente posta em questão, considerando que vivemos num tempo no qual os quadros estáveis de referência das identidades culturais étnicas, raciais, sexuais, religiosas, linguísticas e nacionais têm vindo a ser postos em causa e a sofrer alterações cada vez mais intensas e significativas, o que reforça a perspetiva pós moderna de Hall (2006), que contraria a ideia da identidade fixa, em favor do argumento de que identidades são múltiplas, diferentes, contraditórias e, em incessante e conflituoso movimento.

Por um lado, a educação deve fornecer ao indivíduo ferramentas necessárias ao seu desenvolvimento como um ser socio cultural e, por outro lado, ensiná-lo a utilizá-las de modo a melhorar a exploração do seu potencial. A sociedade deverá ter acesso à educação, em primeiro lugar, pois só assim se conseguirá uma mudança das mentalidades.

São ainda muitos os agentes educativos (nomeadamente, professores, encarregados de educação) que julgam as atividades de educação artística uma mera diversão e desperdício de tempo, que poderá ser utilizado a favor das disciplinas ditas nucleares. A educação patrimonial só passará a ser vista com outros olhos quando lhe for dada a devida importância que tem. De acordo com os Parâmetros Curriculares Nacionais de Cabo Verde (PCN Arte; 1997), a Educação deve propiciar o desenvolvimento do pensamento artístico e da perceção estética, que caracteriza um modo próprio de ordenar e dar sentido à experiência humana: o aluno desenvolve a sua sensibilidade, perceção e imaginação, tanto ao realizar formas artísticas, quanto na ação de apreciar e conhecer as formas produzidas pelo ser humano, pela natureza, nas diferentes eras e culturas. Segundo

Oliveira & Milhano (2010:50), as ideias de arte, sustentadas pelas correntes modernas de pensamento sobre a cultura e sociedade, vieram alterar o papel das artes no ensino, levando os educadores a desenvolver novas práticas, a fim de proporcionarem uma educação em risco com a globalização, mas que contribua, para o conhecimento e a criação das suas identidades pessoais.

Os educadores deverão ser impulsionadores das culturas minoritárias incentivando os alunos a pesquisar, a praticar alguns aspetos dessa cultura e a transmitir os conhecimentos adquiridos sobre o assunto, pois só assim elas não correm o risco de entrar em extinção. Apesar da área artística constar do currículo do ensino básico em Cabo Verde, o seu tempo letivo é de menor carga horária, sendo dada maior importância às áreas ditas nucleares. Durante a minha experiência profissional, tenho constatado que alguns professores, preocupados com a avaliação dessas disciplinas, acabam por usar o tempo dedicado às artes, para reforçá-las. Outros vão fazendo alguma coisa consoante o gosto, ou aptidão, principalmente em datas simbólicas como no dia do pai ou da mãe, mas sem uma planificação sequencial o que acaba por minimizar a importância dessa área na educação. A educação patrimonial é também uma área pouco explorada na educação básica em Cabo Verde, daí a intenção desta investigação pretender dar um contributo aos profissionais da educação, especialmente aos professores de Arte, incentivando-os a repensar os seus saberes e práticas e abordagens curriculares e um ensino em que as diferentes culturas tenham lugar, a diversidade seja respeitada e a homogeneização curricular dê lugar a conhecimentos e ações pedagógicas alternativas. A Arte e o seu ensino, tal como Ana Mae Barbosa explica (2003: 47):

não é apenas uma questão, mas muitas questões: não um problema, mas inúmeros desafios, uma tensão instalando estados de tensividades entre olhares, buscas e encontros aprofundados, pois Arte é conhecimento a ser construído incessantemente.

Ken Robinson, (2010) defendeu que a imaginação é tão importante para os alunos do século XXI como os números e as letras, apesar de as artes estarem quase sempre no fim da lista das prioridades do ensino escolar público e que as artes devem ser vistas como motor de transformação do sistema educativo.

1.4 Finalidades da Pesquisa

- Investigar as origens da manifestação tradicional dos Mandingas de Carnaval de S. Vicente, em Cabo Verde;
- Refletir sobre os contributos da investigação etnográfica, na promoção da identidade e da história local sobre a manifestação tradicional dos Mandingas de Carnaval de S. Vicente.

1.5 Questões de Investigação

- Qual a origem dos Mandingas de Carnaval de S. Vicente?
- Que alterações se têm introduzido na última década, na tradição dos Mandingas de Carnaval de S. Vicente, em termos sociais e artísticos?
- Que formas e elementos simbólicos e estéticos caracterizam esta manifestação?
- Como é que os Mandingas podem ser abordados na escola?
- O que pensam as crianças e os adultos sobre os Mandingas?

Assim, a promoção da identidade e da cultura local pode ser favorecida pelo diálogo e respeito pela experiência de cada um, mas também por um ensino que se configura como espaço de questionamento das experiências do quotidiano, tendo os conhecimentos científicos como fundamento básico. Afinal, o que se pretende é que os estudantes possam elaborar uma nova visão do mundo e da Arte.

Sumário

Neste capítulo foram abordados aspetos como a escolha do tema da investigação, pertinência do estudo e o problema de investigação em Cabo Verde. Foram listadas as finalidades e as questões da pesquisa e descrito o problema de investigação em Cabo Verde.

CAPITULO II – REVISÃO DA LITERATURA

2.1 Introdução e Finalidades

Neste capítulo definem-se os conceitos-chave relacionados com antropologia, etnologia e os mandingas de Carnaval de S. Vicente e apresenta-se uma revisão de teorias e práticas, com a finalidade de refletir sobre os aspetos da manifestação tradicional do mandinga, no contexto de Cabo Verde.

2.2 Definição de conceitos

2.2.1 Os conceitos de antropologia e etnologia estão, segundo a educadora de arte Angélica Lima Cruz (2017), na origem do termo antropologia cultural e explica que como *anthropos* significa homem e indivíduo e *ethnos* significa povo e comunidade de indivíduos, entende-se que a antropologia cultural estuda a cultura, ou seja, a maneira de ser da condição humana que se configura quer em manifestações fundamentais próprias de cada homem - *anthropos*, quer em manifestações sociais e coletivas expressas por cada povo- *ethnos*. A mesma investigadora alegou também no workshop relacionado com investigação etnográfica, no âmbito do Curso de Mestrado em Educação Artística que, no século passado, na Europa continental os dois termos eram usados indistintamente, porém na Inglaterra o termo antropologia era utilizado em detrimento do termo etnologia. Atualmente os dois termos são considerados como sinónimos em todo o mundo. O conceito de etnografia, foi por Cruz definido como a “escrita sobre os povos” e constitui a tradição descritiva da antropologia, sendo o termo usado tanto para referir o trabalho de descrever uma cultura, como o trabalho produzido. A mesma autora (idem, 2007) afirma ainda que para escrever sobre uma cultura é fundamental entender a outra forma de vida do ponto de vista nativo.

2.2.2 Mandinga é uma figura humana: guerreiro, trajado com saias feitas de cordas de sisal, búzios nos pés e lanças nas mãos, pintado nos seus corpos mulatos, brancos, e negros com tinta, carvão, e outras materiais, que lhes escurecem a pele. Antigamente

eram acompanhados por uma música alegre e bem sincopada por músicos mascarados tocando violões, cavaquinhos, banjos, tambores, garrafas e toda a espécie de percussão que as suas fantasias concebem do nada, ou do quase nada, radiantes vão pelas ruas num cortejo “grotesco” anunciando que o carnaval chegou porque são eles que iniciam e terminam o Carnaval. Atualmente arrastam multidões, utilizam diversos instrumentos musicais tais como: repinique, surdo, caixa, chocalho, ferrinho e instrumentos de sopro.



Figura 4- Mandingas trajados a rigor usando adornos (Cabeça, pescoço, braço, orelha e nariz)

Fonte: Nenass Almeida e Nelson Vicente Nunes



Figura 5- Outros adornos usados pelos mandingas (Cajado e Saia)

Fonte: Maria Neves



Figura 6- Instrumento usados atualmente nos desfiles de mandinga (agogô e ferro)

Fonte: Maria Neves



Figura 7- Outro instrumento utilizados nos desfiles de mandinga (surdo)

Fonte: Júlio Cesar

2.2.3 Rituais

Antropologicamente, os rituais definem os ritos de um grupo étnico, sendo desenvolvidos em diversos contextos e assumido funções cerimoniais, religiosas e outras, através das suas atitudes, crenças e valores, podendo-se distinguir na literatura especializada diferentes categorias de rituais, que contribuem deste modo, para a identificação da sua identidade. A observação de campos dos rituais dos Mandingas no contexto Cabo-verdiano, põe em evidência a sua riqueza como manifestação cultural de património imaterial, não individualizado, mas coletivo. Ellen Dissanayake (1999, p.48) refere também que os rituais explicam o inexplicável. A origem dos rituais pode ser coletiva ou privada, mas no final, de acordo Hatzfeld (1997, 125-126) é sempre atividade coletiva simbólica, em que o fazer (ação) e o dizer (expressão) não se distinguem. O ritual é o fim da tensão e angústia que perseguem o ser humano, aconselhando-o como se deve sentir e agir. É aos rituais que se deve a educação dos sentimentos, como afirmou o mesmo investigador (ibidem, p.130).

2.2.4 João Lopes Filho, (2003:24) relaciona património imaterial com tradição oral, vida psíquica, língua, religião, superstições, bem como os jogos e recreios, medicina

tradicional, rituais, mitos, tradições, ciência popular, caracterizando-se, ainda, pela observação da organização social, das hierarquias, relações entre os sexos e famílias, educação das crianças, práticas e crenças relativas ao nascimento, casamento, morte, regime de propriedade e justiça, sociedades secretas, fórmulas de polidez, guerra, e o comércio. A Educação Patrimonial é, evidentemente, um ato Pedagógico e, como tal compreende uma dimensão didática. Conforme acentua António Cioffi, (2003: 9) estamos perante um caso de “educação no sentido mais amplo a começar pela capacidade de educar e tirar para fora as potencialidades da vida civil, intelectual e moral de cada aluno com o estudo das matérias que é necessário aprender e aprofundar através de uma aproximação correta ao conhecimento histórico”. Sem tal conhecimento não é possível uma cognição correta dos bens culturais que todos eles estão inseridos no contexto histórico. Há, pois, que apreender os contornos desse contexto para um entendimento adequado da importância do património cultural das nossas vidas. Todas essas razões levam a que a Educação Patrimonial, matéria aparentemente simples, se torne, por vezes, numa questão complicada e intrincada, já que implica competências que é necessário ajudar desenvolver e a interrelacionar. Entra aqui a escola. Entra aqui o professor como mediador. Mas a complexidade da Educação Patrimonial requer docentes motivados e preparados para essa exigência. Ainda segundo Cioffi (2003), são urgentes cursos de formação, de atualização, de aperfeiçoamento na lógica de formação contínua. Trata-se aqui de usar os patrimónios como fonte histórica para a construção do saber histórico, e ainda de aliar o forte impacto afetivo e emotivo do contacto direto com os Bens culturais e dos cuidados a ter com eles. Neste sentido, a Educação Patrimonial é igualmente uma educação para os valores e para a cidadania. E porque tem esta dimensão de Educação cívica é que deve começar pelos mais novos no respeito e na fruição do património que é pertença de todos. Esta etapa ajuda a valorizar os bens patrimoniais, a prevenir a degradação, a incúria e o abandono a que muitos bens culturais estão votados, tantas vezes por aqueles que são responsáveis pela sua proteção. O papel do professor é o de ensinar a saber ver para poder fruir do bem cultural. Saber vê-lo e, se possível apropriar-se dele por aquilo que o bem é e representa e não porque se trata (mas nem sempre) de uma coisa bela ou antiga. A importância do património advém dele ser um testemunho da cultura à qual pertencemos e um instrumento para o conhecimento da civilização de que descendemos. Trata-se, finalmente, de criar cidadãos conscientes dos bens e dos recursos da sua própria terra e de permitir relacioná-los com os outros bens culturais do país e do Mundo.

2.3 -77 Anos de Estória da Tradição da Mandinga- De Bijagós ao Mindelo

Quando, em 1940, o ditador português António de Oliveira Salazar organizou a Exposição do Mundo Português em Lisboa, estava longe de imaginar que iria unir o arquipélago dos Bijagós, na Guiné-Bissau e a ilha de São Vicente, no arquipélago de Cabo Verde. Para essa famosa exposição, Salazar mandou levar a Lisboa representantes das comunidades das regiões do mundo por onde os portugueses tinham andado, do Oriente ao Ocidente, da Ásia às Américas, incluindo os representantes das colónias africanas.

De Cabo Verde, terá ido de barco uma comitiva chefiada pelo famoso compositor Francisco Xavier da Cruz, conhecido como B. Leza, que, segundo rezam alguns livros e investigadores terá ficado furioso quando, ao chegar ao lugar da exposição, em Lisboa, encontrou o “stand” de Cabo Verde cheio de palhotas africanas. Cioso da sua cultura crioula cabo-verdiana, B. Leza terá ameaçado vir-se embora para Cabo Verde, tendo a organização prontamente substituído as palhotas por uma habitação típica cabo-verdiana, o que fez com que B. Leza e os restantes músicos cabo-verdianos tivessem resolvido ficar. Um trovador patriota e contestatário, B. Leza. Reza também a História, devidamente fundamentada pelo investigador cabo-verdiano Moacyr Rodrigues, que uma comitiva de bailarinos, vindos das verdejantes ilhas do arquipélago dos Bijagós, na Guiné-Bissau, desembarcou em 1940 no Porto Grande da árida ilha de São Vicente, em Cabo Verde, na viagem que os levaria a Portugal para essa mesma exposição. Terão dado um espetáculo na zona da Salina, hoje Praça Estrela, que terá causado um grande impacto nas curiosas e criativas gentes da cidade do Mindelo, sempre ávidas de novidades, condições normais dos habitantes de cidades-porto, sempre à espera que o mar lhes traga coisas novas. Segundo Moacyr Rodrigues, logo no Carnaval seguinte havia mindelenses vestidos a imitarem esses bailarinos e as suas danças africanas, que caíram no gosto dos mindelenses, particularmente nos bairros mais pobres, onde a simplicidade dessas vestimentas caiu como uma luva. Nesse mesmo ano, o investigador diz que houve uma outra figura, os agentes da Gestapo, que também fez muito sucesso no carnaval mindelense. Muita gente se vestiu de agentes da famosa e temerária polícia do ditador nazi Adolf Hitler, isso em plena II Guerra Mundial.

O Carnaval é isso, imitação e sátira destemida, desde os seus primórdios na antiga Grécia há mais de 4 mil anos. Ainda hoje, muita gente tem dificuldade em lidar com o carácter irreverente, a raiar o escandaloso, que o Carnaval acarreta. Apesar de não se conhecer a fundo a origem desta festa que atravessou os tempos até atingir o seu clímax na criouldade das Américas, onde os crioulos a adotaram e a tornaram a maior manifestação cultural do planeta, acabou por se afirmar como símbolo da modernidade, de quebra, mesmo que temporária, de preconceitos e tabus. Mas se os bailarinos que atuaram no Mindelo eram Bijagós, qual é o motivo para os seus imitadores terem passado a denominar-se Mandingas? Um mistério ainda por esclarecer. A costa ocidental africana é rica em etnias, diversidade que se reflete entre os emigrantes africanos que hoje habitam em Cabo Verde.

Se hoje chamamos erradamente a todas as etnias africanas entre nós de Manjacos, sem nos preocuparmos de que etnia são, não é de se estranhar que alguém tivesse decidido chamar de Mandingas aos bailarinos Bijagós que passaram pelo Mindelo naquele longínquo ano de 1940. Para todos os efeitos, os Mandingas, um dos maiores grupos étnicos da África Ocidental, são uma etnia muito mais mediática. São descendentes do famoso Império do Mali, sendo na sua maioria muçulmana, e consta que serão os ascendentes de uma boa parte dos negros da América do Norte. No Brasil, aos Mandingas, por serem mais instruídos do que os outros escravos, eram-lhes conferidas posições de confiança, e mesmo de controlo dos outros escravos.

Uma história muito diferente da dos Bijagós, uma etnia com pouca expressão populacional e que se refugiou num arquipélago da Guiné, fugindo de conflitos com outras etnias mais numerosas. De todo o modo, as saias dos Bijagós são há muito usadas no Carnaval de Bissau, como me contaram muitos amigos que cresceram na Guiné. Em Cabo Verde, por serem crioulos mestiços, os cabo-verdianos têm de se pintar de preto para imitar os seus ancestrais guineenses; se tivessem que imitar os seus ancestrais europeus, teriam de se pintar de branco – imaginemos um grupo carnavalesco de cabo-verdianos a tentarem imitar os dançarinos transmontanos ou minhotos. Esta é a dicotomia existencial dos povos crioulos e mestiços, que são o somatório dos seus ancestrais, não sendo nem um nem outro, algo muito mal compreendido até hoje, particularmente devido a intervenções ideológicas e outras. E essa dicotomia vai muito para além da cor da pele.

Em 2020 os Mandingas do Mindelo completarão 80 anos de uma história que resistiu durante todo este período, com altos e baixos, com maior e menor popularidade. Sinal de que vivemos numa sociedade cada vez mais urbana, os Mandingas de hoje arrastam milhares de pessoas com eles, já não sendo um pequeno número de bailarinos solitários, que andavam pelas ruas do Mindelo a assustar as crianças, como acontecia na minha infância. Hoje, as crianças de todas as classes sociais querem vestir-se de Mandingas pelo Carnaval e estou convencida de que o fenómeno irá crescer no futuro. Também estou certa de que, no dia em que o carvão de pilha e óleos usados forem substituídos por tintas apropriadas, o número de bailarinos Mandingas no Mindelo e em todo o Cabo Verde irá crescer exponencialmente.

A cidade do Mindelo deveria começar a preparação dos 80 anos de História dos Mandingas. Gostando-se ou não, os Mandingas são hoje um dos maiores fenómenos culturais de rua deste país, constituindo-se aos poucos num dos maiores atrativos do já turístico Carnaval do Mindelo. É só ver as expressões nas caras do número crescente de turistas que ano após ano acompanham e participam nos desfiles dominicais dos Mandingas. Da mesma forma que hoje há emigrantes e turistas que se metem num avião para virem desfilarem nos grupos carnavalescos do Carnaval do Mindelo, haverá, num futuro próximo, muitos que o farão para saborear a experiência única de desfilarem seminus, com os corpos pintados de preto, a imitar os guerreiros Bijagós, apelidados por cá de Mandingas, dançando ao ritmo irresistível da música crioula de origem africana dos cortejos.

As forças vivas e as autoridades do Mindelo têm de compreender o papel que esta cidade sempre desempenhou na história de Cabo Verde: a de farol que indica o futuro, de porta de entrada das novidades, a terra, por excelência, das indústrias criativas; esta é uma das essências do Mindelo e que não pode ser coartada, principalmente nesta época de globalização e arranque rumo ao turismo urbano e cultural que deverá ser o futuro destas ilhas. Sugiro que se comece por uma visita ao arquipélago dos Bijagós para entender a origem do fenómeno. Eu serei dos primeiros a inscrever-me na comitiva. Do Mindelo a Bolama, de um arquipélago lusófono para outro arquipélago lusófono, dois povos unidos por laços ancestrais genéticos, culturais e históricos e que se podem entender de forma bilingue em crioulo e em português, mas, sobretudo, que podem comunicar através do ritmo e da dança dos Bijagós/Mandingas. De seguida, a natural

geminção entre o Mindelo e Bolama, a capital do arquipélago dos Bijagós. E, para culminar, a vinda em 2020 ao Carnaval do Mindelo de um grupo de bailarinos Bijagós, recriando uma viagem com 80 anos de História e unindo culturalmente dois povos irmãos através daquilo que mais gostam de fazer: tocar, dançar e respirar cultura. Consigo imaginar o êxtase cultural e emocional que será ver bailarinos Bijagós vindos da Guiné a dançarem misturados com os Mandingas crioulos dos vários bairros do Mindelo, numa irresistível cadência marcada pelos tambores surdos de origem brasileira, bem acompanhados pelo ritmo dos ferrinhos de fabrico local (aqui no Mindelo, é ferro e tambor) que marcam o compasso que permite o solo dos instrumentos de sopro de origem europeia. Eu chamaria a isso, simplesmente, cabo-verdianidade, à qual os bailarinos Bijagós não terão certamente dificuldades rítmicas em se adaptar. A estória dos Mandingas do Mindelo e dos seus antepassados Bijagós é mais um cartaz turístico a acrescentar aos muitos que esta cidade plantada numa das baías mais bonitas e turísticas do mundo poderá oferecer a quem a visita, em mais um roteiro cultural que pode ser explorado pelos guias turísticos durante o ano todo, e que poderá acrescentar mais postos de trabalho a esta que é a maior indústria criativa nacional: o Carnaval. Haverá emprego melhor do que ser Mandinga profissional o ano todo, ganhando em euros e em dólares? Ariáá!!!!

Esta investigação encontra na tradição dos Mandingas, o composto de diversas culturas, sendo pois a caracterização de uma variada gama de expressões do seu modo peculiar e próprio de pensar, sentir e viver o quotidiano e do seu comportamento face aos espaços individuais, sociais e físicos envolventes, que em conjunto definem a sua cultura. O mais importante do Cabo-Verdiano é a cultura, resultante da miscigenação de diferentes povos.

2.4 Educação Artística em Cabo Verde

Refletir sobre a evolução da área artística em Cabo Verde obriga a recuar um pouco no tempo, aos anos que antecederam a Reforma do Ensino 1980. Nessa altura vigorava o Ensino Básico Elementar (1ª à 4ª classe) e o Ensino Básico Complementar (1º e 2º anos do Ciclo Preparatório). O ensino das artes era pouco expressivo nas quatro primeiras classes, onde a preocupação era focada nas disciplinas consideradas nucleares. No Ciclo Preparatório, havia as disciplinas de Desenho e de Trabalhos Manuais, Canto Coral e frequentemente faziam-se pequenas peças de teatro.

Foi nos anos noventa, com a Reforma do Sistema Educativo 1994/95 que o ensino obrigatório se estendeu para seis anos de escolaridade (regime de monodocência), que a Área das Expressões foi considerada de grande importância para o desenvolvimento integral da criança. Foram adotadas significativas mudanças, que envolveram criação de novos programas e mais tarde, guias para os professores, passando também a constar nos planos de estudo tempo específico para as Expressões (programa do Ensino, 2016 p.5).

O programa refere que a educação artística deve partir da ideia de que está inserida no ambiente afetivo e social em que vai desenvolver o seu processo de socialização, isto é, desenvolver a forma de ser e de estar no mundo, processo em que são centrais as linguagens artísticas (musical, dramática, plástica). Pode ler-se também que as aulas de Educação Artística podem proporcionar às crianças o contato com o quotidiano, natural e cultural e o contacto com obras de artistas nacionais e internacionais.

Tais orientações curriculares permitiram que as crianças entrassem em contacto com o mundo sensível, agindo sobre ele com afeto, motricidade e construíssem para si um repertório perceptivo de formas, cores, texturas, sabores, gestos e sons, atribuindo a este mundo, sentidos e organizações diferentes. O professor deve considerar estes conceitos já construídos e colocar o desafio também nos valores estéticos e confrontar as crianças com manifestações culturais, tendo para tal a possibilidade de consultar artigos relacionados com educação patrimonial. Também Ana Mae Barbosa (1984) ao tratar da importância das imagens de Arte na Educação, afirma que o resgate do conhecimento de Arte pode ocorrer através do contato/diálogo das crianças com as imagens.

A imagem significa algo a ser lido e que pode ser levado às salas de aulas para que as crianças possam estabelecer o contato visual e estético. Abordar arte sem que se ponha à disposição das crianças a imagem, é como querer alfabetizar para a leitura e escrita sem disponibilizar os livros às crianças. O contacto com as favorece o desenvolvimento de competências perceptuais das crianças e reflete-se na sua expressão. Atuando expressivamente, a criança aprende a vivenciar formas de ser e de estar no mundo. O desenvolvimento da expressão acontece a par do seu desenvolvimento afetivo, cognitivo e motor e resulta do exercício de conhecimento do mundo, o que lhes facilita o desenvolvimento sensorial e corporal. Desta forma, e desde bem pequenas que as crianças

convivem com o desenvolvimento de linguagem, traduzidas em signos e símbolos com significado cultural. A vivência do mundo simbólico e a ampliação das experiências percetuais permite-lhes conhecer melhor e valorizar a sua cultura, rituais, arte e tradição. Aprender sobre arte, nesse sentido, envolve fazer trabalhos artísticos, apreciar e refletir sobre as formas da natureza e produções artísticas individuais e coletivas de distintas culturas e épocas, desenvolvendo progressivamente um percurso de criação e expressão pessoal.

A UNESCO (2006) refere ainda que, ensinar a Educação Artística significa organizar situações de ensino/aprendizagem adequadas a cada grupo ou turma, tendo em conta os aspetos de desenvolvimento cognitivo e as vivências já construídas pelo grupo turma. O professor tem de conhecer o fazer artístico, só assim consegue contribuir para o crescimento dos seus alunos, criando situações pedagógicas que os ajudem a conhecer e compreender o seu património natural e cultural. O papel da arte na educação tem sido preocupação de muitos pedagogos que tentam interpretar a sua relação com o desenvolvimento da criança. Uns consideram que as outras áreas do saber têm um papel mais relevante, outros defendem que a arte constitui um ponto de partida para outras aprendizagens. Nos seus jogos de faz de conta a criança vivencia situações do seu quotidiano, fala com as personagens que cria, dá significados novos a objetos do seu dia-a-dia. Basta ter uma boneca para se sentir mãe e relacionar-se com ela como tal. Uma caixa pode ser um carro, uma garrafa transforma-se num avião ou num instrumento de música. Usa a sua imaginação criadora, inventa, dá vida aos objetos. Utiliza a voz e o corpo como instrumento de comunicação e representação musical, explora materiais diversos para conhecer as suas potencialidades sonoras. Executa movimentos do corpo, quando escuta uma música. A descoberta do seu próprio corpo e da sua voz, a exploração das propriedades dos materiais, o manuseamento e a modificação de objetos, permitem responder às finalidades da área artística, que, segundo o programa do Ensino Básico de Cabo Verde (2010, p.4) refere, a inserção da Educação Artística no Ensino Básico se justifica pelas finalidades sociais, morais, técnicas e estéticas das diversas linguagens, Plástica, Musical e Dramática, o que contribui para o enriquecimento da personalidade, formação da sensibilidade e promoção da cultura geral de cada estudante. No Decreto legislativo nº 2/2010, artigo 22º, destacam-se alguns dos seguintes objetivos:

- Favorecer a aquisição de conhecimentos, hábitos, atitudes e habilidades que contribuam para o desenvolvimento pessoal e para inserção do indivíduo na sociedade;
- Desenvolver capacidades de imaginação, observação reflexão, como meios de afirmação pessoal;
- Desenvolver a criatividade e a sensibilidade artística;
- Desenvolver atitudes positivas em relação ao trabalho manual.
- Promover o conhecimento, apreço e respeito pelos valores que substanciam a identidade cultural Cabo-Verdiana (programa de Educação Artística, 2010, p.5).

Título do Projeto *Mandinga de Carnaval de S. Vicente*

Introdução e Finalidades

Este Projeto “Mandinga de Carnaval de S. Vicente”, foi desenvolvido no Pólo Educativo nº 19 de Campim, da Escola Anísia Cíbele Lima do Rosário, entre os meses de Setembro e Fevereiro no 5º e 6º ano, e nos meses de janeiro e fevereiro foi desenvolvido num formato de atelier em todas as turmas, que compreendeu cerca de 30 aulas de uma hora horas semana e teve as seguintes finalidades:

- A. Desenvolver conceitos sobre o próprio, o mundo e a forma como a interação humana (caso dos Mandingas da Guiné), pode influenciar a vida dos povos (impacto dos Mandingas da Guiné no povo de S. Vicente-Cabo Verde);
- B. Explorar elementos inerentes às diversas Expressões Artísticas (plástica, musical, dança e drama) e a forma como diferentes culturas encerram e comunicam as suas crenças através dos símbolos visuais que produzem;
- C. Desenvolver capacidades de expressão e comunicação, a partir da compreensão dos processos que os artistas, designers, artesãos duma cultura usam, quando retiram os símbolos e imagens de formas de arte de outras culturas e lhes incorporam novos significados;
- D. Utilizar adequadamente materiais e técnicas relacionadas com as diversas expressões;
- E. Proporcionar momentos lúdico – pedagógicos, relacionados com o desfile de carnaval, nas vertentes Plástica, Musical e Dramática;

F. Reforçar atitudes de cidadania, a partir da exploração da canção Uni Mandinga, e da sua mensagem positiva para a sociedade.

Métodos de Recolha de Dados

Durante o desenvolvimento do projeto os dados foram recolhidos a partir da observação, registos de vídeo, fotografia, registos escritos da investigadora e dos alunos, desenhos e pinturas e performance final dentro e fora da escola.

Professores Participantes e Estudantes

Neste projeto participaram 7 professoras do Ensino Básico sendo a gestora formada em Língua Portuguesa e Estudos Cabo-Verdianos, a professora Gilda Coadjuvante da gestora fez o Instituto Pedagógico, a professora Elsa licenciada em Educação Infantil, lecionou o 1º ano com 16 alunos sendo 8 masculino e 8 feminino, a professora Lucrécia Lima licenciada em Educação Artística, trabalhou o 2º ano com 30 alunos, sendo 17 masculinos e 13 femininos. A professora Vera Bans fez o Instituto Pedagógico, licenciou o 3º ano, com 32 alunos, sendo 18 masculinos e 14 femininos. Luísa Viúla fez a segunda fase de FEPROF, lecionou o 4º ano com 23 alunos, sendo 6 masculinos e 17 femininos. A professora Maria dos Anjos licenciada em História e a professora Lurena Delgado Mestre em Ciências Sociais lecionaram o 5º ano com 24 alunos (11 masculinos e 13 femininos) e 6º ano com 22 alunos 9 masculinos e 13 femininos (pluridocência) eu lecionei as disciplinas de Língua Portuguesa, Estudos Sociais e as áreas artísticas (Expressão Musical, Expressão Plástica, e Dramática) e ela lecionou as seguintes disciplinas: Matemática, Cidadania, Educação Física e Ciências Naturais). Nesse projeto participaram o total de 147 alunos, com idade compreendida entre os 6 aos 13 anos. É de referir também que houve envolvimento das duas cozinheiras (dona Joana e dona Ceú) e também da servente a dona Carla e o guarda Alcindo.

Relativamente a Encarregados de Educação participaram diversos, cada turma desde do primeiro ao sexto solicitaram ajuda.

Sumário dos Conteúdos e Atividades do Projeto

Este tema foi selecionado pois tinha por objetivo ser introduzido no currículo escolar da Escola Anísia do Rosário, pois iria exigir o envolvimento de toda a comunidade educativa, ciente que esse projeto traria grandes benefícios, para a formação pessoal de

todos e a nível da educação artística permitiria interligar interdisciplinarmente várias expressões e trabalhar vários conteúdos e atividades.

O que também motivou todos a desenvolver este projeto foi terem já previamente colaborado na organização de atividades carnavalescos, que decorreram com muito êxito, onde os alunos, professores e pais/ encarregados de Educação trabalharam de forma lúdica- educativa aspetos que dizem respeito a cultura Cabo Verdiana. Por exemplo, no ano de 2016 o tema abordado fora o da tradição oral, tendo-se envolvido todas as áreas disciplinares. Confeccionamos as personagens que dizem respeito às nossas histórias tradicionais, tais como Ti Lobo, Chibinho, Tia Ganga, Blimundo, Canilinha Capotona, Cachorrone e outras que foram recontadas através do recurso à dramatização das mesmas. É de referir também a experiência da investigadora, para além de artesã e historiadora, como compositora de músicas de Carnaval na sua escola, tendo já realizado mais três composições. No ano de 2017 foi convidada a criar mais uma música para o Carnaval do Grupo do Campim da Zona, onde a investigadora também colabora. A música foi composta, apesar de ter sido num tempo muito limitado, mas fê-lo com muito prazer para o Carnaval da zona onde trabalho. Apesar de ter sido também convidada pela gestora a compor uma para a Escola Padre Cristiano em Chã de Alecrim, foi obrigada a recusar por falta de tempo.

Calendarização das sessões do Atelier:

1 13/09/16	Apresentação do projeto à gestora e aos professores, na reunião de preparação metodológica (planificação de atividades).
2 19/09/16	1º Dia de aulas- conversa sobre o projeto com os alunos das turmas do 5º e 6º anos.
3 26/09/16	Visita dos alunos ao Quintal das Artes- convidado pelo grupo <i>Underground</i> (grupo de artistas da Holanda, França, Israel, e Inglaterra), que ensinaram aos alunos diversas técnicas de pinturas em suporte Cartão e utilizaram tinta de água.

4 23/10/16	Visita às zonas da Ribeira Bote, Ribeirinha, Espia, Fonte Filipe, no intuito de convidar todos os presidentes dos Mandingas (Azul, Areia Branca e Tradicional/pintura negra).
5 24/10/16	Reunião com os presidentes dos Mandingas, com o objetivo de divulgar o projeto e também de lhes solicitar esclarecimentos sobre a sua atividade.
6-10 12, 13, 14, 15, 16/12/2016 (5 sessões)	Desenho e pintura na tela – Artista plástica Severo; Apresentação dos trabalhos na feira (Urdi) no Centro Nacional de Artesanato (dia 16).
11 17/12/16	Participação dos alunos na feira (Urdi).
12-16 21, 22, 23, 27 e 29/12/2016	Ensaio da música <i>Uni Mandinga</i> , da autoria da investigadora. No dia 27 a investigadora receberam a visita de outro convidado, D. Manuel Fortes (Naiss) no atelier da mesma, a fim de discutirem alguns assuntos do projeto, tais como desenho e construção de alguns instrumentos musicais (em formato de mesa), utilizados para tocarem ao ritmo dos Mandingas.
17 03/01/17	Apresentação da música ao Sr. Samú (dono do <i>Stúdio</i>) e negociação do orçamento da gravação, foi financiada pela agência Polaris.
18-21 De 04 a 07/01/17	Gravação da música <i>Uni Mandinga</i> , pelo Dr. Jair Pinto e Sr. Samú.
22 06/01/17	Contato com o Dr. Moacyr Rodrigues, historiador de Cabo Verde, para fazer uma palestra na Escola sobre a História dos Mandinga de S. Vicente.
23 13/01/17	Entrega do CD gravado, com a música do Carnaval da Escola Anísia do Rosário, pelo Sr. Samú, no seu <i>Stúdio</i> , estúdio de música.

24 14/01/17	Ensino/Aprendizagem da música de Carnaval em todas as salas do 1º ao 6º ano.
25 20/01/17	Contato com o Dr. Jair Pinto, para negociação da gravação de um vídeo Clip da Música dos Mandinga.
26 21/01/17	Contato com o Sr. Cialdino (escultor), discussão sobre a confeção de andores.
27 23/01/17	Contato com o Sr. Micau, com o objetivo de gravar 10 CDs para divulgação da música <i>Uni Mandinga</i> , criada pela investigadora.
28 24/01/17	Distribuição dos CD à gestora, aos 5 presidentes dos Mandingas, às Estações de Rádio (Nacional, Nova, Morabeza), e ao presidente da Câmara Municipal de S. Vicente, Dr. Augusto Neves.
29 25/01/17	Entrevista da investigadora, mentora do projeto, à <i>Rádio Nova</i> .
30 26/01/17	Renegociação de data da Palestra do Dr. Moacyr Rodrigues, por se encontrar internado no Hospital Baptista de Sousa.
31 27/01/17	Participação da investigadora, mentora do Projeto, numa entrevista na <i>Rádio Morabeza</i> , juntamente com Jorge Gomes (presidente de Mandinga de Areia Branca), para falar de como surgiu a música; Aula de Música e ensaio da Música <i>Uni Mandinga</i> ; Criação da coreografia para a música, na aula de Expressão Dramática; Confeção de adornos para cabeça, na aula de Expressão Plástica.
32 28/01/17	Reunião de pais e encarregados de educação para discutirem assuntos sobre o projeto de Carnaval; Contacto com o Dr. Moacyr Rodrigues, para acordar o dia da Palestra na Escola.
33 29/01/17	Contacto com o Dr. Moacyr Rodrigues, para acordar o dia da Palestra na Escola.
34 30/01/17	Palestra com o Dr. Moacyr Rodrigues e o presidente dos Mandingas na Escola na Escola Anísia do Rosário no salão.

35-59 De 1/02/17 até 24/02/17	Trabalho intensivo em todas as salas do 1º ao 6º anos, envolvendo alunos, professores, pais e encarregados de educação, artesãos, Mandingas, na confeção de adereços (saías, coroas, ensaios da dança...) Associação Novos amigos que ajudou na vésperas e no dia desfile (23/24 de fevereiro) na soldagem e decoração do carro alegórico) bem como o carro de som aparelho e segurança dos alunos durante o desfile. Grupo batucada do Grupo Carnavalesco do Monte Sossego, na realização da batucada em que levaram diversos instrumentos no dia 24 de fevereiro. Delegada do Ministério de Educação, Câmara Municipal de S. Vicente, algumas empresas (Polaris, Eletra, Matexplas, Matec, Enapor) em que enviámos-lhes algumas cartas explicando-lhes o que queríamos fazer e com que objetivo e responderam-nos positivamente) e envolvemos toda a comunidade educativa.
60 20/02/17	A gestora e mentora do projeto realizaram uma reunião com os professores, onde discutirmos assuntos sobre o projeto, nomeadamente a inventariação das necessidades a nível de trajes e adereços.
61 21/02/17	Visita da Jornalista Matilde Dias e a sua equipa de trabalho, funcionários da RTC (Rádio e televisão de Cabo Verde) à Escola, pelas 16h00. Ela é a realizadora do Programa <i>A Revista</i> , um programa muito conceituado, que retrata muitos aspetos da cultura Cabo Verdiana. Ela fez uma síntese de todos os trabalhos que tínhamos vindo a realizar no âmbito desse projeto (entrevistou-me, na qualidade de mentora do projeto, assim como alguns dos alunos, pais e encarregados de educação, artesãos, Mandingas, e gestora da Escola); Às 19 horas participei no programa <i>Sociedade Aberta</i> , como convidada do diretor da Rádio Televisão de Cabo Verde, Dr. Odair Santos, o que me fez sentir realizada, pois tive a oportunidade de promover esta tradição cultural e debater o fenómeno Mandinga de Carnaval de S. Vicente com o Dr. Odair Santos. Na discussão participaram também o Sr.

	David Leite o presidente do grupo carnavalesco Samba Tropical e o grande músico Vlamir Ferreira, conhecido por Vlú.
62 22/02/17	Contato com o Artista Plástica João Evangelista Fortes para confecção da bandeira (pintura/ Mandinga) e visita com o Dr. Manuel Fortes (Naiss) à oficina do Carpinteiro Gaga, para verificar os trabalhos, construção de mesas com o formato de alguns instrumentos usados na tocatina de ritmos dos Mandingas.
63 23/02/17	Recebemos o Vídeo Clip da Música <i>Uni Mandinga</i> , feito pelos professores: Alcindo Moreno, Jair Pinto e Erika Chandre; Ensaio no pátio da Escola, da marcha, coreografia, etc para o desfile do dia 24/02/17, com todos os professores e alunos do turno da manhã; Ida ao Caís Acostável, para buscar o atrelado, para a confecção do carro alegórico; conclusão dos andores, soldagem do carro alegórico, feito pelo Sr. Cialdino, e vários elementos da Associação ' <i>Novos Amigos</i> '; Contato com o Grupo <i>Batucada Monte Sossego</i> e com o seu presidente Edir e a D ^a . Jandira (elemento da Associação ' <i>Novos Amigos</i> ') para ver se tudo estava preparado para o grande desfile do dia 24/02/17; Ensaio da batucada e empréstimo da aparelhagem para a música <i>Uni Mandinga</i> ; Apanha da areia para "pintura" corporal.
64 24/02/17	Entrega das mesas em formato de instrumentos musicais, feitas pelo carpinteiro Gaga, para a decoração do carro alegórico; Participação no grande desfile de Carnaval 2017, dando grande contributo para divulgação/preservação da manifestação tradicional e mudança de atitudes preconceituosas.
65-67 25, 26 & 27/02/17	Entrega do atrelado, tapete, ferramentas. Receção de passageiros (Cabo-Verdianos e turistas no cais acostável) que tinham sido convidados pelo diretor da Agência de Viagem Polaris, patrocinador da Gravação da música e do Vídeo Clip <i>Uni Mandinga</i> e contou com a participação de 10 pessoas. Essa receção serviu para demonstrar que os Mandingas do carnaval de S. Vicente é um produto turístico.

68 07/03/17	7/03/17 Reunião do Pólo para o balanço do Carnaval 2017. Segundo todos os colegas, foi muito bom, houve envolvimento de todos no projeto e quando é assim todos nós saímos a ganhar.
----------------	--

Total: 68 sessões, tendo algumas envolvido apenas a investigadora e colaboradores do projeto (professores, investigadores, parceiros das Rádios, com os estudantes foram desenvolvidas apenas 20 sessões).



Figura 8-Preparação das telas para o ensino aprendizagem de técnicas de pintura pelo artista plástico Severo, Investigadora e os alunos do 6ºAno.

Fonte: Maria Neves e um aluno



Figura 9- Participação dos Alunos na Feria de Artesanato no CNAD (URDI), com os seus trabalhos.

Fonte: Maria Neves



Figura 10- Palestra com o Dr. Moacyr Rodrigues e os Presidentes dos grupos Mandingas

Fonte: Maria Neves



Figura 11-Desenho e pintura sobre Mandinga

Fonte: Maria Neves



Figura 12- Participação de Artesãos e Mandingas de Espia no confeccionamento de adornos de mandinga

Fonte: Maria Neves



Figura 13-Desenho de trajes de Porta-bandeira, Mestre-sala, Rainha e Rei do carnaval da Escola Anísia Cíbele Lima Do Rosário feito pela Estudante Universitária Josina Rodrigues.

Fonte: Maria Neves



Figura 14- Patrocinadores do projeto (Electra, Enapor, Matec)

Fonte: Maria Neves



Figura 15- Escultura de Mandinga feito pelo escultor Cialdino

Fonte: Maria Neves



Figura 16- Mesas em formatos de instrumentos de mandinga para decoração do carro alegórico e também o espaço museológico

Fonte: Maria Neves



Figura 17-Preparação do carro alegórico (Cialdino, os elementos da associação Novos Amigos e Pais e Encarregados de Educação)

Fonte: Maria Neves



Figura 18- Carro Alegórico decorado

Fonte: Maria Neves



Figura 19- confecção da bandeira pelo artista plástico João Fortes

Fonte: Maria Neves



Figura 20-Participação da investigadora no programa sociedade aberta

Fonte: Maria Neves

Objetivos Específicos do Atelier

Conteúdos abordados: Cultura; Identidade; Mandinga; Estereótipos; Preconceitos.

Recursos: Fotografias e Gravações em Vídeo da Manifestação Tradicional Mandinga

Atividades

A. Os estudantes ouviram a estória dos Mandingas em Cabo Verde, contada pela investigadora. Mandinga foi definido como sendo uma das figuras marcantes do Carnaval de São Vicente. Falaram sobre a festa do Carnaval e definiram-na como sendo uma das manifestações culturais que mais representa a ilha de S. Vicente e sendo um dos momentos mais aguardados pela população de São Vicente onde crianças e adultos se rendem completamente à sua magia.

- B. Leitura de textos e relatos sobre a celebração dos Mandingas do Carnaval de S. Vicente e das atitudes que levam as pessoas a pensar, raciocinar, sentir e agir de forma favorável ou desfavorável face a um grupo, ou aos seus membros individuais (preconceitos); Estereótipo foi abordado com os alunos através da análise das imagens (rótulos) que pessoas de um grupo social atribuem às pessoas de outro grupo social (comentário de ‘cara podre’), baseados em argumentos não comprovados, ou seja, cria-se e desenvolve-se uma imagem falsa desse mesmo grupo social.
- C. Análise de imagens relacionadas com os desfiles dos Mandingas e observação e análise dos cenários, pinturas dos figurantes, trajes, adereços, instrumentos musicais, matérias-primas utilizadas nas diversas formas que caracterizam os Mandingas.
- D. Conversa com artistas sobre a sua atividade, técnicas utilizadas, materiais, elementos da gramática visual, musical e dramática, formas de expressão e preocupações criativas.
- E. Realização de adereços e exploração de texturas, após a discussão do significado do conceito de textura natural, artificial ou criada pelos seres humanos, textura real e aparente. Textura foi explicada como se referindo ao aspeto exterior das superfícies. Tal como a luz e a cor, a textura ajuda a caracterizar as superfícies dos objetos. Para os alunos melhor compreenderem o seu significado, usaram os sentidos da visão e do tato e foram descrevendo, sem tocarem nos objetos, se as superfícies eram macias, rugosas, ásperas ou aveludadas. Compreenderam que a textura dos troncos das árvores e das pedras, por exemplo, apresentam uma superfície natural, enquanto a textura da lixa, ou dos tecidos, é uma textura artificial. Falou-se da função decorativa das texturas, tendo observado exemplos da pintura, escultura, cerâmica, tapeçaria de obras de artistas locais, tais como do João Fortes, entre outros no centro Nacional de Artesanato e Design e dos adereços e pinturas corporais dos Mandingas, cujo objetivo é de ordem estética e pretende transmitir beleza, criatividade ou expressividade da forma.



Figura 21- Alunos confeccionando saias de Mandinga, contato com as texturas

Fonte: Maria dos Neves

F. Desfile no carnaval 2017 na Escola e na Cidade, no dia 24 de Fevereiro de 2017.

G. Exploração da música Uni Mandinga e da dança/drama no desfile, para levar uma mensagem positiva à sociedade.

H. Análise crítica e interpretação da relação entre as finalidades do projeto e o processo desenvolvido ao longo de vários meses

Reflexão Final

No dia 24 de Fevereiro o Projeto encerrou com o desfile Carnavalesco e toda a comunidade educativa participou, ou seja, as aulas suspenderam-se e todos entraram no desfile de carnaval de São Vicente, após realização de vários ateliers. Sendo a escola um espaço que se pretende inovador, estimulante e organizado, que deve promover o bem-estar e segurança dos seus alunos e contribuir para a autoestima e desejo de aprender de todos, o projeto Mandinga foi acolhido com muita alegria. Ao trabalhar este tema contribuiu-se, em parte, para uma aprendizagem ativa, transmitindo saberes, valores, estimulando a comunicação e o prazer pelas diversas expressões (plástica, música, dança e drama) e a preservação da nossa cultura.

A escola e a educação são os aliados ideais para mudar algo rapidamente na sociedade. Lembro-me bem no ano 1994/95 quando a epidemia da cólera chegou em Cabo Verde,

fizemos músicas, slogans, tudo para sensibilizar as pessoas a mudarem de atitude em termos de hábitos e comportamentos. Recordo aqui as bem conhecidas palavras de Nelson Mandela, que os media muito divulgaram: “A melhor arma para mudar o mundo é a educação”. Consideramos pertinente desenvolver este projeto, na medida em que, através da construção dos trajes de mandingas, tocar o ritmo e a dança dos mandingas bem como aprender as músicas e as respetivas coreografias, os alunos exprimiram os seus sentimentos, pensamentos e estados-de-espírito. Nisto criaram o gosto pelas áreas artísticas e um melhor conhecimento da sua cultura de Cabo Verde. É fundamental que alunos conheçam aspetos da sua cultura e este projeto permitiu esse conhecimento, através das várias atividades. Com o projeto contribuímos com subsídios pertinentes para suprir algumas necessidades em áreas de intervenção artística, dando aos alunos a oportunidade de trabalhar questões relacionadas com o desenvolvimento pessoal, a socialização e capacidades de integração social e cultural. Para isso foi muito importante fomentar um ambiente de cooperação entre alunos, entre alunos e professores, promovendo o sentido de grupo e de responsabilidade, tão importante para viver em sociedade. No dia 24/02/17 durante o desfile, tivemos o prazer de ver a alegria estampada no rosto dos alunos, dos pais e encarregados de educação, pois divertimo-nos imenso. Constatamos que os conteúdos foram assimilados, sinal de conseguimos atingir as grandes finalidades do projeto.



Figura 22- Ensaio e desfile do carnaval 2017

Fonte: Maria Neves, Jair Pinto e Érica Chantre



Figura 23- Rei e Rainha do carnaval na Escola Anísia Cibebe do Rosário

Fonte: Maria Neves



Figura 24- Desfile da Escola Anísia Cibebe do Rosário

Fonte: Érika Chante e Jair Pinto



Figura 25- Rei e Rainha da Escola Anísia Cibebe Lima do Rosário sentados nos seus tronos

Fonte: Kimberly Neves

Sumário

Neste capítulo II definiram-se alguns conceitos chave e refletiu sobre algumas perspectivas teóricas sobre educação patrimonial e ensino da arte especificamente no contexto de Cabo Verde, de forma a ampliar a contribuição positiva que o estudo e promoção de manifestações patrimoniais no âmbito do Ensino Básico, proporcionando às crianças vivências afetivas de interação, comunicação, que permitam desenvolver a inovação, criatividade e celebração do património cultural. Verificou-se que os professores não valorizam o seu património local, regional, nacional e que é necessário criar recursos educativos que o ajudem a promover. Conclui-se que a promoção de valores culturais se deve construir no dia-a-dia, envolvendo um conjunto amplo de aspetos, como a organização curricular, as metodologias de ensino, a cultura escolar de cada instituição, o modelo de participação das crianças e encarregados de educação na vida escolar, e uma formação contínua dos professores que envolverá um necessário aprofundar de conhecimentos e compreensão de manifestações tradicionais como é o caso de Mandinga.

CAPÍTULO III METODOLOGIA

3.1 Introdução e Finalidades

Este capítulo apresenta as opções das decisões metodológicas adotadas, justificando o método selecionado e instrumentos de recolha e análise de dados, caracterizando as suas vantagens e desvantagens, descreve o contexto e participantes do estudo e termina referindo o plano de ação e as considerações éticas, tidas em conta durante o estudo.

3.2. Método Adotado

A investigação científica tem-se polarizado em dois tipos de abordagens: quantitativas e qualitativas (Sampieri et al., 2006). A metodologia adotada foi a qualitativa, pois esta investigação necessitava de proceder a uma procura e aprofundamento da realidade e subjetividade de problemas e fenómenos, ou seja, permite-nos captar o sentido e a função de um fato social através de uma experiência vivida ou seja, captar a relação entre o produtor de cultura e o produto dessa mesma cultura, ou seja, “capta o que escapa nas estatísticas, às regularidades objetivas dominantes, tornando acessível o particular, o marginal, as ruturas e os equívocos que são elementos fundamentais da ‘realidade’ social” (Albarelo, 1997:219). Os dados recolhidos são em forma de palavras e imagens e não de números.

A abordagem quantitativa, segundo este autor, tenta quantificar e dar evidência à teoria explicativa, baseia-se na medição estatística, de forma a estabelecer de modo rigoroso os padrões de comportamento da população. Teria de ser um método que pudesse dar respostas às questões que fossem surgindo no desenrolar do processo de investigação.

Assim, dentro da abordagem qualitativa optou-se pelo método etnográfico, uma vez que é o melhor que nos permite compreender a cultura, fazendo emergir aspetos sobre a natureza geral da questão em estudo, ou seja, conhecer o lado artístico, estético e cultural dos grupos dos Mandingas de Carnaval de S. Vicente. A pesquisa qualitativa processa-se a partir de observação do mundo real. A teoria emerge da própria investigação e ocorre através da interação contínua entre informante e investigador (Cruz, 2009: 40), tendo

em conta a subjetividade, cuja finalidade é ‘*a compreensão do Mundo social conduzida através da análise da interpretação deste mundo pelos seus participantes*’ (Dias, 2008, p.75). O paradigma adotado foi o interpretativo, de natureza descritiva, apoiando-se no método etnográfico, ou seja, aquele que permitiu compreender e interpretar o fenómeno em estudo. Cruz (idem) alega também que tal como James Spradley (1979, p.76) considera que “fazer investigação etnográfica difere de outros tipos de investigação na medida em que o etnógrafo se torna no principal instrumento de investigação”.

Este tipo de investigação assentou nos seguintes princípios: A análise da sociedade feita através das próprias palavras de Geertz (1973): descrição ser pormenorizada/densa sobre o contexto e as ações/palavras dos investigadores, tal como menciona (Geertz, 1973), de forma a apoiar a compreensão do contexto em que se dão os acontecimentos, neste caso a ilha de S. Vicente, em Cabo Verde. O estudo implicou:

- Pessoas participantes no ritual dos “Mandingas de Carnaval de S. Vicente, pois ofereceram um ponto de orientação e partida para a investigação, permitindo à investigadora interpretar o significado das questões colocadas no início desta investigação, através dos olhos só dos participantes, sendo o mundo interpretado pela perspetiva destes, de modo a ser possível adquirir um conhecimento sociocultural e artístico;
- A investigação ser em S. Vicente, o que foi uma vantagem, pelo facto da investigadora viver nesse contexto, portanto conhecedora da terminologia e valores locais;
- Os conceitos e teorias nascerem da investigação e não o contrário (Bogdan & Biklen, 1994);
- Os acontecimentos e as relações entre os participantes no contexto selecionado influenciarem a investigação – os acontecimentos não são estáticos, e isso permitiu à investigadora “ver” o processo em desenvolvimento;
- A abordagem ser flexível, de forma a adaptar-se às necessidades que foram surgindo.

A finalidade deste método consistiu em procurar compreender o comportamento, os valores, as crenças, as atitudes dos participantes, características e significados dos fenómenos em estudo. Trata-se de um método que permite obter uma visão holística de

fenómenos, que leve em conta todos os componentes de uma situação e das suas interações e influências recíprocas. A etnografia é vista, no âmbito da antropologia social e cultural, segundo Clifford Geertz (1973), como sendo a descrição de um sistema de significados culturais de um determinado grupo e tem como objetivo “revelar” o significado do quotidiano no qual as pessoas agem em comunidade para um fim determinado. Clifford Geertz (1973, p.14), define a etnografia como um tipo de esforço intelectual que representa: um risco elaborado por uma descrição densa, em busca da produção de sentidos. Isso obrigou a investigadora a estabelecer relações, a proceder à seleção de informantes, a transcrever gravações de crioulo para português, a manter notas de campo durante as suas observações, e a desenvolver, tal como James Spradley (1979) recomenda, um trabalho de campo que envolve um estudo disciplinado de como as pessoas aprendam a ver, ouvir, falar, pensar e agir, recorrendo à comparação de argumentos e contextualização dos mesmos, à interpretação dos Mandingas neste contexto, com base em documentos que contextualizam a sua história, ações políticas, culturais, artísticas, estéticas e o sistema sociocultural das comunidades em que vivem, por meio de observação participante porque auxiliam à compreensão do contexto em que se dão os acontecimentos.

Apesar de todas as vantagens até agora enunciadas, este método apresenta algumas desvantagens, tal como, neste caso específico, o reduzido tempo para investigar um número considerável de questões (seis meses neste caso específico). Segundo Bogdan e Biklen (1994), outras desvantagens se relacionam com o perigo de algum enviesamento na interpretação dos dados, resultante da observação e de entrevistas. Num seminário realizado sobre este método, Angélica Cruz (2016) mencionou Roland Barthes (1980) e John Collier (1973), para explicar que ambos afirmam que este instrumento refresca a memória, dando visibilidade a detalhes que podem ser negligenciados ou mesmo ignorados. No caso deste estudo, a descrição vem no sentido de descrever aspetos no seio dos Mandingas de Carnaval de S. Vicente, dos grupos existentes, das atividades dos grupos da Ribeira Bote, Fonte Filipe, Ribeirinha, Pedreira, Espia, Ribeirinha e também como integrar esses saberes nas áreas artísticas no Ensino Básico de uma forma integrada. Para que este método de investigação, hoje seja considerado uma ferramenta fundamental para a interpretação de aspetos culturais e compreensão de códigos estéticos dos símbolos, da arte e dos valores culturais, não perdi de vista as questões colocadas no início dessa

investigação e a visão etnográfica, caracterizada não somente por um método de análise e observação, mas também como uma perspetiva sobre a cultura do outro, que conduziu a um estudo determinado sobre esta manifestação em particular.

Este método justificou-se pelo facto das questões de estudo se prenderem com o “como” (se caracteriza o fenómeno Mandinga) e “porquê” (se mantem na sociedade e na escola?) que a investigadora teve sobre o objeto do estudo, e este estar direccionado para um contexto de vida real e de um dado público-alvo. Isso envolveu o revelar de aspetos artísticos da música, dos trajas, dos adereços e dos desfiles.

3.3 Contexto da Pesquisa e Amostra

A investigação desenvolveu-se na ilha de S. Vicente, nas zonas de Fonte Filipe, Ribeira Bote, Espia e Fernando Pau onde temos Mandingas Tradicionais. Na zona da Ribeirinha existem os Mandingas de Areia Branca e na Zona de Pedreira, Mandinga Azul. A Escola do Ensino Básico da Escola Anísia do Rosário foi incluída no estudo, pois a investigadora desenvolveu aí uma atividade relacionada com esta manifestação tradicional.

A seleção da amostra utilizada foi não probabilística, dado que os participantes selecionados (seis Presidentes dos grupos de Mandingas, sete professoras e cento e quarenta e sete alunos de Educação Básica da Escola Anísia do Rosário, do Mindelo), assentam em critérios de escolha intencional, sistematicamente utilizados, com a finalidade de determinar as unidades da população que fazem parte da amostra. A amostra foi intencional pois teve em consideração os objetivos inicialmente formulados para a investigação, obedecendo à seleção dos participantes a critérios específicos, como o cargo exercido (Presidentes dos grupos de Mandingas), a experiência e participação nas manifestações tradicionais de Mandingas (alunos e amigos dos Mandingas), o conhecimento/contacto do público (professores).

A amostra deste estudo foi constituída por elementos distintos que aqui se apresentam: cento e quarenta e sete alunos (n=147) pertencentes ao Projeto “Mandingas na Escola”; A Gestora e sua Coadjuvante da Escola Anísia do Rosário, do Mindelo; seis professoras (n=6), da mesma Escola Anísia do Rosário que colaboraram no Projeto; Duas cozinheiras (Dona Joana e Dona Céu) (n=2); e Doutor Moacyr Rodrigues, que fez uma palestra na Escola Anísia do Rosário; Senhor Samuel, técnico de som, e o baterista Amilcar que fizeram a gravação da Música de Carnaval Uni Mandinga; Professores Jair

Pinto, Alcindo Moreno e a estudante Erika Chantre que fizeram a gravação do videoclip; Yasmine Melanie que ajudou a recolher as gravações e a transcrever as entrevistas; Andersom, um Mandinga do grupo de Espia; Pais e Encarregados de Educação que ajudaram na confeção dos trajes.

Considerou-se importante a perceção destes elementos da amostra da escola participante, dado que o Projeto se insere num contexto de uma escola que privilegia a educação patrimonial, virada para a participação na comunidade e valorização das suas tradições. Só assim se conseguiu fazer a recolha dos dados, de forma mais fiel, o que permitiu recolher o ritual, a gravação do videoclip e a participação no desfile. Ao participar no desfile pude falar e perceber as sensações que as pessoas vivenciam e também qual foi a opinião dos alunos e pais encarregados de educação.

3.4 Recolha de Dados

A recolha de dados teve como objetivo principal o registo de tudo o que aconteceu ao longo do trabalho. Foram registadas todas as atividades, os comentários, as reações, as notas dos grupos que foram analisadas posteriormente. A recolha de dados processou-se da seguinte forma:

- Encontro com os presidentes dos seis grupos de Mandingas, explicando-lhes o porquê da escolha do grupo e das visitas, regulares ao local;
- Pedido de autorização para efetuar junto às suas comunidades a gravação de um videoclip, recolha de imagens nos estaleiros de cada grupo e entrevista;
- Visitas regulares às referidas zonas;
- Pedidos de autorização aos pais e encarregados de educação e aos cidadãos selecionados para efetuar junto à comunidade a investigação e dar início às entrevistas;
- Envio de cartas aos presidentes dos grupos de Mandingas a explicar o porquê da escolha do grupo e das visitas regulares ao local.

3.4.1 Entrevista

Este instrumento foi utilizado para recolher dados descritivos, pois a entrevista, segundo Fortin (1999) é um modo particular de comunicação verbal, que se estabelece entre o investigador e os participantes para recolher dados relativos as questões de investigação.

É um processo que deve ser planificado exigindo dos que o executam uma grande disciplina. A entrevista é uma conversa entre o entrevistador e um entrevistado, que tem o objetivo obter determinada informação. Isto na ótica de muitos autores pode parecer uma tarefa muito simples, mas sair com sucesso de uma entrevista é muito mais complicado que esta afirmação sugere. No meu caso estas entrevistas foram um desafio para mim, primeiro porque levaram muito tempo, porque as pessoas têm os seus trabalhos, famílias, as vezes marcávamos uma data, depois não conseguiam. Cheguei a deslocar-me mais do que uma vez aos locais. Alguns dos entrevistados falam muito baixo e tornam difícil a compreensão do que dizem. Outro problema foram as entrevistas em crioulo, pois obrigaram à tradução para o português, tarefa essa muito difícil, porque sabemos que há aspetos que em determinadas línguas não se traduzem. Ao traduzirmos determinadas expressões e termos, corremos o risco de perder a essência, ou o sentido da expressão.

Ainda Cohen e Manion citado por Bell (1993) acrescentam que tal como a pesca, a entrevista é uma atividade que requer uma preparação cuidadosa, muita paciência e experiência considerável. Algumas pessoas foram entrevistadas, tal como os presidentes de todos os Mandingas, assim como 2 pessoas idosas, conhecedoras do tema, dois professores da escola que lecionam as disciplinas de educação Artística, o diretor do centro Nacional de artesanato, o diretor Artístico do Centro Cultural do Mindelo, a delegada do Ministério da Educação, um professor de história...

3.4.2 Observação Participante

Como investigadora etnógrafa observei os comportamentos dos participantes envolvidos na tradição Mandinga, mas investiguei também os significados desses comportamentos, observando os artefactos, os trajes, as pinturas, os gestos, os sons, os movimentos, tentando ‘descobrir’ os significados que os participantes lhes atribuem. Segundo Estrela (1999, p.31) “fala-se da observação participante quando, de algum modo, o observador participa na vida do grupo por ele estudado” e foi esse o modelo adotado neste estudo, permitindo à investigadora estar implicada na participação das ações e compreender determinados fenómenos em profundidade (Coutinho, 2008, p.27). Confirmou-se o que Bogdan e Biklen (1994), afirmam sobre este tipo de observação, que possibilita a recolha de dados ricos em pormenores descritivos, a compreensão dos comportamentos a partir

da perspectiva dos sujeitos participantes na investigação e estabelecer um contato real profundo com estes.

Para Serrano (1994 apud Moura, 2003) a observação participante tem lugar quando um observador participa da vida do grupo, entra na conversa com os seus membros e estabelece contacto próximo com eles, tentando assegurar também que a sua presença não perturbe ou interfira de alguma forma o decurso natural dos acontecimentos. Neste sentido Bogdan e Biklen (1994, p. 68) consideram que o observador deverá agir de “forma natural, não intrusiva e não ameaçadora”. Nesta investigação, a observação participante possibilitou uma recolha de dados resultante do registo de conversas e relatos de acontecimentos narrados – os quais permitiram compreender a perspectiva interna dos sujeitos.

3.4.3 Registo Audiovisual e Fotografia

Como observadora participante, pedi apoio a três colaboradores conhecedores do projeto em causa, pois só assim conseguiria fazer a recolha dos dados, pois tinha a preocupação de fazer a recolha do ritual, a gravação do videoclip, bem como participar no desfile para poder perceber as sensações que as pessoas vivenciam durante todos o percurso do desfile. O registo fotográfico foi utilizado para fazer nos locais de investigação (estaleiros dos grupos de Mandinga e escola), os registos de objetos, adereços, instrumentos, gestos e movimentos, sem interferir nas observações e entrevistas que decorreram em paralelo.

Apesar de Bogdan e Biklen (1994, p.143) referir que a fotografia e o vídeo podem quebrar a interação, neste estudo isso não se verificou. A fotografia, por exemplo, foi um instrumento que enriqueceu o material recolhido e foi realizada pela investigadora e alguns dos participantes em desfiles de épocas diversas, que ajudaram a contextualizar e caracterizar a tradição Mandinga.

3.5 Plano de Ação

Tabela 1 Etapas da Investigação

Plano de Ação	Maio	Junho	Julho	Agosto	Setembro	Outubro
Revisão da Literatura	v	v	v	v	V	
Conceitos Chave	v	v				
Seleção do método de investigação	v	v				
Design da Investigação			v			
Implementação da Investigação: recolha de dados/Observação e entrevistas			v	v	V	
Análise dos Dados				v	V	V
Resultados e conclusões					V	
Relatório final					V	V

3.6 Considerações Éticas

As questões éticas são uma componente fundamental da investigação etnográfica e tentar compreendê-las foi uma importante responsabilidade da investigadora. Durante o decurso da investigação, a investigadora comprometeu-se com as pessoas implicadas no estudo sobre os Mandingas, que respeitaria os códigos deontológicos da profissão docente, de maneira a garantir o respeito pelos seguintes princípios da ética: (i) Estar ciente dos princípios éticos das linhas orientadoras profissionais e dos requisitos legais; (ii) Maximizar potenciais vantagens/benefícios; (iii) Minimizar potenciais riscos; (iv) Obter a necessária utilização; (v) Minimizar potenciais interpretações erradas e mau uso dos resultados, recorrendo à triangulação; (vi) Obter consentimento de informação; (vii)

Proteger a privacidade e confidencialidade dos assuntos (McMillan & Schumacher, 2010, p.122). Bogdan e Biklen (1994, p. 78) reforçam as mesmas preocupações e destacam que o(a) investigador(a) deve saber definir a sua responsabilidade para com outros seres humanos e negociar o consentimento informado e a sua proteção contra qualquer espécie de danos. Com base nestes princípios éticos, a investigadora garantiu:

- Obtenção das necessárias informações para entrevistar, fotografar, gravar em vídeo e áudio, publicar posteriormente estes dados, ou seja, obter um consentimento informado (para entrevistas e conversas informais), antes da recolha dos dados;
- Respeito pela confidencialidade e anonimato dos assuntos, quando manifestado pelos participantes, ou, por outras palavras, garantiu uma investigação protegida;
- Partilhar os dados com os participantes os dados analisados, no sentido de verificarem se estavam de acordo com a autenticidade dos registos. Foi negociado previamente que os registos audio seriam essencialmente utilizados como suporte de registo para a análise do conteúdo e os registos visuais e sonoros seriam usados não só na apresentação dos dados do estudo, como também em exposições e conferências.

Sumário

Este capítulo teve o propósito descrever e fundamentar o método utilizado, o etnográfico, a sua pertinência e os instrumentos utilizados durante a recolha e análise dos dados. A escolha da localidade, a amostra e o plano de ação foram tidos igualmente em consideração. O capítulo termina com a apresentação dos procedimentos éticos adotados.

CAPÍTULO IV

Introdução e Finalidades

Este capítulo regista, descreve, analisa e interpreta seis grupos de Mandinga (Ribeira Bote, Espia, Ribeirinha, Fonte Filipe, Pedreira e Fernando Pau), e a forma como a preparação das atividades de Mandinga de Carnaval de S. Vicente decorrem, no interior de cada uma. No trabalho de campo desta investigação de cariz etnográfico obedeceu a duas etapas: a primeira no “*descobrir*” e a segunda no “*descrever*”. De acordo com Angélica Cruz (2017), depois da escolha do assunto a investigar e do método adequado ser selecionado, avancei para o trabalho de campo, tendo desenhado o plano de ação e selecionado os contextos a observar com os grupos de Mandingas a funcionar (na Escola e na Comunidade). Aí, conheceram-se e definiram-se os participantes. Seguidamente procedeu-se à recolha de dados através da observação, entrevistas, registos verbais e visuais, tendo em conta o que Clifford Geertz designou por “*descrição densa*” (1973:15).

4.1 Descrição do Trabalho de Campo nas Comunidades de *Mandingas*

As atividades de Mandingas de Carnaval de S. Vicente iniciam-se no primeiro domingo do mês de janeiro, após o final do ano. As pessoas interessadas em participar nos desfiles, dirigem-se às referidas zonas, com os seus trajes previamente confeccionados e os outros acessórios pintam-se, vestem-se, cozinham, comem, tocam e convivem. Normalmente as pessoas (crianças, jovens, adultos, idosos) começam a chegar aos estaleiros ao meio dia e saem às catorze horas, o trajeto pré-estabelecido pelo presidente do grupo, em sintonia com a Câmara Municipal e a polícia, que mantêm a ordem pública.

A investigadora foi bem aceite pelos grupos de Mandinga selecionados. Depois de comunicar as finalidades da sua investigação aos diversos informantes e negociar as datas dos encontros com os elementos das seis zonas selecionadas Ribeira Bote, Ribeirinha, Pedreira, Fonte-Filipe Espia e Fernando Pau. A investigadora trabalhou em conjunto com os informantes incluindo o presidente de cada grupo. Este trabalho destinava-se a produzir uma descrição das atividades de cada grupo de Mandingas. A

investigadora estava consciente das suas características pessoais, tais como idade, género e estatuto social.

O estudo da linguagem local é por vezes negligenciado na investigação etnográfica quando o informante e o investigador falam a mesma língua mas isto pode ser enganador, mas as diferenças semânticas podem influenciar a investigação sobre outra cultura. Tal como Plummer afirma (1990: 96), “a familiaridade com formas linguísticas idiossincráticas é um dos requisitos para um bom investigador”.

O facto a investigadora ser de Cabo Verde facilitou e dominar a linguagem local (o crioulo) um dos processos de recolha de informação. Embora, linguisticamente tenha sido uma situação complexa, estava, em parte, ultrapassada uma vez que a linguagem, da investigadora e dos informantes, foi o “crioulo”.

É tarefa do etnógrafo, em conjunto com o informante, produzir uma descrição cultural, o que exige um conhecimento aprofundado de pelo menos duas culturas: A cultura do investigador e a cultura do grupo estudado (Spradley, 1979: 205).

Embora tivesse consciência de que a expressividade da linguagem oral é difícil de investigadora ser de Cabo Verde, facilitou a comunicação uma vez que a linguagem foi a dos informantes (crioulo), ou seja, a mesma da investigadora, o que evitou que esta tivesse de estudar a linguagem local, portanto facilitou as entrevistas, que se desenrolaram com entusiasmo e confiança. Todos recordaram incidentes e contaram histórias sobre manifestações culturais de dezenas de anos, muitas delas que a investigadora também conhecia transcrever, usei uma forma de transcrição que inclui a explicação de expressões locais dessa cultura como: “dar sangue”, “cordão”, “sabura”, “mescrinha”, etc

Os informantes funcionaram como professores da investigadora e o facto de a investigadora ser de Cabo Verde, facilitou a comunicação uma vez que a linguagem foi a dos informantes (crioulo), ou seja, a mesma da investigadora, o que evitou que esta tivesse de estudar a linguagem local, portanto facilitou as entrevistas, que se desenrolaram com entusiasmo e confiança. Todos recordaram incidentes e contaram histórias sobre manifestações culturais de dezenas de anos, muitas delas que a investigadora também conhecia.

4.1.1 Ribeira Bote



Figura 26- Mandinga Ribeira Bote

Fonte: KimZé Brito in Mindel Insite

Numa entrevista a Nilton Cesar Monteiro Rodrigues Brito (NB), presidente de Mandinga de Ribeira Bote, a investigadora ficou a saber que ele está neste grupo desde os catorze anos e afirmou que:

(...) praticamente desde do início do Mandinga de Ribeira Bote, fui o primeiro adulto a sair com crianças. As pessoas começaram a ver e (...), depois entraram alguns amigos, mas neste momento já não pertencem ao grupo devido a alguns acontecimentos. Foram desgostando, mas eu não, tenho no sangue, eu não o abandono.

Segundo NB, os Mandingas surgiram em S. Vicente através de cabo-verdianos que emigravam para São Tomé para trabalharem na roça. Segundo ele, depois de um dia de trabalho não havia nada para fazer e então inventavam danças e ‘tocatinas’, e depois de algum tempo, algumas dessas pessoas regressavam e traziam o mandinga para São Vicente e nunca morreu.

O entrevistado manifestou total desconhecimento quando a investigadora lhe falou na versão de Moacir Rodrigues sobre a origem desta tradição em São Vicente. Segundo esse investigador, os Mandingas terão surgido em São Vicente quando um barco escalou em Porto Grande que iria participar numa exposição em Portugal, com gente da

Guiné, que efetuou uma dança e a partir daí as pessoas passaram a imitá-los. Nilton refere a esse propósito:

.... segundo o meu conhecimento, eu fui um dos primeiros, (...), primeiramente acabamos por sair com algumas crianças. E por acaso quem inventou Mandingas da Ribeira Bote, independentemente dos Mandingas de antigamente, digo com alta voz que foi o Paulo Block. Eramos quatro colegas, ele chegou a nós e disse: “*que tal inventarmos Mandingas da Ribeira Bote, porque existe Mandingas de Espia, Mandinga de Fonte Filipe e não existe Mandinga de Ribeira Bote!*”. Eu disse que aceitava, pois não tenho vergonha, e resolvemos vestir-nos juntamente com algumas crianças. As pessoas troçaram, mas não havia muita gente. Saímos somente na nossa zona. Depois fomos apanhando o ritmo. As pessoas começaram a sair connosco e neste momento temos essa dimensão do povo que arrastamos.

Nilton Cesar Monteiro Rodrigues Brito (NB) contou que é neste momento dirigente de Mandinga e que a sua função é ver Mandinga a trabalhar de forma diferente dos anos anteriores. Mandinga tem saído às ruas, mas neste ano quer ver Mandinga ‘lá em cima’, ou seja, em muito boa forma, equipado a rigor, com os seus próprios instrumentos. No entanto referiu que tem consciência que tem de fazer dinheiro com as próprias mãos, vendendo as suas *t-shirt*, saias, quadros, entre outras várias coisas e acrescenta:

(...) inclusive este ano estou a pensar em fazer uma tela onde pessoas podem tirar foto, mas para tirar foto tem que dar alguma coisa para arrecadarmos alguma coisa para os Mandingas, para quando tivermos a sair outro fim-de-semana para não nos faltar o óleo, *teepol*. Muitas vezes o pessoal que veste de Mandinga fica a reclamar porque vestem e não têm nem um pouco de *teepol para retirar o carvão da pele* (tomar banho), então estamos a ver um meio para solucionar todos esses problemas e para sairmos com mais firmeza.

É a segunda vez que é presidente de Mandinga. Há cinco/seis anos atrás, fora também presidente. Na altura foi para Angola e durante a sua ausência fizeram eleição sem o seu conhecimento, não sabe o que se estava a passar, mas aceitou normalmente. Os que ficaram posteriormente na presidência não faziam muitas reuniões com os elementos do grupo, para prestar contas, pelo que acharam que os deviam substituir. Não tendo havido eleição, não houve concorrência e NB acabou por assumir o cargo. A propósito das responsabilidades do grupo ele refere:

Somos um grupo, temos vários tipos de pessoas... é um grupo muito complicado, muitíssimo complicado. Inclusivo abandonei a presidência de um grande grupo de que gosto muito e ainda gosto muito, mas como quero ver este Mandinga bem alto, mudei-me para este grupo.

Etapas da Tradição

Iniciam o trajeto seguindo o itinerário pré-estabelecido, por onde passam vão arrastando mais pessoas que as acompanham. Mas às dezanove horas tem de regressar aos estaleiros evitando assim complicações, visto que há uma grande aglomeração de pessoas. A polícia solicita-lhes que parem a música, terminando assim as atividães. É de referir que, os Mandingas da Ribeira Bote arrastam consigo muito mais pessoas e utilizam nos seus desfiles uma corda para evitar que as pessoas que não fazem parte do grupo se infiltrem no grupo. Durante a entrevista realizada pela investigadora, o presidente referiu que no desfile havia diversas atividades:

tocamos e dançamos nas ruas do Mindelo. Reunimos no estaleiro para pintar, se tivermos alguma coisa para comer, comemos, preparamo-nos antes da saída... é isso.

Figura 27- Pintura Corporal



Fonte: Maria Neves



Fonte: Maria Neves



Fonte: Maria Neves



Fonte: Maria Neves

Estes momentos de convívio incentivam a colaboração entre pessoas, que se entreadjudam uma concretização de várias tarefas, sendo uma delas a alimentação. Segundo ele, cozinham também nos estaleiros:

Sim, cozinhamos, cozinhamos logo ali no estaleiro na lenha, pedimos apoio as pessoas, o valor de 50 aos 100 escudos cada pessoa para a refeição. Comemos descansamos um pouco, e depois partimos para o nosso desfile. (...). Os pratos variam! Confeccionamos massa, arrozada. Não confeccionamos comidas pesadas, como feijoada para não prejudicar o estômago.

Figura 28- Comida do Ritual de Mandinga



Fonte: Maria Neves



Fonte: Maria Neves



Fonte: Maria Neves



Fonte: Maria Neves



Fonte: Maria Neves



Fonte: Maria Neves



Fonte: Maria Neves



Fonte: Maria Neves



Fonte: Maria Neves

Mandinga do Passado e do Presente

NB explicou que quando era criança o Mandinga saía e usava máscara. Era chamado de ‘mescrinha’ (pessoas que usam máscaras diversas):

eu olhava-os e corria para me esconder, ficando muito distantes deles. A maioria das pessoas corriam (fugiam) deles, mas não sei porquê... dizem que eram maus, outras coisas assim! Ultimamente surgiram os outros mandingas da nova geração! Antigamente tinham medo de sujar, mas atualmente já não pensam assim! Já não têm os tabus que tinham.



Figura 29-Fotografia de uma pessoa usando máscara, mas atualmente foram proibidas pela polícia

Fonte: zp Art & Nature Photography

Enterro dos Mandingas

Segundo Nilton Cesar Monteiro Rodrigues Brito (NB), presidente do grupo de Ribeira Bote, no primeiro domingo após o término do Carnaval, os Sanvicentinos realizam também o enterro dos Mandingas, onde há junção de todos os grupos de Mandingas de Carnaval de S. Vicente, isto é, Ribeira Bote, Ribeirinha, Fonte Filipe, Espia, Pedreira, Fernando Pau. Confeccionam caixões, e também nesse dia há trio elétrico², com a participação de artistas, que se destacam principalmente na composição de músicas de mandingas como a Jennifer Solidade, Paulo Bloch, Sbeck.

² É o nome pela qual, no Brasil, é chamado o caminhão adaptado com aparelhos de sonorização para apresentação de música ao vivo, através de alto-falantes, em que são executadas, sambas, frevos e outros ritmos. (Wikipédia)



Figura 30- Trio elétrico no enterro de mandinga 2018

Fonte: Facebook- Ron Lerox

Iniciam esse percurso partindo da Ribeira Bote, passando pela zona de Cruz de João Évora, Madeiralzinho, Chã de Alecrim, Laginha, Avenida Marginal, Praia de Cachorro onde deitam os Caixões no mar, fazendo assim o enterro de Mandinga. Mas esse enterro não é para sempre! É para demonstrar que os desfiles dos Mandingas e o carnaval chegam ao fim e que as pessoas necessitam de descansar para poderem regressar com mais força no ano seguinte. NB conta o seguinte:

Essa ideia surgiu, porque antigamente diziam que depois do carnaval havia o enterro de carnaval. Então ficamos com isso na cabeça e depois surgimos com essa ideia ... então porque não inventar o nosso caixão? Nós é que iniciamos o carnaval! Então que tal sermos nós a terminá-lo? Então fomos surgir com esse enterro de Mandinga. No início dizia que íamos acabar com o carnaval, mas atualmente é um daqueles dias mais maravilhosos de Mandinga que existem em São Vicente, onde arrastamos milhares e milhares de pessoas para a Praia de Bote e onde vamos enterrar o caixão! Para mim é o melhor dia.

Figura 31- Enterro de Mandinga 2017/2018



Fonte: Cesar Costa-2017



Fonte: ZP Art & Nature Photography-2018



Fonte: Mindel Click – Costa & Costa-2017



Fonte: Mindel Click – Costa & Costa-2017



Fonte: Mindel Click – Costa & Costa-2017



Fonte: Júlio Cesar- 2018



Fonte: Júlio Cesar-2018



Fonte: Júlio Cesar- 2018



Fonte: ZP Art & Nature Photography-2018

NB, refere ainda que no passado os desfiles dos Mandinga eram muito organizados, porque as pessoas tinham medo deles, não se metiam no meio do desfile. As pessoas tinham medo de se sujar, mas referiu que isso atualmente não acontece:

(...) na altura que começamos a sair com os Mandinga de Ribeira Bote, as pessoas ficavam afastadas, ficavam atrás, mas agora as pessoas entram no meio e nem sempre nos deixam desfilar como gostaríamos, mas estamos a ver uma forma para desfilarmos melhor (...) no próximo ano de 2018, vamos iniciar o nosso Mandinga de maneira diferente. Temos o nosso projeto, onde as pessoas que são do *staff* e os tocadores que até então não tinham nenhuma identificação. Todo o mundo acaba por entrar no meio, mesmo com a corda ... as pessoas não respeitam, estamos a lutar para um Mandinga melhor organizado em 2018. Mandinga melhor será: termos um grupo de *staff* equipado a rigor (identificado) para saberem que aquela pessoa está a trabalhar e não haver pessoas sem identificação a dizer que são do *staff*! Mandingas ou tocadores, estamos a trabalhar para isso! Esperamos chegar lá.

Nesses desfiles participam todas as fases etárias, desde as crianças até à terceira idade. No passado o grupo não se reunia, mas atualmente o presidente faz reuniões com o grupo, o corpo diretivo e também todo o grupo, para organizarem as diversas atividades de verão, os eventos na zona, campanhas eleitorais e outras participações em eventos.

Financiamentos e Preservação da Tradição

Embora não existam financiamentos, a população da zona patrocina a tradição de diversas formas:

Neste momento para Mandinga funcionar está difícil, porque não temos nenhum fundo. Para funcionar temos que ter um fundo para as pessoas estarem mais focados no Mandinga. Acho que Mandinga começa a funcionar mais ou menos em janeiro quando começamos a sair. Ali começa a funcionar a 100%. Neste momento não temos fundos, mas normalmente para sairmos às ruas propriamente, as pessoas de Mandinga contribuem com óleos, ou tomamos fiados nas lojas. Uma vez saímos para arrecadar dinheiro, para pedir dinheiro todas as semanas e arrecadamos dez a quinze mil escudos. Depois surgiu essa multidão de pessoas nos desfiles e assim já não conseguimos pedir. Então no dia dos desfiles pedimos ajudas aos próprios Mandingas. Inclusive eu, quando tenho dinheiro, compro cinco litros de óleo, compro *teepol*! Neste momento não temos apoio, espero que algumas pessoas nos apoiem NB.

As Artes e a Tradição

Segundo afirma NB os figurantes do Mandinga pintam -se de preto tal como os Mandingas de antigamente, pois era assim que se caracterizavam, pintando-se de preto, trazendo assim, nas suas palavras *‘as origens dos nossos antepassados’*. Segundo NB as tintas adquiriam-se assim:

Devido à pobreza, as pessoas cozinhavam utilizando lenha, utilizavam o carvão. Nós também utilizamos o carvão da lenha, mas não é a melhor, porque depois de uma hora de desfile a tinta sai e tem menos brilho. Logo optamos por utilizar a pólvora de pilha e baterias de rádio, que apanhamos na lixeira. Usamos para fazer tinta, juntamento com o óleo da cozinha ou de bebé para pintar o corpo (...) há dias vesti de Mandinga no Carnaval de Verão, ofereceram-nos algumas pilhas, eram novas, estavam com a radiação! Usei-as! Eram sem terminar a radiação. Muitos Mandingas reclamaram que a pele estavam a queimá-los. Eu fiquei com feridas. Não me conseguia vestir... os olhos ficaram a arder.



Figura 32-Pilhas utilizadas para produção da Tinta

Fonte: Maria Neves

Quando lhe perguntei se pensavam arranjar uma tinta mais apropriada, pois teria sabido que no estrangeiro havia tintas propícias para a pele, ele respondeu:

Sim neste momento, sou responsável de Mandingas da Ribeira Bote, estou à procura, há muito tempo. Inclusivamente já encontrei essa tinta, só que é cara. Neste momento não temos fundo para adquirir essas tintas. Tenho um filho em Portugal, solicitei-lhe a procurar essa tinta junto de um rapaz que se chama Emerson, que é Mandinga de Espia. Solicitei-lhe que se informasse sobre essa tinta que era própria para o corpo, porque a tinta que andamos a utilizar prejudica a nossa pele e os olhos. Quando pinto, noutro dia não consigo trabalhar, fico com os olhos a arder. O meu filho já encontrou essa tinta, um quilograma custa 30 euros, somos muitos Mandingas. Se não tivermos nenhum fundo ou apoio, essa tinta, fica-nos difícil de adquirir e logo temos que recorrer à pólvora de pilha. Inclusivo um médico já nos disse que posteriormente todos nós teremos câncer de pele.

O grupo conta com a colaboração de várias pessoas que cantam, tais como os Pole Blok, Sebck, entre outras “...cada um, cada ano, cada artista faz a música e assim vamos acompanhando. Nós temos a nossa música que cantamos, que já é

nossa tradição. Há várias músicas que tocam na rádio, que tocam em algumas festas. Mas nós temos a nossa própria música que gostamos de cantar”.

O presidente referiu ainda que não têm neste momento instrumentos e explica:

Instrumentos neste momento não temos, estamos a zero. Inclusive ontem estava a dar alguns expedientes para ver se adquiríamos alguns instrumentos com antecedência, antes da chegada do início de 2018, porque se não tivermos instrumentos não conseguimos sair. Neste momento todos os nossos instrumentos estão danificados. Estávamos a utilizar instrumentos do grupo Carnavalesco, e foram buscá-los há dias, porque de qualquer maneira tínhamos que entregá-los. Agora queremos adquirir os nossos próprios instrumentos. Temos instrumentos, mas estamos com falta de materiais para concertá-los, como por exemplo a pele, etc. (...) Já há três anos que não temos adquirido instrumentos de sopro... desistiram não sei porquê! Não estava na presidência! No início tocavam connosco, depois viram que era muito trabalho, é um trabalho cansativo, pertencem a banda municipal e costumam acompanhar funerais, logo não vão deixar esses cargos para acompanhar os desfiles de Mandinga gratuitamente. Também custa cobram um valor exorbitante, pois não possuímos esse valor e não temos nenhum fundo! Muitos desistiram! Disseram-me que se houver uma boa organização eles podem regressar porque gostam mesmo de tocar.



Figura 33- Instrumentos de mandingas necessitando de reparação

Fonte: Mindel Insite



Figura 34- Desfiles de Mandinga com Instrumentos de Sopros em 2018

Fonte: Júlio Cesar



Figura 35- Outros Músicos tocando instrumentos de sopro (2018).

Fonte: Maria Neves

O Desfile

O desfile envolve utilização de instrumentos e também danças. NB alega que só dança com o ritmo da dança e que já participou noutros concursos de dança independente de Mandinga. Acrescentou que aprendeu o ritmo com as pessoas de antigamente, tinham seus passos, foi aprendendo e neste momento afirma que dança muito bem. São quarenta os figurantes dos Mandingas da Ribeira Bote e pensam duplicar o número, porque, segundo NB *‘Mandinga bem organizado atrai mais Mandinga’*. Nas galas em que participam, a convite de Vlú (grande compositor de músicas de Cabo verde inclusive já fez diversas composições de Mandingas e é também fundador do grupo carnavalesco Mindelo Mindel Fantasy (trio- elétrico). O número de figurantes costuma corresponder a 50, ou 80 figurantes, pois costumam pagar cinquenta mil ou oitenta mil escudos e nesse caso convidam figurantes de outras zonas, para completar o número solicitado para o desfile. Todos se vestem de Mandinga e trajam-se a rigor. Noutras ocasiões os grupos também se juntam, não se registando rivalidades entre os Mandingas. Exemplo disso é o enterro de Mandinga onde juntam todos os grupos (Mandinga Fonte Filipe, Mandinga de Ribeira Bote, Mandinga Fernando Pau, Mandinga Ribeirinha, Mandinga Espia) e quando se encontram fazem um tipo de dança. O objetivo da gala deste ano foi o seguinte:

quando Mandinga sai para desfilar, normalmente fazem uma atividade no final. Daí fizemos esta gala porque as pessoas desfilam, ‘dão um grande sangue’³, portanto há que fazer qualquer coisa. Na gala foram homenageados 100 Mandingas.

Relativamente às atuais necessidades do grupo, o presidente alega que o que necessitam é fundamentalmente de instrumentos novos, algum valor simbólico para trabalharem e de uma coisa fundamental que é a aprovação de um estatuto, peça fundamental que querem adquirir, mas também, como já mencionou previamente, tinta apropriada para a pele, um local fixo para o estaleiro de Mandinga e refeição todos os domingos.

³ Significada fizeram um grande esforço nos desfiles de mandinga, pois pintaram, dançaram, tocaram animando as pessoas e fazendo com que as pessoas divertem-se.

Segundo ele, as pessoas que integram esta tradição têm bom comportamento, não havendo discriminação e misturando-se todas as classes sociais. No desfile, segundo NB todas as pessoas são iguais. Relativamente ao estatuto do grupo, o que existe, está sem aprovação. Não pagam cotas, o que dificulta o pagamento de despesas. NB alega até que no carnaval fez uma comida e levou o óleo para o grupo se pintar.

Considera, no entanto, que existem pessoas que têm rivalidades e aproveitam os desfiles para resolver os seus problemas, e que isso dá uma má imagem para o Mandinga de Ribeira de Bote. Os furtos de telemóveis, cordão (joias) e pessoas embriagadas, são outros exemplos negativos do que acontece e só um forte policiamento, com polícia à paisana no meio da população, poderá ajudar a reduzir e a controlar e acrescentou:

eu já vi agressividade ou violência nos desfiles de Mandinga, inclusive já foi agredido num desfile onde levei uma garrafada e fui para o hospital e levei alguns pontos, e também já assisti a um colega a ser agredido - levou uma facada no peito!

O presidente considera que o melhoramento do grupo de Mandingas passa por mais segurança e consciencialização das pessoas para que possa ser um produto turístico. Concluiu dizendo que:

Claro atrai turistas e emigrantes Cabo-verdianos porque gostam. É necessária aprovação do nosso estatuto e comunicação com as agências de viagens.



Figura 36- Turista a frente do estaleiro de Mandinga

Fonte: Maria Neves



Figura 37- Turista captando imagens de Mandinga no estaleiro

Fonte: Maria Neves



Figura 38- Turista fazendo pintura corporal

Fonte: Facebook- CV Sonho

Escola, Museu e Património

Em 2017 a Escola Anísia Cibeles Lima do Rosário, que fica localizada na zona de Campim trabalhou esta tradição com os alunos, pais e encarregados de educação. Face a esta informação transmitida pela investigadora, o presidente disse o seguinte:

Boa iniciativa! Mandinga é uma tradição e não podemos deixá-la morrer! Portanto é muito bom transmiti-la às nossas crianças. Enquanto estão a tocar, dançar e cantar estão ocupando os tempos livres de uma forma saudável.

Quando confrontado com a hipótese de criação de um Museu do Mandinga, ele manifestou satisfação: “É bom ter um espaço para guardar os objetos de Mandinga...é sempre bom!”

4.1.2 Mandinga de Ribeirinha

Depois de ter visitado Ribeira de Bote a investigadora dirigiu-se à localidade da Ribeirinha onde falei com o Presidente, Jorge Gomes (JG), colega artesão e apresentou-

lhe a letra da música de Carnaval da nossa escola, letra da minha autoria. O Presidente gostou imenso e a partir daquele dia passamos a trabalhar juntos, e também com o seu amigo Amílcar (baterista), tendo feito uma música. Acordou-se então iniciar uma gravação de um vídeo clip em todas as localidades onde existem *Mandingas*.

Desde que Mandinga de Areia Branca surgiu, mas ausentei-me durante dois a três anos devido a alguns obstáculos que surgiram no grupo. Inclusivo comunicámos ao presidente dizendo que devíamos organizar melhor tendo uma direção, mas nunca ele aceitou. Assim ausentei porque não gosto de trabalhar assim, mas depois quando disseram para aproximarmos e trabalhar em prol da Ribeirinha porque é uma motivação para a zona, para São Vicente, é um bom movimento de pessoas com brilho, alegres, acho que deveríamos ter mais consideração por esse grupo.

José participou desde o início da existência do Grupo Ribeirinha e tudo começou da seguinte forma, segundo contou: “Faltava pouco tempo para os desfiles de Mandinga, algumas pessoas que são Mandingas tal como eu, Arilton, Pop, Salai e Wal reunimos para levar o Mandinga para frente”. Quando interrogado sobre as suas responsabilidades, respondeu:

Neste momento não sei qual é minha responsabilidade certa dentro dos Mandingas devido à ingratidão das pessoas... devido a dez mil escudos que a Câmara Municipal nos deu! Aumentamos esse valor para quase cinquenta mil escudos, prestamos conta a todos, mas mesmo assim as pessoas acusaram-nos dizendo que metemos o dinheiro dos Mandingas ao nosso bolso! Portanto neste momento estou um pouco frio com os Mandingas. A nossa intenção era começar a trabalhar em prol dos Mandingas, logo após um mês do término do carnaval! A nossa intenção era fazer convívio, jogo de cartão⁴ para angariarmos fundo, evitando assim estar todos os anos a pedir. A nossa intenção também era comprar os nossos instrumentos, mas isso, parece que já não vai acontecer devido há algumas pessoas que são mal-intencionadas.

⁴ Significa efetuar um jogo onde as pessoas comprem pequenos cartões com alguns números, as pessoas se juntam para fazer a extração em que há uma bolsa com números (1 á 99) onde vão chamando os números a pessoa que fechar o cartão primeiro vence o jogo.

José explica que só reúnem na época do carnaval, mas que se tivessem a intenção de estar à frente do grupo, como inicialmente pretendiam, já teriam promovido muito mais encontros, a fim de planearem atividades, tais como jogos, onde cada pessoa poderia oferecer um quilo de géneros alimentícios para ajudar pessoas idosas. No entanto, considerando que algumas pessoas não reconhecem o seu esforço, sentem-se bastante desmoralizados.

Etapas da Tradição

A tradição dura dois meses e Arilton Lima Fonseca explica porquê:

Acho que é um tempo de preparo para o dia final do carnaval, é longo, mas há pessoas que acham o tempo curto, e quando a época de Mandinga termina as pessoas ficam com saudades. Há muitas pessoas que gostam de carnaval porque carnaval é folia, festa, a diversão depende da pessoa, visto que é uma festa onde podemos fantasiar como quisermos (mulher, croquete, vaca). É uma festa livre onde as pessoas escolhem o que querem representar! Mandinga é bom porque uma pessoa pode criar a sua fantasia e pode passar sua imagem durante os desfiles e já são identificados.



Figura 39- Mandingas de Areia Branca no estaleiro

Fonte: Jair Pinto e Erica Chantre

Fonte: Jair Pinto e Érica Chantre



Figura 40- Mandingas de Areia Branca desfilando pelas ruas de Mindelo (2017)

Fonte: Erica Chantre e Jair Pinto

Os Mandingas da Areia Branca da Ribeirinha têm várias personagens, e são o grupo com mais Mandingas no terreno e quando querem, segundo o José, podem juntar 100 a 150 Mandingas e só no ano de 2017 confeccionaram setenta saias e ofereceram-nas. Esse número não inclui os tocadores. Também têm tocadores suplentes. Quando a investigadora perguntou quantas pessoas compunham Mandinga da Ribeirinha de Areia Branca, José respondeu: “Depende, se quisermos levar cem Mandingas conseguimos”. Por outro lado, Arilton explica:

Podemos levar 1000 a 1200 pessoas, agora os da Ribeira Bote que são maiores podem levar 2000 a 5000 pessoas. Principalmente no enterro de Mandinga em que houve uma grande concentração de pessoas, pois as pessoas vibram com Mandinga! Alguns choram emocionalmente! Neste ano é de referir que o comportamento foi muito bom- a 100%! Não houve nenhum distúrbio, foi espetacular! Isso foi referido nos meios de comunicação social e pelas autoridades, portanto há que fazer sempre assim para mostrar às pessoas, que Mandinga faz parte da nossa cultura! Há pessoas que vêm a S. Vicente, propositadamente para ver os Mandingas. Portanto não vale a pena praticar maus atos ou aspetos negativos, pois às pessoas querem ver o que há de melhor nos Mandingas (aspeto positivos)! Há estrangeiros, turistas e mesmo imigrantes que vêm

como turistas e não vale a pena levar uma má imagem dos Mandingas para levarem na bagagem. Devem ir com uma boa imagem de modo que sintam o prazer de regressar novamente.

José explica que para fortalecer o grupo Mandinga se reúnem na sua casa e combinam ficar a realizar várias atividades para que Mandinga possa ir para frente. No entanto houve alguns problemas e ele afastou-se, pois não gosta de confusão- Segundo ele as pessoas começam a fazer acusações sem razão. No dia do desfile concentraram-se às treze horas, confeccionaram a refeição, beberam um ponche e ensaiaram com os tocadores para poderem sair organizados.

Arilton explicou que eles (Arilton e José Fonseca) é que traçam o seu itinerário, comunicando semanalmente com a polícia para indicarem a hora de partida e o caminho a percorrer porque têm que estar às 19 horas no estaleiro. Se por acaso passar a hora indicada, a polícia intervém, segundo Arilton, encaminhando-os imediatamente para a sua zona, a fim de evitarem confusões, pois desfilar à noite é diferente do que desfilar de dia.

A investigadora explicou que já tinha presenciado a chegada dos desfiles na zona da Ribeira Bote onde o grupo é maior, e a polícia teve que parar a música depois das 19 horas. Arilton explicou que durante o desfile as coisas podem correr devidamente, mas após a chegada é melhor dispersar todas as pessoas encaminhando-as para as suas casas, porque se mais tempo estiverem juntos, ‘a cabeça vai aquecendo devido às bebidas’ e assim vão aparecendo problemas. A música faz com que continuem a festejar, a dançar, a beber, e logo surgem os problemas. Os policiais agem dessa forma prevenindo possíveis acontecimentos pois já têm muita experiência em lidar com essas situações. Como há muitas pessoas concentradas nesses desfiles, basta que duas pessoas comecem a lutar, que podem atingir outras pessoas que estejam desprevenidas. Os aspetos positivos da tradição são para José o facto de sensibilizarem as pessoas a terem um bom comportamento. Arilton acrescenta:

Dança, música (refrão) em que surgem pequenas refrões que depois são transformados em músicas pelos artistas, isso contribui artisticamente. As pessoas já estão à espera, pois divertem-se durante dois meses! Ajuda as famílias (mães, chefe de família ou pessoas com fraco poder económico) que vão percorrendo atrás dos Mandingas vendendo donuts, pastéis, etc. Direto ou indiretamente Mandinga ajuda economicamente através do negócio, pois por todas as zonas que percorremos, Mandinga leva

movimento económico⁵ para o lugar. Quando param num determinado lugar, todas as lojas vendem algum produto, mas algumas pessoas podem fechar as suas lojas quando Mandinga estiver a passar precavendo algum roubo, devido às pessoas mal-intencionados. Mandinga movimenta São Vicente, pois nos domingos algumas pessoas preferem fazer as suas compras anteriormente preparando as suas mochilas com comidas e bebidas para utilizarem durante o desfile.

Figura 41- Mulheres vendendo (pipocas, donetes e pasteis)



Fonte: Maria Neves

⁵ As pessoas que acompanham os mandingas bem como, os estabelecimentos de venda acabam por vender os seus produtos.



Fonte: Facebook- CV Sonho



Fonte: Facebook- Cv Sonho

José e Arilton consideram que os aspetos negativos não são motivo de preocupação, pois sempre que aparece algum problema, eles tentam resolvê-lo na hora. Arilton, no entanto, diz que o único aspeto negativo que ele encontra no seio dos Mandingas de Ribeirinha é a Consciência dos Mandingas que pensam sempre negativo e que relativamente aos outros grupos de Mandingas que são mais violentes e deixam grupos não identificados infiltrar-se no seu seio, provocando

brigas, atirando pedras e que no ano anterior, num encontro entre o seu Mandinga (Mandinga de Areia Branca) e Mandinga da Ribeira Bote, surgiu uma guerra entre duas mulheres que pertenciam ao grupo de Ribeira Bote, tendo uma delas ido parar ao hospital e levado sessenta pontos na cara. Há pessoas, segundo Arilton, que vão resolver os seus problemas pessoais no seio dos Mandingas e confidencia:

Daí que solicito ao governo e as autoridades a darem mais atenção a essa manifestação cultural, tomando consciência que as pessoas que vão resolver os seus problemas pessoais durante os desfiles.

Para manterem a segurança nos desfiles o José explica que contactam a polícia e que já são conhecidos como sendo corretos e que quando passam por eles nos desfiles apenas os abordam para confirmar se está tudo em ordem. Arilton diz que sensibilizam as pessoas antes de iniciarem o desfile e lembram que há crianças no desfile. Por razões de boa organização, as crianças costumam ir à frente e os adultos estão sempre atentos a elas. Nesse aspeto diferenciam-se dos outros Mandingas, pois vão preparados para satisfazer as necessidades das crianças (água, comida) podendo, quando necessário, comprar mais no caminho. Arilton referiu também que, para transformar os aspetos negativos em positivos, primeiramente seria necessário sensibilizar as pessoas, mostrando que os aspetos negativos não levam ninguém a lado nenhum, pois ao praticar um ato negativo a pessoa fica conhecida pela negatividade, pelo que apela a que as pessoas pratiquem atos positivos para serem sempre lembradas e sirvam de exemplo, em termos de postura na sociedade. Quando convidados a apresentar sugestões para melhorar a tradição, José e Arilton expressaram o seguinte:

Primeiramente é ter uma boa educação, precisamos de ajuda, assim teremos mais motivação para levar o grupo para a frente (Responde José)

Primeiramente pensamento individual dos Mandingas! Não é pensar que algum recurso é mesmo inesgotável. Começam a maltratar as pessoas que estão à frente da organização, dizendo que estão a usufruir ou a beneficiar de algum recurso que houver. O comportamento individual dos Mandingas deixa muito a desejar... Quando passarem a comportar-se bem, mesmo nos desfiles, tudo passará a correr bem. Mandinga precisa de mais atenção das autoridades (Câmara Municipal)! Deviam dar um apoio maior visto que são oito semanas, e sendo o montante de dez mil escudos distribuído por oito semanas, dá mil e tal escudos por semana, ou seja, não dá para comprar quase nada, somente três potes de vaselina. O apoio é muito pouco! Se houvesse mais pessoas a contribuir seria melhor, porque temos

algumas despesas como comida, bebida para que as pessoas possam ir motivadas (Responde Arilton).

Mandinga do Passado e do Presente

Antigamente, segundo José, havia poucos Mandingas, mas eram homens. Atualmente, devido à evolução, há muitas Mandingas mulheres que foram apoiando a iniciativa, pois é uma festa que atrai as pessoas, turistas, imigrantes, pessoas de outras zonas. Apesar de antigamente existir muita motivação, agora existe mais vigor e dá exemplos:

Hoje em dia temos outra mentalidade, é uma festa para todas as pessoas, todas elas gostam, inclusivas as nossas crianças que antigamente sentiam medo dos Mandingas. Atualmente vestem e querem dançar. É de referir que nos Mandingas de Areia Branca se quisermos sair com 40 ou 50 crianças trajadas de Mandinga conseguimos, inclusivo os meus filhos vestem e dançam muito bem Mandinga.

Sobre as características dos Mandingas e a evolução que a tradição tem sofrido, Arilton explica:

Somos Cabo-verdianos e somos Africanos. A meu ver Mandingas verdadeiramente são os Mandingas que se pintam de preto e de lama. Pintam de preto porque antigamente queriam ser uma figura meio bizarra e Mandinga talvez venha de alguma tribo e sempre se pintaram de preto. Antigamente tinham por objetivo afastar as pessoas deixando os grupos desfilar devidamente, serviam como segurança, mas atualmente há mais agentes policiais e militares. As pessoas têm mais medo da polícia neste momento e as pessoas já estão mais sensibilizadas, portanto quando veem um grupo de Carnaval, já não se vão infiltrar no seio deles, visto que não estão trajados.

José afirma que existem muitas diferenças entre Mandingas do passado e do presente. Antigamente havia outro estilo de Mandinga como o senhor Djunga que ele chegou a conhecer, que tinha o seu próprio estilo no terreno, mas neste momento há outro estilo. Mencionou também um senhor que se chamava Capote, que marcou bastante a tradição Mandinga e graças à iniciativa deles (Capote, Djunga e seu filho Escoq) é que a tradição Mandinga não acabou *‘Eles fizeram a diferença e há muitas pessoas a falar sempre neles’*

(JL). Por outro lado, Arilton afirma que, no passado, Mandinga envolvia pessoas mais idosas, que vestiam e saíam como numa manifestação do carnaval.

Capote (José Moreno), nascido em S. Vicente a 6 de Outubro de 1916 e falecido a 24 de Setembro de 1985, foi um inesquecível animador do Carnaval mindelense, encarnando a figura mais carismática desta festa: o “Mandinga”, figura hoje incontornável da animação mindelense. O Carnaval de Mindelo sem “Mandinga” não é Carnaval e Capote, padreiro de profissão na antiga Fábrica Favorita, deixou a sua marca indelével na memória do povo de S. Vicente, especialmente na das crianças, que tanto o temiam e à sua espada, como o adoravam, fascinados pela sua fantasia de guerreiro (maquilhado com fuligem de caldeira) e com o seu inesquecível grito de “guerra”: “ariaáa... ariaáaa...”

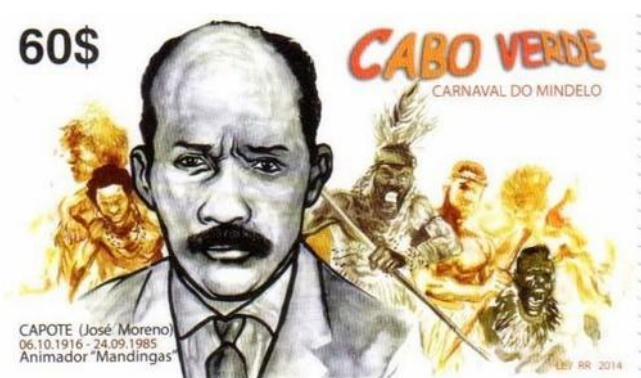


Figura 42- Capote (José Moreno) – Autor Leão Lopes Fonte © Blog dos correios.

Djunga era um grande Mandinga, que fazia coisas admiráveis. Ele tinha maquilhagem interessante, perfeita, andava com os pés descalços, colocava adornos de búzios nos pés e nas mãos, coroa de penas de animais e possuía uma espada que arrochava no chão, provocando faíscas. Ele surpreendia as pessoas, principalmente as crianças, pois ele e o seu grupo vestiam-se secretamente e surpreendiam as pessoas. Djunga vinha à frente com a sua espada e afugentavam as pessoas e sobretudo as crianças que temiam e saíam a correr.

Atualmente, para José, Mandinga é uma manifestação cultural, pois atrai as pessoas de outras ilhas e do estrangeiro, que se vestem apropriadamente e esclarece ainda:

Portanto Mandinga é um divertimento onde se vestem velhos, novos, médicos, advogados, condutores, donos de bares. De ano para ano está a aumentar. Poderia aumentar ainda mais se não houvesse violência, porque há muitas pessoas que não aderem por causa de violência. Lembro-me de quando eu tinha os 9 anos eu via nos Mandingas dois ou três com pratinhos nos pés e pintavam-se de preto e era uma figura bizarra e assustadora. As crianças sentiam muito medo, mas neste momento as crianças vêm os Mandingas a passar e aproximam-se imediatamente, pois hoje em dia os Mandingas tentam vestir-se mais bonitos. É uma manifestação cultural que está a aumentar cada vez mais e são capazes de encher uma avenida. Um bom exemplo é o enterro de Mandinga. Eu gosto mesmo de ver essa manifestação e apelo sempre para a educação e civismo, para não agredirem as pessoas, para não levarem armas, porque quem leva uma arma irá sempre com intenção de dar ou apanhar. Há sempre acompanhamento de polícia, para evitar confusões. Mandinga é uma manifestação cultural que movimenta as pessoas nos finais de semana. Antigamente havia poucos Mandingas que se vestiam, mas atualmente há pessoas que organizam grupos, compram camisolas que os identificam e vão para se divertir. Mas há outras pessoas que vão com más intenções e como esses casos estão a aumentar cada vez mais, precisa-se de mais segurança. As pessoas ficam logo ansiosas à espera do tempo de Mandinga que é logo após o fim de ano. As pessoas devem parar com a violência e brincar como antigamente. E nós, são-vicentinos, gostamos de festa pois.

A propósito das guerras e violência que se verifica em alguns desfiles, os entrevistados comentam o seguinte:

Violência no nosso Mandinga... um ou outro... pouco, mas noutros grupos de Mandinga já vi! Mas as pessoas já se estão a consciencializar. Acho que daqui para frente já não vai haver mais violência, visto que, andamos a chamar a atenção (...). Normalmente é a bebida, problemas muitas vezes que têm origem noutros locais e quando se encontram praticam esse ato denegando a imagem de Mandinga (José);

Assisti a guerras... tumulto de pessoas a brigar. Neste ano durante os desfiles presenciei duas guerras: uma à frente das finanças onde duas mulheres brigando! Uma 'ofendeu' a outra com uma lâmina! Vi um senhor ferido em Mandinga da Ribeira Bote e foi furtado. É de referir que Mandinga de Ribeira Bote é mais atrativo, logo há mais adesão de pessoas. Não posso confirmar o número de pessoas... se há 2000, 3000 ou 5000

peessoas... por aí! E há mais confusões! Aqui em Mandinga de Areia Branca somos menos... logo há menos confusão (Arilton).

Antigamente, segundo o presidente Arilton, os Mandingas eram mais organizados e saíam juntamente com os ‘mascrinhas’ (máscaras), e atualmente há pessoas do nosso grupo que nos solicitam que façamos um grupo de ‘mascrinhas’, aproximando assim os Mandingas da tradição do passado e a tornar-se num movimento cultural, o que explica a introdução do elemento ‘mascrinha’ na tradição dos Mandingas, porque havia Mandingas e ‘mascrinhas’. As crianças sentiam medo, as pessoas adultas tinham algum receio e aliás, ainda há pessoas com receio de Mandingas e ‘mascrinhas’, mas as pessoas que estão ali fantasiadas não têm problemas.

José acrescentou que no primeiro ano que saíram tinham oito ou nove ‘mascrinhas’ no terreno, e ele saiu no desfile vestido de ‘mascrinha’. Agora pensa introduzir futuramente no desfile entre seis a dez ‘mascrinhas’, pois considera que o grupo fica esteticamente mais enriquecido. A investigadora perguntou se a polícia proibia mascaras no seio das Mandingas e o presidente José respondeu:

Por acaso não temos tido problema com a polícia, costumam apoiar-nos nos desfiles, mas o nosso Mandinga é um Mandinga civilizado, não temos tido necessidade de solicitar apoio à polícia.

Neste momento há adesão de muitas pessoas aos desfiles de Mandingas. Antigamente muitas mulheres não vestiam devido a alguns tabus, eram mais conservadoras, pois diziam que mulheres deviam ficar em casa, mas hoje em dia estamos com mentalidade mais aberta, logo há mais aderência de mulheres e são as primeiras a chegar e hoje em dia as mulheres participam em todas as atividades. Segundo Arilton:

Hoje em dia nos desfiles participam pessoas de todas a espécie (magrinhas, sexy, gordinha, “branquinha”, “pretinha”), pois estão ali para se divertir! Não há que se preocupar! O importante é a diversão e ser feliz – esse é um grande objetivo da vida. Não é porque hoje em dia há uma grande adesão de mulheres, que podemos dizer que as mulheres de hoje em dia são vulgares. Há pessoas que dizem que gostariam de sair nos desfiles de Mandingas, mas têm uma certa vergonha, e também temem as críticas que

as pessoas possam fazer. No meu caso, a primeira vez que decidi vestir nos Mandingas, comuniquei isso à minha namorada. Ela perguntou-me se eu tinha coragem de vestir e desfilar. Eu disse que não tinha, mas ia experimentar se tinha coragem! Logo no primeiro dia de desfile acho que foi um sucesso para mim, pois os colegas disseram-me que eu tinha moral, e que eu deveria participar todos os anos.

Arilton explicou que as pessoas mal intencionadas aproveitam o momento de Mandinga para se fantasiar e praticar atos menos lícitos e que concorda com a posição das autoridades, para controlarem as pessoas que aproveitam o desfile dos Mandingas para se fantasiarem e esconderem a verdadeira identidade, agredindo e roubando as pessoas.

Podemos observar as máscaras nos dois sentidos: se for para fazer graças (levar as pessoas a rir, divertir, bonito) isso faz sentido, mas quando a máscara é utilizada para aproveitar da situação para praticar atos que gostariam de praticar no dia-a-dia, esconder a cara para fazer o mesmo, nesse aspeto concordo plenamente com a polícia porque estão a prever segurança das pessoas.

José explica que as pessoas comprem as fantasias nas lojas e refere que, por acaso não têm tido problemas com a polícia. A Polícia até costuma dar-lhes apoio nos desfiles, pois estes Mandingas são, segundo ele, civilizados.

As pessoas aproveitam o momento de Mandinga para fantasiarem e praticar atos que não são aceites na sociedade. Concordo com a posição das autoridades, porque as pessoas que aproveitam de Mandinga para fantasiarem escondem a verdadeira identidade para agredir as pessoas, roubar. Podemos observar para as máscaras nos dois sentidos se for para fazer graças (levar as pessoas a rir, divertir, bonito) isso faz sentido, mas quando a máscara é utilizada para aproveitar da situação para praticar ato que gostaria de praticar no dia-a-dia, esconder a cara para fazer o mesmo, nesse aspeto concordo plenamente com a polícia porque estão a prever segurança das pessoas. (Arilton)

Saíamos com Mandinga de Areia Branca no terreno, graças à força de boa vontade das pessoas da Ribeirinha, que gostam das nossas boas ideias. Temos financiamento pouco... como nada. Neste ano falei com os meus colegas que já deveríamos estar a andar com os nossos pés no chão, mas tivemos que sair a pedir principalmente na primeira semana em que arrecadamos sete mil escudos. Compramos vaselina e fizemos uma feijoada com esse montante arrecadado. Mas as pessoas muitas vezes não veem o sacrifício das pessoas que estão à frente destas iniciativas. Ficam dizendo que estão a meter o dinheiro nos seus bolsos e como todos nós temos a nossa família, temos o nosso emprego, pensamos abandonar,

porque não queremos danificar a nossa imagem devido a um valor que não vale a pena. Portanto não é fácil lidar com as pessoas principalmente quando existe dinheiro no meio... (José)

Sobre a questão da rivalidade entre grupos de Mandinga, José não concorda que exista rivalidade:

(...) Não concordo, porque não temos nenhuma rivalidade com nenhum grupo de Mandinga. Quando nos encontramos, efetuamos até algumas danças! Nós somos um grupo Mandinga muito bonito no terreno. Sempre há divergência porque o ser humano sempre erra! Mas se por acaso alguém que faz parte do nosso grupo de Mandinga de Areia Branca, eu, o Arilton, Pop ou outra pessoa da comissão, através do diálogo, leva essa pessoa a reconhecer o seu erro, evitando assim problemas. Nos nossos desfiles de Mandinga não demos muito trabalho aos polícias. Conhecemos muitos polícias, portanto ao ver os elementos da direção à frente, não há muita preocupação com os Mandingas de Ribeirinha (Areia Branca).

Arilton disse que estava de acordo com José, que achava que não havia nenhuma rivalidade com os outros Mandingas, pois até costumam dançar. Portanto quando se encontram há sempre dança e acrescenta:

São Vicente é uma ilha pequena e assim vamos conhecendo uns aos outros, muitas vezes encontramos colegas de escola, amigos, colegas que fomos militares, etc. não dá para arranjar rivalidades. É de referir que às vezes poderão aparecer grupos não identificados que acompanham os Mandingas e que podem provocar distúrbios, danificando a imagem dos Mandingas. Mandingas não praticam maus atos! Vão trajados a rigor para dançar e divertir.

As Artes e a Tradição

Os Mandinga da Areia Branca pintam o corpo de areia branca para simbolizar a sua zona, como símbolo de identidade, porque sempre se referem à Ribeirinha de área branca e assim ficou. Arilton explica que a areia branca é adquirida no norte da baía e a vaselina é comprada todos os finais de semanas. O presidente esclarece que a vaselina é adequada e qualquer uma serve. Compram pacotes de meio quilo. Arilton diz também:

Nunca tive conhecimento de alguém a quem a vaselina ou a areia tenha feito irritação na pele. Costumam reclamar relativamente à grande dificuldade na hora de retirá-la da pele. Os homens preferem muitas vezes tirar o cabelo bem curto ou mesmo às vezes rapando a cabeça e as mulheres pedem sempre para não deitar areia na cabeça devido ao que nós já referimos anteriormente. Há pessoas que passam com a areia na cabeça

durante a época do desfile de Mandinga, esse é único constrangimento que as pessoas têm apontado.

Arilton explica que nunca se pintou de preto, mas que há pessoas que já se pintaram com tinta amarela no grupo de Monto Sossego e de azul com Cv Telecom (empresa de telecomunicações). Ele refere que essas tintas podem prejudicar algumas pessoas, provocando reação alérgica no corpo, por causa dos produtos químicos, e que por isso têm a probabilidade de causar problemas à pele. Para evitar grandes problemas, tentam não fazer um uso abusivo dessas tintas e retiram-nas da pele logo que possível, após a sua aplicação. As tintas são fornecidas pelos grupos de Monto Sossego e Cv Telecom. Quando a investigadora lhe pede a opinião sobre os grupos que usam essas tintas, o carvão e muitas vezes a pilha (Ribeira Bote, Espia, Fonte Filipe e Fernando Pau), Arilton responde:

Acho que as pilhas têm produto tóxico, podem irritar a pele, mas segundo informações que recebi, colocam óleo de cozinha ou de bebê, ou vaselina, antes de aplicar a pilha no corpo.

Relativamente à componente musical José explica que quem compõe as músicas de Mandinga é o Jorge Gomes, o ex-presidente do Mandinga e que têm pessoas que inventam pequenos refrões, e fazem improvisos. Diz ainda que as pessoas que vão atrás vão repetindo, motivando assim os desfiles. Para além do Jorge Gomes existe o Ravi que os auxilia na bateria e com os instrumentos não têm problemas. Arilton reafirma os nomes de Jorge Gomes e Ravi, e acrescenta o seguinte:

Temos o Jorge Gomes, Ravi, To Revém! São artistas que fizeram uma música para Mandinga de Areia Branca. Temos Djenifer Solidad, Pole Block, Vlú e Constantino que fazem música do carnaval.

Sobre os instrumentos José explica:

Por acaso era nossa ideia lutar para adquirir os nossos próprios instrumentos e caminhar com os nossos próprios pés⁶, porque tendo os nossos instrumentos fica fácil ...é só contactar um responsável pela música pode colocar as pessoas a tocar mas as pessoas não nos deram oportunidade de trabalhar, tínhamos boas ideias, queríamos arranjar

⁶ Sem depender de ninguém evitando estar todos os anos a pedir dinheiro nas casas e nas empresas.

quinze ou dezassete instrumentos, mas tivemos obstáculos devido à ignorância das pessoas.

Explica também que só dança e que gosta de estar no meio da “Sabura⁷”. Arilton refere também que ‘é muito bom dançar Mandinga: “Dançar Mandinga é muito bom pois batemos os pés no chão, gritamos o grito de Mandinga aria, e vamos incentivando uns aos outros e assim os passos vão saindo. É de referir que muitas vezes tomamos uma bebidinha que incentivam as pessoas porque se não ficam um pouco acanhados, ficamos “vergonhosos”. Sobre o grito aria ele explicou:

É um grito específico de Mandinga, serve para identificar que Mandinga já chegou. Às vezes, mesmo nos desfiles, quando os Mandingas demonstram cansaços e aparece alguém a dizer aria começam a movimentar, gritam, pulam e efetuam a dança com mais excitação e com mais movimento.

José explicou também que aria significa alegria, muita samba, e serve para chamar as pessoas para se aproximarem. Relativamente aos instrumentos R. diz que nunca tiveram instrumentos de sopro:

Nunca tivemos instrumentos de sopro, pensávamos arranjar para o próximo ano, mas agora já não sei. E relativamente aos outros instrumentos possuíamos cinco ou seis peças, inclusive neste ano saímos nos desfiles com os instrumentos do grupo de Flores do Mindelo que nos ajudou a sair no terreno. Em contrapartida tínhamos que participar nesse grupo no dia de carnaval, terça-feira, formando uma ala nesse grupo.

Escola, Museu e Património

Para Arilton a manifestação tradicional Mandinga está a evoluir para uma manifestação turística, não só propriamente para o carnaval. Todas as pessoas e inclusivamente as mulheres, gostam de dar um *show*. Trata-se de um divertimento no final da semana. As pessoas não têm lugar para onde ir e vestem-se e vão-se divertir e passar um domingo agradável. Daí que há mais adesão de jovens, mulheres e crianças. As mulheres com crianças de colo também as levam trajadas.

⁷ Expressão em crioulo utilizada para expressar um sentimento de muita alegria

Choram porque também querem pintar o corpo com areia, mas, muitas vezes os seus pais não deixam, porque ficam sujas.

As iniciativas têm inspirado o grupo a produzir respostas que tentam encontrar caminhos de solução de baixo para cima, sabendo que tem de haver também processos e movimentos de cima para baixo! Não se defende uma visão localista, mas uma visão inter-localista e global de intervenção, como se pode constatar nestes argumentos:

Neste ano quando realizamos a primeira reunião, mencionei ao grupo a intenção de ir para Santo Antão, caso tivéssemos um bom comportamento durante o desfile de Mandinga. Tenho muitas pessoas conhecidas, e a Câmara Municipal pode ajudar-nos a arranjar um lugar com água e poderíamos fazer-lhes um assalto de Mandinga de Areia Branca. Mas as pessoas não nos deixaram concluir as nossas ideias. Quase todos os anos somos convidados para fazer alas nos grupos oficiais, pois Mandinga torna as suas alas mais fortes, há mais alegria, dá mais brilho ao grupo e assim somos bem referidos no carnaval. Inclusivo neste ano saímos com Flores do Mindelo (um dos grupos oficiais do Carnaval Mindelense), em que o presidente é Dona Ana que nos ajudou muito em todos nossos desfiles em que ela patrocinou alguns instrumentos. (José)

Segundo Arilton é muito raro participar noutras atividades, pois andamos muito desorganizados. Se há um clip, desfile de verão ou outras atividades é muito raro solicitarem-nos, porque não temos um grupo bem organizado, que se responsabilize pelo Mandinga de Areia Branca. Muitas vezes nessas atividades ficamos como espetadores. Quando há uma pessoa só a pensar pelo grupo, o grupo não vai pela frente, porque quanto mais ideias houver, melhor! Mas as pessoas gostam de participar nessas atividades também, mas devido à nossa desorganização, ficamos de fora.

A investigadora considera que em S. Vicente se tem sabido tirar proveito da manifestação, no entanto, pergunta-lhes o que se deve fazer para que Mandinga se torne num produto turístico por excelência, ao que José e Ary respondem:

Isso que é a razão dos Mandingas (José).

Claro, Mandinga é uma manifestação cultural diretamente voltada para turistas, neste momento para Cabo-Verdianos residentes no estrangeiro, que vêm para o carnaval, vestem de Mandingas e saem no grupo da Samba Tropical. Gostam mesmo de vir viver o carnaval com folia! Há mesmo estrangeiros (brancos) que vestem de Mandinga. Mandinga dia a dia está

a transformar-se num produto turístico e se houver mais investimento e criar mais condições nessa manifestação cultural, cada vez se torna mais turístico e assim as pessoas motivam-se mais para se vestir, engrossando os Mandingas. No fundo eu acho que ajuda, porque como eu já referi anteriormente, quando uma pessoa leva para os desfiles as suas vendas (donuts, pasteis, etc.) ela a está a tirar proveito! Será que as autoridades podem torná-lo num produto turístico sofisticado, criando mais condições para uma oferta turística? Assim, de certeza, haverá mais turistas a quererem vir para Cabo Verde nessa época. As autoridades devem debruçar-se sobre ela, dando mais apoio, planeando e estabilizando os itinerários dos Mandingas, conversando com os policiais para serem um pouco mais tolerantes ao falar com os Mandingas, controlando os grupos não identificados, porque são esses grupos que normalmente arranjam confusões, e destroem a imagem de Mandinga (Arlton).

Enterro dos Mandingas

José e Ary explicam assim o Enterro do Mandinga: “É a nossa tradição, transformámo-lo numa manifestação séria onde há festa, as pessoas estão bem emocionadas” (José). Arilton continua a explicação:

Todas as coisas normalmente têm um início e um fim, enterro quando se trata de uma pessoa é o fim da mesma, mas tratando de Mandinga não é o fim dos mesmos, mas anualmente visto que é uma tradição em que todos os anos as pessoas ficam a espera do enterro de Mandinga. As pessoas ficam a espera do enterro de Mandinga logo após ao término do carnaval. É uma das maiores manifestações culturais em Cabo Verde e neste ano as pessoas comportaram-se lindamente, foi referido pelas autoridades que não deram muito trabalho controlar as pessoas nos desfiles, neste ano foi muito bonito, houve trio elétrico, estava mesmo, mesmo bom e espero que esse ano esteja ainda melhor, em termos de comportamento das pessoas (pensamento individual), por se cada um fizer a sua parte vamos na paz e regressamos na paz, fazer o espetáculo durante o percurso que já é uma regra, partimos da Ribeira Bote, passamos em cruz João Évora, Maderalzinho, chã de Alecrim, Laginha, avenida Marginal, rua de Lisboa e Ribeira Bote. As pessoas que bebem devem beber com controlo, para que Mandinga possa ter um significado mais importante cada um deve fazer a sua parte apostar mais na educação e ajudar uns aos outros. O enterro é super emocionante, há pessoas que choram. Eu gosto de ir ao enterro de Mandinga, desde que foi a primeira vez, a dois anos atrás gostei, agora todos os anos tenho que ir. Neste ano regresssei a casa mesmo satisfeito, tudo correu lindamente. (...) No primeiro ano íamos confeccionar o nosso caixão, mas não concluímos devido a pouca organização que já

tinha referido. O caixão significa ir enterrar, Mandinga vai descansar para o próximo ano, porque todas as pessoas passam dois meses cansados. Mandinga já tornou uma atração para todas as pessoas, as pessoas que tinham medo vão uma vez experimentar e já vão todas as vezes. Deitamos o caixão no mar enterrando Mandinga para poder regressar o próximo ano com mais força e com moral.

Financiamentos e Preservação da Tradição

José informou que normalmente fazem jogo de cartões para angariar fundos para poderem andar com ‘os seus próprios pés no chão’. Mas as pessoas não entendem o que é isso de andar com os seus próprios pés no chão (é serem capazes de gerar os seus próprios recursos financeiros e vitando assim estar a pedir apoio todos os anos), quando os contactam (a ele, Ary, Pop, Salai e outras pessoas). R. José assume que precisam de mais apoios, pois Mandinga faz parte da sua cultura, pelo que a Câmara deveria contribuir muito mais, uma vez que são eles que sempre iniciam e terminam o carnaval em São Vicente. Outras necessidades foram mencionadas por Arilton:

A primeira coisa que Mandinga precisa neste momento e digo isso por experiência própria, é de consciência - saber pensar, não pensar somente na matéria, no dinheiro, porque dinheiro traz sempre guerra, daí que muitos presidentes não recebem quotas... Portanto há que haver uma consciencialização dos Mandingas para começarem a pensar bem e a ajudar a fazer. Só assim sentirão o nosso esforço porque eles somente vestem não sabem donde vem a areia, a vaselina, a comida, os instrumentos, etc. Mandinga precisa: estatuto, estaleiro, instrumento, ajudas, organização do modo geral. Nos tínhamos boas ideias nomeadamente uma demonstração de eco ponto, queríamos transformar culturalmente e educativo demonstrando que não devemos deitar os lixos foras, apelando a reciclagem, queríamos alguns contentores. Queríamos trabalhar com fundamento e com propósito demonstrar que ser Mandinga não é só deitar vaselina e areia, é levar uma mensagem educativa. Queríamos levar grupos de dança para passar essas mensagens. Queríamos demonstrar que ser Mandinga não é só ir desfilando pela ruas e regressar novamente, a nossa ideia era passar mensagens positivas, mas essas pessoas não assimilam essas ideias, e eu sou assim todos as coisas que eu pretendo fazer, gosto de fazer bem feito.

José achou que foi uma boa ideia a Escola Anísia Cibeles Lima do Rosário, ter trabalhado esse tema juntamente com os alunos, pais e encarregados de educação: “É uma boa ideia, porque assim as crianças já vêm com essa tradição da raiz, vem com a cultura desde berço”.

Também Arilton gostou e referiu o seguinte:

Boa ideia, e também ajuda a limpar a má ideia que as pessoas têm que Mandinga é agressivo: “*poderás ir para Mandinga e vir com ferimentos*”! já as pessoas se vão enquadrando nos Mandingas, ajudando a limpar a má imagem (...) as autoridades devem isolar os grupos não identificados, para não arranjam confusões. Levar Mandinga para escola é bom porque a maioria das pessoas costumam estar também nos desfiles de Mandingas e ficam ansiosas à espera dos domingos para poderem vestir e divertir-se, sobretudo onde há muitos jovens que são dos liceus, das universidades.... todos estão ali envolvidos! É bom levar os Mandingas para escola para familiarizá-los com as crianças, retirando a má imagem de violência que Mandinga tem ainda... portanto cada um deve fazer a sua parte em prol dos Mandinga. Levá-los para escola é um grande papel que vocês desempenham, porque vão consciencializando os alunos, os pais e encarregados de educação que Mandinga é uma manifestação cultural e artística, é uma diversão de fim-de-semana em São Vicente.

A investigadora explicou que calculava que iria ser criticada, quando selecionou o tema e por essa razão teria resolvido abordar a questão do património cultural, e escrevera uma música apelando à não-violência. Arilton disse que já conhecia a música e que a ouvira já duas vezes:

Por acaso já ouvi essa música duas vezes, ficou bem feito. ‘Uni-Mandinga’ quer dizer união entre Mandingas, para mostrar que não há diferença! Cada um dos Mandingas tem um itinerário diferente, representa a sua zona e nós todos temos um objetivo em comum que é divertir e preencher os tempos livres nos domingos, passando uma mensagem positiva, e voltar para casa mas confortadas quando saímos! Às vezes saímos e devido a alguns constrangimentos, regressamos a casa tristes, zangados, principalmente quando há muita violência e que as pessoas podem perder sangue! Logo, nós temos que mostrar a união, tal como diz a música! Nós todos somos Mandingas, estamos a sair para divertir, a senhora está a contribuir para a sensibilização das pessoas verem que Mandinga é um divertimento e não uma guerra de final de semana.

Quando os entrevistados souberam da intenção da investigadora em contribuir para a criação de um núcleo museológico, manifestaram o seguinte:

Por acaso é uma boa ideia (José).

Boa ideia, vai diretamente para o local ver documentário, declaração, fotos, consegue entrar dentro da história dos Mandingas. Cria curiosidade, atração turística e é um centro onde as pessoas podem visitar.

4.1.3 Espia



Figura 43- Mandingas de Espia

Fonte: Facebook- Mandinga Espia

Na zona de Espia a entrevista correu muito bem, e a investigadora foi muito bem aceite, pois o presidente era um ex-aluno. Iniciaram por se dirigir ao estaleiro. O seu nome é Ivan

Fonseca dos Reis, tem 33 anos, e 15 anos de experiência no grupo. Está há 4 anos à frente do cargo e referiu o seguinte:

(...) depois quando o Escoq saiu o Emerson de Tuda substituiu-o e depois foi para Portugal, depois ficou o Gerson e depois assumi eu! Sou o presidente de grupo. (...) Como presidente aconselho os mesmos a comportarem-se bem, porque caso alguma coisa aconteça, sou responsável! Portanto eu aconselho as pessoas, e graça a Deus elas têm comportados devidamente. No nosso grupo não realizamos eleições, fica a frente do grupo a pessoa com mais experiência e que está no grupo há muito tempo e que compreende bem e assim vamos passando de pessoa em pessoa. (Exemplo: o Emerson disse que já não tinha tempo que eu ia substituí-lo e assim fiquei a frente do grupo). Entregou-me o cargo e me explicou tudo e também se eu quisesse abandonar o grupo já sei quem vai ficar a frente, não é preciso eleição.

Não são uma associação, são um grupo sem financiamento e não têm estatuto de Mandinga. Explicou que suas tarefas consistem em cumprir os expedientes na Câmara Municipal, na polícia, reuniões para organizar o grupo e também elabora algumas cartas para entregar nas empresas, pedindo apoio. Ivan refere que todos têm uma função. A função de presidente consiste em elaborar os documentos e há uma pessoa para entregá-los nas instituições (Câmara, Polícia, etc.). Existe também uma pessoa para confeccionar as refeições que os tem ajudado muito.

Etapas da Tradição

No dia do desfile reúnem-se no estaleiro, confeccionam a comida (feijoada, arroz com peixe frito, cevada) consoante as nossas condições. O grupo é que traça o itinerário, dá conhecimento à polícia solicitando-lhe que os acompanhe, para se por eventualidade acontecer algo, possam ter o seu apoio, mas acrescenta, no entanto, que nunca aconteceu nada. Depois conta como se organiza o desfile e explica que os ‘mescrinhas’ são as pessoas com caras de máscaras:

Colocamos os mandingas, ‘mescrinha’ e tocadores vão atrás (...). Sim, ‘mescrinhas’ são as pessoas com caras de máscaras... já paramos com caras de máscaras, ou podem mascarar mas nunca colocar máscaras na cara. Isto foi proibido pela polícia, visto que, algumas pessoas

aproveitaram dessa oportunidade para agredirem as pessoas. Antigamente não havia muitas pessoas nos Mandingas como atualmente. Hoje em dia há muitas pessoas interessadas: crianças, mulheres e homens. Antigamente saíamos com as crianças ao sábado, mas atualmente já não fazemos isso porque temos trabalho e o tempo é limitado. Alguns já estão bem crescidos... saíam connosco aos domingos, mas temos a responsabilidade de cuidar deles durante o desfile. Costumamos confeccionar roupas para criancinhas que vão no colo da mãe durante o desfile.

Figura 44- Mandingas de Espias desfilando pelas ruas do Mindelo



Fonte: Jair Pinto e Érika Chantre (2017)

Mandinga do Passado e do Presente

O Presidente alegou que não sabia como surgiu o grupo da Espia, mas que pensava que existiria há mais de 20 anos e contou o seguinte:

(...) nasci e encontrei! Antigamente vestiam de ‘mascrinhas’! Depois que passaram a vestir de Mandinga, comecei a tocar no grupo... Antigamente usavam mais o violão e iam cantando a música “Carnaval tai”, “Mascrinha”! Havia mulheres e homens, atualmente temos vários instrumentos, Mandingas a vestir. (...) no tempo de Escoq concentrávamos no largo da sentina. Eu e Esticado saíamos com violão, tamborim e jambé, não havia tambor. Saíam com guitarra e iam tocando Mandinga.

Neste momento somos cinquenta pessoas, que vestem, tocam e costumam mascarar. Antigamente havia mais homens do que mulheres, mas atualmente Mandinga mudou bastante. Antigamente saía todos os sábados no grupo de ‘mescrinha’, mas havia grupos de Mandingas também: Havia dois rapazes que vestiam e nós eramos três a tocar na lata e balde.

Os aspetos positivos (refere-se à manifestação tradicional) são a união de pessoas dentro do grupo, a convivência! Não há concorrência! Todos somos Mandingas, todos somos iguais... não há tocador mais que outro! Temos que ser unidos para que o grupo possa ir para frente.

Os aspetos negativos não sei, a não ser noutros grupos... não há nada negativo que impeça as pessoas de estar unidos. Reunimos sempre, somos bastante unidos, consoante convites que nos fazem, reunimos para decidir o que fazer para responder o solicitado. Antigamente diziam que as pessoas eram nojentos, sujo e brutos, mas atualmente já perceberam que Mandinga faz parte da tradição, é uma manifestação muito bonita da nossa ilha e muita gente participa.

A propósito de incidentes violentos, causados pelo excesso de consumo alcoólico, o Presidente refere: “comprar bebida, está na atitude de cada um. Penso que a polícia deve tomar medidas. No nosso grupo se observamos alguém embriagado e a querer arranjar briga, contactamos a polícia imediatamente, evitando distúrbios dentro do nosso grupo”. Ivan disse que já presenciou guerras, mas alegou que as guerras acontecem devido à bebida, não porque as pessoas gostem de brigar: “é a bebida que consomem bastante, influenciando assim para as guerras”. Para evitar tal violência ele considera que se devem consciencializar as pessoas, quando consomem bebidas alcoólicas, para o consumo moderado: “não é para exagerar, pois o mundo não acaba naquele dia! Muitas vezes são brigas até entre amigos, e no dia seguinte há sempre arrependimentos... isto é muito mal!” A investigadora perguntou-lhe se no seio do grupo já fora agredido e ele respondeu:

Fui agredido! Levei uma ferrada no braço por um rapaz que não pertencia ao grupo, pois estava a tocar mal! Tomei o tambor para dar a outra pessoa que pudesse tocar melhor... deixei-me descuidar e ele atingiu-me no braço

com o ferro que fazia parte dos instrumentos. Mas felizmente consegui defender-me um pouco, atingiu-me com pouca profundidade. Mas hoje em dia somos amigos! Não temos nenhuma rivalidade. Tomei essa iniciativa de retirar-lhe o instrumento visto que, sou presidente do grupo e eu quero o bem do mesmo. Temos alguns rapazes que vestem como se fossem militares que criam uma certa barreira evitando misturarem com os tocadores permitindo assim desempenharem as suas funções devidamente. Os policiais vêm atrás de nós, mas quando veem que dois grupos de Mandingas se vão encontrar, passam para frente, evitando que esses dois grupos se encontrem, indicando o caminho que devem seguir.

Relativamente à questão da rivalidade entre grupos, Ivan Reis explica:

Não acho! A rivalidade não existe dentro dos grupos! As pessoas de outras zonas que não pertencem aos grupos, que se encontram com os outros, ou seja, quando pessoas de dois grupos de Mandingas acabam por se encontrar e têm rivalidades, aproveitam essa situação ... efetuam guerras! A culpa fica nos Mandingas. Mas as pessoas que estão fora é que fazem esse papel! Sou amigo de todos os grupos! Inclusivo os de Fernando Pau nos deram uma grande ajuda, e eu aconselhei-os a ir à Câmara Municipal. Assim terão o financiamento que é um valor irrisório, mas que já dá um contributo. Não há rivalidade entre os grupos de Mandingas! Inclusivo no ano passado fomos para a zona do Fernando Pau, convivemos bastante, demo-nos muito bem! Emprestou-nos alguns instrumentos, pois não tínhamos as peles, pois tiveram um patrocínio de um estrageiro que lhes ofereceu esses materiais!

Para o melhoramento de Mandinga, o Presidente argumentou que a Câmara Municipal deveria ajudar muito mais, porque lhes atribui dez mil escudos (cem euros) precisamente na semana do desfile e esse montante não dá nem um almoço para o grupo.

Enterro dos Mandingas

Também o grupo da Espia festeja o Enterro dos Mandinga que, segundo Ivan consiste no seguinte:

Nós é que iniciamos e terminamos o carnaval...fazemos o caixão porque é o enterro de Mandinga, e acho que não é preciso que todos os grupos levem o caixão, pois se é um só enterro e estamos todos juntos, por isso não é preciso por exemplo seis caixões pois somos seis grupos de Mandingas em São Vicente! O enterro de Mandinga é muito bonito, no ano passado foi bonito, mas neste ano foi mais bonito ainda.

Financiamentos e Preservação da Tradição

Para angariarem fundos para o grupo, nos desfiles pedem algum dinheiro, quando têm uma pessoa que recolhe o dinheiro. Com esse dinheiro podem comprar comida, ou outras coisas, mas esse processo tem sido contestado pela seguinte razão:

Atualmente isso tem manchado a imagem de mandinga, visto que, há algumas pessoas que vão pedindo dinheiro e muitas vezes nem são mandingas, nem pertencem ao grupo. Mesmo no grupo há pessoas que se receberem um dinheiro que ultrapasse o valor de quinhentos escudos, já não entregam ao grupo e isso deixa o grupo bastante fraco, danificando o grupo. Somos um grupo, temos muita amizade, neste momento precisamos de apoio financeiro para a compra de instrumentos, pois não temos nenhuma madrinha, nem nenhum padrinho! Precisamos de dinheiro, de estaleiro, mais elementos tocadores, mandingas, ‘mescrinhas’, porque se for um grupo maior fica mais bonito! Não pagamos quotas, devido à seguinte explicação: quando há dinheiro no grupo, há sempre desentendimento entre as pessoas, que só pensam no dinheiro muitas vezes! Não é muito... portanto temos evitado angariar fundos, pois de acordo com as experiências que eu tenho, esses grupos acabam por terminar devido a essas razões! Logo não recebemos quotas. Ficamos só com o dinheiro atribuído a Câmara Municipal na altura dos desfiles, evitando assim problemas, porque não queremos acabar com o grupo. Neste ano estamos com problemas...fizeram-nos uma promessa e até ainda estamos à espera: o senhor Odair do Frescomar e o senhor Banha que são de Ribeira Bote. Eles disseram que havia um prémio para cada grupo. Neste ano não fizemos festa depois dos desfiles, como habitualmente, porque não havia fundos. Muitas vezes costumamos fazer a nossa festa... solicitamos às pessoas que paguem uma quantia! Algumas pagam, mas outras dizem que não vão pagar, visto que deram um grande contributo nos desfiles. Logo preferi não realizar a festa. Mas se não nos atribuir esse valor que nos prometeram, este ano nós os Mandingas de Espia vamos ficar bem fracos. (Ivan)

A propósito da compra de instrumentos, o Presidente explicou que antes alugavam os instrumentos no Mike Lima, por dois a três mil escudos e que atualmente têm os próprios instrumentos. Segundo ele antigamente as pessoas contribuía mais, ajudavam-nos e também, quando participam nas campanhas políticas dão-lhes um valor e investem nos instrumentos. Referiu também que este ano, por irresponsabilidade de alguns elementos, perderam dois instrumentos no enterro de Mandinga (dois tambores) que lhes irão fazer muita falta. Os instrumentos de sopro costumam ser alugados:

Há um tocador que costuma acompanhar-nos, mas é durante pouco tempo e depois regressa para sua casa. Nós não temos fundo, todos os anos começamos de zero.

Foi o pai do Ivan que o ensinou a tocar tambor, desde criança, pois ele constrói tambores para o São João.

As Artes e a Tradição

Mandinga deve ser de preto pois o Escoq (um grande Mandinga, o filho do Djunga que deu continuidade a tradição dos Mandingas) pintava de preto e assim continuamos a pintar de preto. Nós preferimos o carvão, pilamos, misturamos com óleo de panela ou óleo de bebé.

É assim que Ivan explica como se pintam os Mandingas. Quando a investigadora lhe pergunta se utilizam pólvora de pilha, ele responde o seguinte:

Não utilizamos, nos aconselharam, pois a pilha é uma coisa que explode, portanto pode prejudicar a pele. Pensa que o carvão não prejudica, a pele, porque queimamos, encontramos a cinza e desde que temos vindo a utilizá-lo ninguém nunca manifestou nada. (Irritação na pele ...).

Ivan contou que já escreveu duas músicas, mas ainda não fez a composição, pois não tinha ido ao estúdio. Quando a investigadora lhe perguntou quem costuma fazer as músicas de Mandinga em S. Vicente ele respondeu:

Nunca cheguei em ninguém para informar, mas sei que em Ribeira Bote temos o Pole Block, a Djennifer que também fez uma um Mandinga. Sei que há pessoas que inventam *clack's* para animação. Através de clacks inventam frases, depois as pessoas vão juntando-as e elaborando músicas.

Escola, Museu e Património

Costumam participar noutros eventos. Convidam-nos para dançar nas festas de finalistas, campanhas políticas, mesmo na sua zona quando fazem algumas atividades em que são convidados e eles tenham disponibilidade. Tem consciência que os Mandingas chamam muitos turistas, pois já fizeram uma reunião com o presidente da Câmara Municipal e ele afirmou que há pessoas que vêm propositadamente a S. Vicente para ver os Mandingas, permanecendo na ilha durante as semanas em que os Mandingas desfilam. No entanto Ivan lamenta que

não têm sabido tirar proveito dessa manifestação, pois não têm ajudas de ninguém e acrescenta:

algumas intuições tiram proveito, como as agências turísticas, os hotéis. Um dia isso quem sabe.

Quando soube que a Escola Básica Anísia Cibeles Lima do Rosário, trabalhou esse tema em 2017, envolvendo crianças, pais e encarregados de educação e que um dos objetivos deste estudo é criar um espaço museológico onde as pessoas possam encontrar toda a história dos Mandingas de Carnaval de S. Vicente, manifestou o seguinte:

Acho uma boa iniciativa porque assim os alunos irão compreendendo o que é Mandinga, como a palestra que tivemos ali com o senhor Moacyr Rodrigues. Os alunos gostaram imenso sempre que nos encontram pelo caminho, sempre cumprimentam. É muito bom ter conhecimento. É muito importante, é uma boa ideia, e que Deus queira que isso algum dia aconteça para que nos possamos destacar mais na sociedade... Nós podemos dar a nossa ajuda participando nos desfiles e tudo que for possível.

4.1.4 Mandinga da Pedreira/ Mandinga Azul

Desde 2003, que Anildo Aleixo Gomes, com 39 anos, é o presidente de Mandinga Pedreira, ou Mandinga Azul. Quando inquirido sobre a origem da tradição em S. Vicente, respondeu:

Praticamente Mandinga azul existe desde 2003! Inspiramo-nos quando São Vicente foi capital lusófona da Cultura! Como temos um grande amigo, que é o Nilton Lima pintor, eu, o meu irmão Euclides Aleixo resolvemos ir à sua casa, com objetivo de fazermos uma pintura! Mas fomos só nós os três que nos pintamos (eu, meu irmão e o Nilton mas ele pintou só a cara) Daí ficamos muito bonitos, fomos cartaz de *Mindelact*, e em 2014 as pessoas motivaram-se e decidiram pintar-se connosco, mas não havia tinta suficiente, logo decidiram ir lá para Nilton, fomos cerca de 50 pessoas. Saímos muito bonitos e as pessoas gostaram e assim fundamos o grupo de Mandinga Azul, mas praticamente Mandinga Azul nasceu em 2014. Em 2013 pintamos, mas foi uma pintura diferente. Depois fomos arranjando crianças, tocávamos na lata porque não tínhamos instrumentos. Temos até uma música feita por um grande amigo que vive neste momento no Estados Unidos - uma música cujo tema é o seguinte: “se não temos tambor, tocamos na lata”! A partir daí o grupo foi aumentando. Cada ano contribuímos com duzentos escudos, alugámos uns instrumentos, e assim Mandinga Azul foi criando e passou a ser conhecida em São Vicente e Cabo Verde. Nós temos um grupo bem organizado. Organizamo-nos somente quando se aproxima o carnaval em que juntamos um grupo de dez pessoas para dar expediente necessário e possamos desfilar

devidamente. Não possuímos um estatuto, mas fizemos um grande esforço! Mas tentamos sair todos os anos, dando assim um grande contributo à nossa cultura (Carnaval).

Figura 45- Mandinga de Pedreira



Fonte: Elementos do grupo de Mandinga de Pedreira (Anildo Aleixo e Netch)

Anildo diz que são um grupo de dez a dozes elementos, que trabalham nos expedientes e outros ficam na zona, motivando as pessoas, falando com os pais e encarregados de educação, pois o seu desfile inclui crianças. Anildo conta que está no grupo desde 2003 e que antes saía trajado de mascrinha. O grupo tem entre cinquenta e sessenta pessoas.

O presidente foi respondendo a diversas questões e explicando o que mais o preocupava e satisfazia. Sobre as suas responsabilidades como presidente, ele diz que cuida das crianças que levam no desfile, cuida dos instrumentos alugados e da segurança das pessoas, apesar de ter a policia para os ajudar. Sobre as maiores necessidades do grupo ele reconhece que necessitam ser mais organizados, necessitam de um estaleiro para pintar, tocar, ensaiar, cozinhar e conviver, precisam de um estatuto e de instrumentos e resume assim a situação do grupo: “... ou seja falta-nos um pouco de tudo. Única coisa que temos é beleza!”

Considera que não há rivalidades entre grupos e que quando terminam os desfiles regressam às suas casas, evitando assim desentendimento. Aponta, como aspetos positivos do grupo o comportamento, pois desfilam ordenadamente e regressam a casa. Como aspetos negativos salienta a bebida, ressaltando que “mas nós tomamos pouco juntamente com a refeição e é só para inspirar. De vez enquanto aparece algumas pessoas

a desentenderem, mas é passageira e é normal, mas tentamos sempre resolver a situação através de diálogo”. Para transformar os aspetos negativos em positivos ele sugere que se reúnam, chamem a atenção das pessoas para ficarem nos seus lugares, para que o desfile decorra de melhor forma. Refere que envia uma carta à Câmara Municipal solicitando a intervenção da polícia, e a resposta é sempre positiva, contando sempre com a polícia para os acompanhar.

Etapas da Tradição

Os Mandingas Azul existem desde 2003. O presidente refere que não sabe explicar muito bem como surgiram em S. Vicente:

Não sei explicar muito bem! São Vicente é uma ilha mais ‘influída’ de Mandinga, mas dizem que Mandinga veio da África. Eu acho que os Mandingas de São Vicente, em Cabo Verde, são mais bonitos. Eu lembro-me desde criança, quando o meu pai me levava para o carnaval, eu via Mandingas e ‘mescrinhas’ (pessoas com máscaras diferentes). Eu até sentia medo, por isso viemos com essa inspiração. Eu vivo o carnaval, gosto! Antigamente sentia medo, mas o meu pai dizia que não fazia nada! Daí que eu e os meus irmãos sempre gostamos, as minhas irmãs pertenciam ao grupo Estrela-do-Mar, portanto, nós temos o carnaval no sangue.



Figura 46- Mandinga Azul desfilando pelas ruas do Mindelo

Fonte: Facebook- Carnaval Mindelo

O presidente informou que desfilam somente no carnaval, nos dias de animação e são acompanhados pela polícia durante o desfile, depois de se inscreverem na Câmara Municipal em que estabelecem o dia e o horário do desfile e que poderá ser no sábado ou no domingo e deixam-nos desfilar, dando uma volta só pela cidade. Depois do desfile na cidade regressam à sua zona, colocam música, dançam e comem. Ensaia nos meses de janeiro e fevereiro. Começam a ensaiar devagarinho, fazendo pequenas coisas, mas ensaia com mais força quando se aproximam os dias dos desfiles, o sábado e o domingo. Explica também que confeccionam feijoada com peixe frito, compram sempre aguardente, e levam sumo para as crianças, pois possuem um grupo de crianças que desfilam com os adultos. Às vezes comem antes a comida, mas quando não há tempo comem quando regressam. No entanto, já é tradição levarem consigo a aguardente, o peixe frito e o sumo para as crianças:

Começamos a dançar, tomamos um "grogue" e ponche para inspirar melhor. Relativamente à comida temos pequenos apoios, daí que cozinhamos na lenha e deixamos a comida para comer no fim do desfile em que as pessoas já estão com fome. Não somos muito organizados... organizamo-nos ano a ano, ou seja, no carnaval, mas saímos bem organizados em janeiro e fevereiro.



Figura 47- Mandinga Azul desfilando pelas ruas do Mindelo

Fonte: Facebook- Carnaval Mindelo

Mandinga do Passado e do Presente

Segundo Anildo, Mandinga de antigamente era bonito porque todos eram iguais, era mais fácil, do que a Mandinga Azul.

Penso que antigamente era mais fácil, por exemplo, pôr Mandinga Azul a desfilar nas ruas do Mindelo não é fácil porque temos muitas pessoas para pintar! Temos o Nilton que é um grande pintor, mas às vezes não consegue pintar todas as pessoas... daí que há outras pessoas que vão ajudar, dando a primeira mão.



Figura 48- Mandinga Azul efetuando a pintura corporal

Fonte: Facebook- Carnaval do Mindelo



Figura 49- Mandinga Azul dançando nas ruas do Mindelo

Fonte: Facebook- Carnaval Mindelo

Segundo Anildo, Mandinga evoluiu bastante, mas precisa de mais apoios. Em termos de segurança possuem pessoas que ajudam a organizar o desfile, para além da polícia e têm pessoas para distribuir água e sumos e, a propósito da violência, que por vezes surge nos desfiles, ele comenta: “Sempre aparece algum desentendimento, mas nós do nosso lado, tem decorrido tudo bem!” Para além do carnaval, costumam participar na altura das campanhas eleitorais (JPD) e também no Festival de Morna Jazz. Em termos de melhoramento do funcionamento, alega que gostaria que houvesse mais organização, assim como mais espaço para eles desfilarem mais à vontade.

Enterro dos Mandingas

Relativamente ao enterro dos Mandigas a entrevistada acha é que é bom, porque os Mandingas é que iniciam e encerram o carnaval de S. Vicente.

Financiamentos e Preservação da Tradição

A Câmara dá-lhes um apoio monetário (dez a quinze mil escudos).

As Artes e a Tradição

O corpo é todo pintado e o presidente explica a simbologia:

Foi uma inspiração, como não tínhamos dinheiro para comprar tintas, fomos ao amigo Nilton que é pintor e sempre possui tintas. Chegamos ali ele disse que tinha somente tinta azul e pintou-nos de azul. A partir daí fundou-se o Mandinga Azul, visto que já havia Mandinga de preto e Mandinga de areia Branca. Como Mandinga Azul ficou bonito colocamos o grupo Mandinga Azul. Quando nos iniciamos como grupo Mandinga Azul -Cabo Verde estava fraco e Cabo Verde não estava a participar. Ultimamente passou a fazer parte da seleção de Cabo Verde e da nossa bandeira. A partir daí, começamos a entregar algumas cartinhas nalgumas instituições e empresas. Cada um ajudava como podia, nós também pagamos uma quota de duzentos escudos que depois subimos para trezentos escudos.



Figura 50- Mulher trajada de mandinga Azul

Fonte: Nelson Vicente Nunes

Relativamente à música, o entrevistado refere que têm uma música composta pelo Vlú, mas também têm outras pessoas que compõe músicas de Mandingas como o Pol Blok, Djennifer Solidade e as músicas antigas. Explicou que alugam os instrumentos no grupo de Monte Sossego, pois não os têm e isso fica-lhes caríssimo. Anildo explica que aprendeu sozinho a tocar e dançar: “Aprendi sozinho, sou menino de São Vicente, costumava desfilar desde criança com a minha irmã no grupo de Estrela-do-mar”. Não possuem instrumentos de sopro, pois costumavam tocar na lata. Atualmente alugam os instrumentos no Micke Lima. Para a criação das músicas, recorrem ao Viú e ele faz as músicas.

Escola, Museu e Património

Quando o presidente soube eu a Escola Cibebe Lima do Rosário tinha estudado a tradição Mandinga comentou o seguinte:

Foi muito bom, já estamos a ficar mais velhos e assim as crianças vão aprendendo e assim já não deixam a tradição Mandinga morrer, pois vai passando de geração a geração (...) há muita gente que vem fotografar, por exemplo um alemão e outras pessoas como um cabo-verdiano que vive na Espanha fez uma exposição de fotos de mandingas....Acho que as autoridades deviam dar mais apoio aos grupos de Mandinga porque Mandinga chama muita atenção, atraindo muitos turistas para Cabo Verde.



Figura 51- Mandingas Azul dançando pelas ruas do Mindelo

Fonte: Facebook- Carnaval do Mindelo

Sobre a intenção de criação de um museu de Mandinga ele diz: “Boa ideia para fazer exposições.... E assim todos os Mandingas de São Vicente vão ficar mais unidos”.

4.3.5 Mandingas de Fonte Filipe

Jandir Lopes Gomes, está no grupo Mandinga de Fonte Filipe há 12 anos e é o presidente. Aceitou responder à entrevista e começou por informar que o grupo, inicialmente apresentava-se mais como ‘mascrinha’ do que como Mandinga: “Não sei dizer exatamente a data, sei que havia os mascrinhas e poucas Mandingas”. Apontou depois alguns dos nomes que muito contribuíram para o desenvolvimento dos Mandingas de Fonte Filipe: “Cacoi, Djunga, Miguel, Capote, Escoq... Mandinga evoluiu graças a essas pessoas que trouxeram o Mandinga há muito tempo, marcaram o Mandinga e essa tradição não pode acabar”. Jandir alega que começou a sair desde 2008 com os Mandinga de Fonte Filipe e apanhou essa grande força. E continuou dizendo:

Costumava sair desde criança a sair com os mascrinhas porque não tinha muita influência dos Mandingas. Havia alguns Mandingas, mas havia era grupos de máscaras na rua, mas atualmente a maioria são Mandingas (...).

Muitos compravam (mascaras), outros faziam de gesso, mas a maioria era comprada e outros solicitavam do exterior. (...) crianças, jovens e idosos compõem o nosso grupo, somos um grupo social. Semana a semana o número vai aumentando, cerca de quase 80 a 80 e tal Mandinga, trajado de Mandinga exceto tocadores, acompanhantes e pessoas que apoiam.

Jandir explica que neste momento é presidente, faz muitas coisas, trabalha muito para que o grupo dignifique o nome que conquistou e para que possam sair todas semanas durante os desfiles de Mandingas. Já sai há cerca de dez anos com o grupo!

Consegui este lugar através de um rapaz que chama Fernando, que fez uma grande revolução em Fonte Filipe. Eramos um grupo de mascrinhas - depois ele tomou iniciativa, chamou muita gente confecionou saia, arranjou materiais para que Mandinga pudesse sair com mais foliões. Depois entregou-me este cargo de presidente e disse que ia continuar a ajudar de outras formas. Ainda estou neste cargo enquanto não houver mais candidatos para fazer uma eleição, portanto fico nesse cargo até quando as pessoas quiserem. Precisamos de um estaleiro, refeição, outros materiais para confeção de trajes e tinta propícia para a pele.



Figura 52- Mandingas de Fonte Filipe desfilando pelas ruas do Mindelo

Fonte: Facebook- Carnaval do Mindelo

Sobre a questão das rivalidades entre grupos Jandir explica que não concorda, nunca houve nada, e que cada um sai para sua zona, seguindo o itinerário estipulado para divulgar a sua tradição. Diz ainda que, quando se encontram fazem questão de parar e

chegar a um acordo por onde vão andar, e isso repete-se sempre semana a semana, procurando informar qual é o percurso que os outros grupos irão fazer, evitando encontro. Assume que às vezes encontram os foliões que acompanham o grupo e esses sim, podem arranjar brigas sujando a imagem de Mandingas, mas tentam sempre evitar isso. Cada um tem o seu grupo e tenta mostrar a sua cultura e assim, segundo ele afirma “quem sai a ganhar é São Vicente e Cabo Verde”. Traçam o seu itinerário, ou seja, entregam a informação sobre o percurso à polícia, que depois de o aprovar, lhes garante a segurança nos desfiles: “Penso que é muito bom, porque temos que estar conciliados com as autoridades para estarmos sempre legais”. Aponta como aspetos positivos, a promoção da cultura da sua ilha e nosso país, a união, a redução do stress do dia-a-dia, o retirar as pessoas da casa para brincarem um pouco ao carnaval e a inclusão no grupo de pessoas idosas, crianças, jovens, que juntos desfilam a rir, alegres e esquecendo os problemas. Quando brincam ao carnaval, por vezes, surgem os aspetos negativos, se por acaso acontece alguma coisa no desfile. Quando isso acontece, as pessoas dizem logo que não vão passar a ir, mas temos tentado sempre evitar desentendimentos, confusões, e o exagero no álcool que traz muitas discussões no seio do grupo. Jandir acrescenta

Nós aconselhamos as pessoas a divertirem-se, a evitar a confusão, saímos com um objetivo de diversão e com a intenção de regressarmos a casa felizes... podemos estar cansados, mas é uma canseira que vale a pena. Cada ano queremos sair para não deixar a cultura morrer, mas não é fácil porque temos que dar vários expedientes. Há despesas, portanto não é fácil colocar os Mandingas na rua, mas a força que temos é a nossa cultura que temos no sangue portanto tentamos traze-los todos os anos para rua.



Figura 53-Mandingas de Fonte Filipe desfilando pelas ruas do Mindelo

Fonte: Júlio César

Sobre o Passado e Presente da tradição, Jandir refere:

Do que eu sei, Mandinga veio de África, das tribos que existiam na África há muito tempo! Os trajes que utilizavam, formas, como pintavam... acho que também São Vicente faz parte da África! O pessoal veio com isso no sangue... essas pessoas que já mencionei copiaram essa ideia e criaram Mandinga em Cabo Verde- São Vicente. Tem muita diferença entre o passado e o presente! Antigamente o grupo surgia e o pessoal limitava-se a observar, deixa-los passar e desfilar! Uma ou outra pessoa podia ir atrás deles. A diferença é que havia poucos Mandingas, havia os grupos de máscaras e Mandingas à frente e que provocava muito medo! Agora já ninguém tem medo. Agora Mandinga arrasta multidões. Neste momento temos um grupo composto por oito a dez elementos que dão toda força, para que possamos sair. Neste momento estamos a correr atrás do estatuto, entregando alguns documentos e muita burocracia. Lutamos bastante, mas ainda não conseguimos adquirir o nosso objetivo que é ter um estatuto próprio de Mandinga.

Figura 54- Mandingas de Fonte Filipe



Fonte: Maria Neves

Enterro dos Mandingas

O objetivo do enterro, segundo o presidente, é assinalarem o fim do carnaval, e é o Mandinga que faz o enterro. É uma tradição muito bonita, e ultimamente fazem a junção de todos os Mandingas para fazer um só enterro e assim mostrar a força que os Mandingas têm e que Mandinga não tem nenhuma rivalidade entre os grupos, mostrando a união entre os Mandingas.

Financiamentos e Preservação da Tradição

O presidente refere que têm o apoio de Câmara Municipal:

São somente dez mil escudos, e entregam-nos esse valor no final! Portanto no início, quando arrancamos, não temos apoio da Câmara Municipal. Dão-nos somente a autorização para iniciar os desfiles, o restante temos que correr atrás. Mas graças a Deus temos os nossos instrumentos, que significa um grande passo que demos e com a vontade do pessoal nós

saímos. Desde que tenhamos uma refeição e um lanche para oferecer no decorrer do desfile e assim as pessoas terão mais motivação para desfilar Mandinga.

As Artes e a Tradição

Tradicionalmente Mandinga pinta-se de preto, encontrando-se as pessoas a pintar de preto, que tem a ver com o seu símbolo. Utilizam carvão misturado com óleo, porque o carvão que vem diretamente da panela é melhor...as pessoas utilizam (a tinta), antigamente utilizavam a pólvora da pilha porque dá mais brilho, mas é muito prejudicial para a pele, portanto já não utilizam esta tinta.

Ninguém o ensinou a dançar. Viu (as pessoas mais idosas a dançar) e inventou os passos de forma a entrar no ritmo. Toca também e quando não consegue vestir-se ajuda na organização do desfile, faz um pouco de todas as funções. Um rapaz chamado Laurindo é mestre e um rapaz que é Admir coordena a bateria e são responsáveis pelos instrumentos. Têm um senhor chamado Nhenga que toca saxofone e ajuda-os, mas não é todas as semanas que conseguem ter instrumentos de sopro. No seu grupo utilizam a música de antigamente, cujo autor ele desconhece, por exemplo “carnaval tai”, “olêê” são as músicas que normalmente cantam! Têm o Pol Block, Mitotxa e ultimamente Micaú e Maria Neves que surgiram com uma música de Mandinga, que se as pessoas aprenderem a cantar melhor, é provável que as pessoas saiam cantando essa música nos desfiles. Adquirem os instrumentos com grande esforço, com o fundo do grupo que os consegue arranjar, graças a um serralheiro da zona que nos confeciona os moldes e as peles adquirem no Brasil. Eles usam um site, e também costumam adquirir no Mike Lima.

Escola, Museu e Património

O presidente não sabe o número, mas sabe que são muitos que levam toda a população de Fonte Filipe com eles! Quando concentram no desfile, levam muita gente.

4.1.6 Mandinga de Fernando Pau (Pô)



Figura 55- Mandingas Fernando Pau

Fonte: ArtScreem e Films

Valdir Walter da Luz Dias, já tem seis anos no Mandinga de Fernando Pau e é o presidente há seis anos deste grupo. A propósito das origens do grupo, ele explica que, quando nasceu, encontrou Mandinga, o Mandinga de Fonte Filipe, o Mandinga Ribeira Bote. Como havia noutras zonas, surgiu a vontade de criar também, na sua zona, um grupo, com jovens da sua comunidade. Alguns, os mais responsáveis, foram criando os instrumentos e fizeram o Mandinga, vestindo cada um da sua maneira. Surgiu como resultado de forte motivação sua e dos seus amigos (Alex, Paulo, Itaulivo, Kely, Gilda).

Inicialmente brincavam só no seio da sua comunidade, que é bem grande. Depois o grupo foi aumentando, tornando-se um grupo grande e forte. Explicou que nunca foram à cidade, a Ribeira Bote, ou Fonte Filipe, mas pretendem ir no próximo ano. Valdir é o responsável, organiza as datas dos desfiles, começou a arranjar pele e materiais para confeccionar os instrumentos, depois apareceram outros amigos e continuam a construir outros instrumentos. O grupo conta, no máximo com vinte ou trinta pessoas que vestem e tocam e agora, a maior parte da comunidade, sai com eles. Desde a criação do grupo, não houve eleição, pelo que considera que são todos chefes, mas ele começou a guardar instrumentos e a confeccionar algumas saias para vender e oferecer. Ele assume que a sua única responsabilidade é guardar os instrumentos, porque estão no início e não têm mais nada... nem estaleiro, nem associação, nem estatuto... sobre a questão da rivalidade entre grupos, ao contrário dos outros grupos,

ele assume que existiu rivalidade entre eles, especificamente Fernando Pau, Ribeira Bote e ilha de Madeira.



Figura 56- Andores mandinga Fernando Pau

Fonte: ArtSreen e Films

No passado, o Mandinga de Ribeira Bote, deixou de frequentar a sua comunidade devido à rivalidade entre jovens, mas atualmente isso foi ultrapassado e existe paz entre os jovens. Como aspetos positivos ele destaca a postura dos jovens que, segundo ele, concentram no mesmo objetivo, diversão e ocupação dos tempos livres e colocação da promoção da sua tradição como prioridade, para não a deixar morrer. Tal como todos os anteriores presidentes, o aspeto negativo foca-se, mais uma vez na questão das bebidas, drogas, abertura de mochila, roubo de telemóvel não deixando as pessoas fotografar devidamente. Ele acha que se poderia evitar tal situação, se as pessoas fossem impedidas de levar para os desfiles, as mochilas cheias de objetos (bebidas, drogas, armas, outros materiais pessoais). Acima de tudo são um grupo sempre unido, que costuma participar noutras atividades independente de Mandinga como jogos. Não têm nem associação, nem estatuto, não pagam quotas. Inicialmente costumavam pagar as despesas com atividades (festas populares) que realizavam, mas atualmente isso já não acontece por causa da polícia que os impediu de realizarem essas atividades. Desfilam, na maior parte das vezes, na comunidade. Todas as pessoas se conhecem e relativamente às pessoas de outras zonas que os visitam, têm elementos que são

responsáveis no grupo e que controlam o vandalismo ou outras coisas que possam acontecer. Quando existem furtos de telemóveis, eles tentam recuperá-los. Também se houver guerras nos desfiles de Mandingas, aplicam um castigo a essas pessoas não as deixando participar nas festas, e deixando de poder fazer parte de Mandinga! Esse é um castigo imposto, uma outra forma de manter a segurança entre os Mandingas de Fernando Pau. Se por acaso, durante o desfile houver guerras ou desentendimento dentro do grupo, o castigo é não desfilarem na semana seguinte. Como presidente, sente-se responsável pelos instrumentos e pelo comportamento correto nos seus desfiles. Valdir alega que por essa razão não sentem necessidade de contactar a polícia:

Nunca, desde do início dos nossos desfiles de Mandiga, contactamos a polícia. Sempre brincamos dentro da nossa zona, algumas vezes saímos fora, mas nunca tivemos polícia no nosso grupo, porque o nosso Mandinga é limpo. Já assisti a guerras entre Mandingas rivais. Colocavam máscaras e agrediam as pessoas. Mas atualmente já não colocam máscaras porque foram proibidas pela polícia, mas na minha opinião não deviam proibi-las porque máscaras foram feitas para usar no carnaval. Mas só que há pessoas que aproveitam essa oportunidade para praticar esses atos, manchando a imagem dos Mandingas, mas as máscaras existem desde há muito tempo em que o Capote e o Djunga costumavam vestir de Mandinga, mas iam juntamente com o grupo de mescrinhas. Logo penso que as máscaras não devem desaparecer. Proibir as pessoas que saem vendendo bebidas descontroladamente isso evita guerras; Pessoas irem com objetivo de brincar portanto deixando todos os objeto em casa sobre tudo os de grande valor; Solicitar apoio das autoridades (Câmara Municipal e polícia); Deixar os Mandingas desfilarem livremente como antigamente - as pessoas paravam e deixavam-nas desfilarem livremente, mas atualmente isso mudou muito, por onde Mandinga passa vai arrastando pessoas. As pessoas podem acompanhar os Mandingas, mas devem ir com pensamento positivo.

Etapas da Tradição

Valdir explica que o desfile se desenrola da seguinte forma:

Apresentamos na zona, percorremos as zonas da comunidade, com batucada. Cada pessoa apresenta o seu novo estilo de dança. Costumamos preparar a roupa dos nossos companheiros, organizar a música, estar sempre atento às horas. Confeccionam a sua comida, (canja, massa...), mas não têm patrocínio. Cada pessoa contribui e assim confeccionamos uma comida, sempre antes de partirmos, ou às vezes deixamos para o fim do desfile. No dia do desfile toda gente já sabe que é todos os domingos logo

após o final do Ano. Nós marcamos o horário, às treze horas concentração das pessoas, para partimos às catorze horas ou catorze horas e trinta minutos. Saímos uma semana depois do grupo de Mandingas de Ribeira Bote. As pessoas devem sair das suas casas conscientes que se não estão trajados de Mandinga, não devem infiltrar-se no meio dos mesmos. Devem é deixar os Mandingas desfilar, ficando atrás e deixando-os dançar, mostrar os seus passos, porque muitas vezes os Mandingas não conseguem desfilar devido a esses constrangimentos. Portanto aconselho as pessoas a ficar atrás deixando os mandingas desfilar livremente.

O presidente assume que têm participado pouco muito porque o seu grupo não é bem organizado, exceto nos jogos que costumam fazer com a sua claque. Levam os seus instrumentos, mas quando é noutra zona têm de ter patrocinadores.

Mandinga do Passado e do Presente

Hoje em dia todas as pessoas gostam de Mandinga, gostam de brincar precisamente depois que mandinga passou a desfilar juntamente com alguns grupos oficiais, tais como o de Ribeira Bote e passou a fazer os desfiles por todas as zonas na cidade. Mandinga fez com que o carnaval de S. Vicente evoluísse bastante, visto que costumavam brincar ao carnaval somente durante três dias. Desde o aparecimento dos Mandingas o carnaval de São Vicente dura mais tempo! Às vezes inicia em janeiro e termina em março porque os Mandingas desfilam todos os domingos a partir das catorze horas. Mandinga de antigamente era melhor do que agora porque brincavam com mais seriedade, havia mais convivência. Mandinga atualmente tem mais pessoas logo aparece confusão. Eram bem organizados, eram um grupo bem forte. O grupo possui um local onde se encontram, as pessoas vêm logo com os seus trajes prontos e preparam a tinta.



Figura 57- Mandinga de Fernando Pau em 2018

Fonte: ArtScreen e Films

Financiamentos e Preservação da Tradição

Não temos patrocinadores, só a nossa motivação e algumas pessoas de boa vontade que nos dão dinheiro para comprar óleo e algum género para fazermos a refeição.

As Artes e a Tradição

Pintam de preto porque se consideram Mandinga tradicional. Utilizam pilha misturada com óleo de cozinha e carvão. A tinta de pilha faz mal à pele causando câncer de pele e problemas de vista. O presidente conta também que costuma dançar e tocar. Gosta de tocar e controlar os instrumentos e não deixa a batucada parar e assim fica mais forte. Toca todos os instrumentos, mas prefere o repinique.



Figura 58- Mandingas Fernando Pau desfilando pelas ruas do Mindelo

Fonte: ArtScreen e Films

Instrumentos de sopro não têm e necessitam não só de instrumentos de sopro, mas também de outros. Ainda não têm música própria do seu grupo, utilizam o que está na moda, misturam com mais invenções de algumas pessoas e assim fazem o seu Mandinga. Contam com o Constantino Cardoso, Pole Block, Djenifer Solidad... Antigamente todas as semanas tinham de alugar oito a dez peças por oito mil escudos, mas atualmente, graças ao seu esforço, foram arranjando os seus instrumentos e agora têm instrumentos suficientes (surdo, agogô, chocalho, ferro, repinique, caixa, tamborim, e algumas pessoas com apito, corneta) para fazerem o seu Mandinga.

Escola, Museu e Património

Valdir viu a atuação na Escola e referiu: “ Foi bom. Vi, gostei e gostaria que outras escolas e jardins tivessem essa iniciativa levando um pouco da nossa tradição. Considera, tal como os restantes presidentes, que seria uma boa ideia a criação de um Museu Mandinga, porque quem não conhece a estória mais antiga de Mandinga, poderá ter acesso a um espólio que permita a todos que o visitem, passar a conhecer toda a estória dos Mandinga. Para Valdir, Mandinga é um grande produto turístico, fundamental em Cabo Verde, e graças à Mandinga têm

vários turistas que irão gostar de visitar os estaleiros ou o museu e a sua arte de Mandinga, para fotografar e adquirir alguma lembrança e termina dizendo: “Devíamos aproveitar mais para realizar desfiles para cruzeiros quando há turistas, angariando algum fundo que nos possa ajudar nas despesas do grupo”.

4.2 Entrevista a Educadores

4.2.1 Professor de História

O professor José António Mascarenhas, aposentado refere que Mandingas é um dos componentes importantes do Carnaval Mindelense. Trata-se de uma tradição que se repete todos os anos, desde há já aproximadamente meio século. O seu estudo é também importante, segundo ele, porque se refere à história do Carnaval de S. Vicente. Ele explica que na sua essência encontramos mistura de origens africanas com a criatividade do povo Mindelense:

Originalmente dá-se o nome a essa manifestação Mandinga, mas na atualidade existe uma tendência de designá-la Mendinga. Pergunta-se porquê? Tem a ver com neologismo ou deturpação da palavra ou nome original. É bom estudar o ritual de Mandinga e levá-la para Escola como já referi anteriormente, da relevância do conhecimento da sua origem como tradição, como também saber se há aspetos ligados à modernidade. Inicialmente havia dois indivíduos conhecidos: primeiro Capote e depois Djunga, que dirigiam ou orientavam o desfile durante o carnaval. Pintavam-se de negro, utilizando cinzas ou pelugem de carvão e eram acompanhados de pessoas mascaradas, conhecidas popularmente por mascrinhas. Esses Mandingas tinham na minha ótica duas finalidades: 1ª Desfilar durante o carnaval; 2ª Contribuir na manutenção da ordem e do civismo utilizando uma espada, arrastando no solo, junto dos pés dos assistentes, levando-os a saírem dali para que houvesse melhor desfile. O uso dessa espada metia medo às crianças e ao mesmo tempo tinha vontade de ver os Mandingas.

O professor apresenta argumentos, quando afirma que a tradição presentemente é diferente:

Hoje é diferente por várias razões: uma delas é que são vários grupos de Mandingas de vários bairros do Mindelo (Ribeira Bote, Fonte Filipe, Espia, Pedreira, Ribeirinha e Fernando de Pau), inclusive já existem músicas que são dedicadas aos Mandingas. Uma segunda razão é que o desfile é feito desde o bairro de origem do grupo Mandinga, até várias artérias ou rua da cidade. Uma terceira razão é que existe um grupo enorme de pessoas que acompanham o desfile dos Mandingas, perturbando os mesmos. Uma quarta razão é que a pintura é feita com óleo de cozinha e posteriormente o pó da pilha moída, que, segundo posição científica, é má para pele!

Os dados fornecidos pelo especialista em História, permite constatar a necessidade de se aprofundar mais estudos sobre este e outros fenómenos da cultura e ele sugere:

Conforme a antropologia encontramos em qualquer cultura aspetos relacionados com a tradição, assim como novos elementos que se integram pelo efeito da modernidade e ambos se interrelacionam. No que refere especialmente ao Mandinga convém que se façam estudos mais aprofundados para ver até que ponto os elementos novos correspondem a lógica natural evolutiva na nossa cultura. Esses estudos poderão sugerir-se: haverá apenas o desfile dos Mandingas e os populares ficarão como espetadores? Ou deixar como estão, uma miscelânea de Mandinga e espetadores e ainda com presença de pessoas utilizando durante o desfile bebidas alcoólicas? A meu ver, a presença de bebidas alcoólicas durante o desfile, em regra poderá contribuir para o vandalismo, delinquência e desordem.

4.2.2 Professora de Educação Visual

A professora Lucrécia Lima da Escola Anísia do Rosário, Licenciada em Educação Artística, (de 53 anos de idade) prontificou-se a contribuir com o seu testemunho para a reflexão relacionada com a importância da abordagem de tais fenómenos na esfera escolar e disse o seguinte:

Acho que se deve pensar no assunto, pela quantidade de pessoas nacionais e estrangeiras que aderem aos grupos, todos os finais de semana que antecedem o carnaval e penso que deverá ser encarada com mais respeito, e visitar a história, (cultura de Cabo Verde) e ver onde se enquadrar esse fenómeno.

A professora referiu que a ideia que tinha dos Mandingas, que sempre detestou, era de um grupo de pessoas que andavam com espadas e catanas, pelas ruas de Mindelo a assustar as crianças e não só. Tem consciência que atualmente a tradição arrasta consigo milhares de pessoas, de todas as classes sociais e idades: “cada vez mais, tem dado mostra de querer enraizar-se em Mindelo. As crianças já não têm medo, pelo contrário, querem todas, fantasiarem-se de Mandingas e muito bem no ritmo ariá. Penso que, só não há mais pessoas a entrarem no grupo por causa dos materiais de pintura obsoletas que são nocivas a saúde”.

4.2.3 Encarregada de Educação

D^a Gilda foi a mãe e encarregada de educação convidada a pronunciar-se sobre a atividade celebrada na escola e onde a sua filha participou. Quando interrogada pela investigadora sobre a importância de tal iniciativa, ela respondeu:

A iniciativa de estudar este ritual de Mandinga é boa para que os jovens da nova era possam compreender o ritual de Mandingas, a origem da tribo dos Mandingas cuja influência nasceu no interior da Guiné Bissau. Nos anos 60 até 70 os Mandingas da ilha de Madeira de S. Vicente, Fonte Filipe, liderados pelos senhores Capote, Djunga, Chico Lima e Pica Pau, acompanhados pelos seus sobrinhos, movimentaram as ruas trazendo muitas pessoas à volta deles. A movimentação dos Mandingas era controlada pelas autoridades (polícias), que não deixavam entrar na cidade, era somente nas zonas denominadas “fraldas”. Conforme informações dos mais velhos. Mas depois da independência (1975) a movimentação dos Mandingas tornou-se uma realidade em quase todas as zonas do Norte de S. Vicente, lideradas por um chefe. Nos dias de hoje a movimentação dos Mandingas tornou-se uma festa de uma grande dimensão, realizada agora, até no Carnaval de Verão e em vários países da comunidade Europeia. Hoje existem várias ‘tribos’ de Mandingas: Ribeira Bote, Fonte Filipe, Espia, Ribeirinha (Mandinga de Areia Branca), e Pedreira (Mandinga Azul).

Outra mãe, a dona Jandira, referiu que acha muito bem que se celebre o Mandinga na Escola e que não sabe como era antes, pois nunca tinha participado em nenhuma atividade sobre Mandinga. Acrescenta que lhe parece que não terá mudado a tradição, mas o comportamento das pessoas, referindo-se às que modificaram o comportamento para melhor, na hora da convivência.

Sumário

A revisão de literatura enriquecida com as técnicas de observação, fotografia, vídeo e entrevista, realizadas pela investigadora, permitiram afirmar que a tradição atual apresenta características diferentes do passado, e que o seu estatuto tem vindo a melhorar em termos de aceitação social e símbolo de identidade e entendida como uma mais valia para a economia local. A recolha dos dados foi iniciada entre Setembro de 2016 e janeiro de 2018, com visitas regulares às referidas zona seleccionadas, como forma de conviver, conhecer, perceber e descobrir os Mandingas de Carnaval de S. Vicente, e as percepções de professores e encarregados de educação, numa perspetiva antropológica e artística, facultando aspetos relevantes para o estudo. O sucesso da recolha etnográfica deveu-se ao bom relacionamento entre informantes e investigadora.

CAPÍTULO V RESULTADOS, CONCLUSÕES E IMPLICAÇÕES PARA FUTURAS INVESTIGAÇÕES

5- Introdução e Finalidades

A finalidade deste capítulo é interpretar e relacionar os dados recolhidos através de entrevistas, observação (capítulo IV), com a análise de conteúdo de documentos (apresentado no capítulo II). Neste capítulo apresentam-se os resultados e conclusões, em função das questões de investigação apresentadas no capítulo I:

- Qual a origem dos Mandingas de Carnaval de S. Vicente?
- Que alterações se têm introduzido na última década, na tradição dos Mandingas de Carnaval de S. Vicente, em termos sociais e artísticos?
- Que formas e elementos simbólicos e estéticos caracterizam esta manifestação?
- Como é que os Mandingas podem ser abordados na escola?
- O que pensam as crianças e os adultos sobre os Mandingas?

5.1 Sumário dos Resultados e Conclusões da Pesquisa

O estudo foi motivado pela preocupação da investigadora em querer (i) conhecer e perceber toda a estória dos Mandingas de Carnaval, na ilha de S. Vicente, Cabo Verde; e (ii) criar recursos que possam ser utilizados nas Escolas e no Museu. Depois da análise dos dados, apresenta-se uma síntese, destacando as principais conclusões e recomendações, tendo como pano de fundo os objetivos da investigação, previamente definidos. No capítulo I foram apresentados e justificados os argumentos para a escolha do tema da investigação, assim como o problema de investigação.

No capítulo II definiram-se alguns conceitos chave e refletiu-se sobre algumas perspetivas teóricas relacionadas com a história de Cabo Verde e a educação patrimonial no ensino da arte no contexto de Cabo Verde, de forma a ampliar a contribuição positiva deste estudo para a promoção do desenvolvimento local através de manifestações patrimoniais no âmbito da escola e da comunidade, proporcionando a todos os cidadãos vivências afetivas de interação, comunicação, inovação, criatividade e celebração do património cultural. Neste contexto, constatei que os professores não costumam valorizar o seu património local e que é necessário criar recursos educativos que ajudem a conhecer e compreender o seu património. Verificou-se a necessidade da promoção de valores

culturais no dia-a-dia, envolvendo um conjunto amplo de aspetos como a organização curricular, as metodologias de ensino, a cultura escolar de cada instituição, o modelo de participação das crianças e encarregados de educação na vida escolar, e uma formação contínua dos professores que deve envolver um necessário aprofundamento de conhecimentos e compreensão de manifestações tradicionais, como é o caso de Mandinga. O capítulo III teve o propósito descrever e fundamentar o método utilizado, o etnográfico, a sua pertinência e os instrumentos utilizados durante a recolha e análise dos dados, onde a triangulação metodológica fosse considerada como uma estratégia de articulação de resultados, de delimitação contextual, percurso e levantamento de novas pistas. A escolha da localidade, a amostra e o plano de ação foram tidos igualmente em consideração. O capítulo termina com a apresentação dos procedimentos éticos adotados. No capítulo IV procedeu-se à recolha de dados a partir dos registos verbais e visuais realizados pela investigadora, que permitiram entender que esta tradição atual apresenta características diferentes do passado, e que o seu estatuto tem vindo a melhorar em termos de aceitação social, símbolo de identidade e mais-valia para a economia local. A análise dos dados recorreu à técnica de triangulação, que se revelou de grande importância para a compreensão das intervenções dos participantes. Ficou claro que os saberes acumulados diferem de comunidade para comunidade e as dinâmicas locais também diferem, especificamente tipos de apoio e enquadramento que podem, por si só, ajudar a explicar o sucesso ou o insucesso das iniciativas dos Mandingas. A recolha dos dados foi iniciada entre setembro de 2017 e janeiro de 2018, com visitas regulares às referidas zonas selecionadas, como forma de conviver, conhecer, perceber e descobrir os Mandingas de Carnaval de S. Vicente, e as perceções de professores, encarregados de educação, políticos, agentes culturais, artistas, população em geral, numa perspetiva antropológica e artística, facultando aspetos relevantes para o estudo. O sucesso da recolha etnográfica deveu-se ao bom relacionamento entre informantes e investigadora.

5.2- Conclusões

A análise dos dados permitiu destacar as principais conclusões e implicações para futuras investigações, tendo como pano de fundo as finalidades da investigação, previamente definidas. Neste capítulo as conclusões foram as seguintes:

- (i) O método de investigação etnográfico contribuiu para a recolha de dados e divulgação da estória dos Mandingas de Carnaval de S. Vicente;

- (ii) A Educação Patrimonial deve ter um papel fundamental na promoção do conhecimento e compreensão das mudanças na tradição desta manifestação tradicional, bem como o futuro dos Mandingas de Carnaval de S. Vicente.

Esta pesquisa, como já foi dito previamente, foi motivada pela preocupação da investigadora em querer conhecer e perceber toda a estória dos Mandingas de Carnaval, na ilha de S. Vicente, Cabo Verde e querer demonstrar como ela poderá ser trabalhada no Ensino Básico, através da Educação Artística enfatizando o papel que a música pode ter também na promoção do património. A análise tenta dar resposta aos temas relacionados com as questões iniciais da investigação:

- Origem dos Mandingas de Carnaval de S. Vicente;
- Transformação e mudança na tradição dos Mandingas de Carnaval de S. Vicente;
- Papel das expressões na celebração da Tradição Mandinga;
- Educação Patrimonial na Escola;
- Perceções da comunidade sobre os Mandingas

5.2.1 Origem dos Mandingas de Carnaval de S. Vicente

Concluiu-se que a estória e origem dos Mandingas de Carnaval de S. Vicente é pouco ou nada conhecida e deveria ser mais divulgada pelos meios de comunicação. Os professores têm dificuldade em aceder a revistas locais e livros sobre as origens desta tradição e de outras. Daí que este estudo irá ser um valioso recurso para as escolas Cabo-Verdianas e para a valorização de práticas culturais, demonstrando que os Mandigas de Carnaval de S. Vicente não se resumem a um cortejo que sai às ruas todos os fins-de-semana que antecedem e terminam o carnaval Sanvicentino, e apesar de muitas pessoas verem ou apontarem somente os seus aspetos negativos, esta manifestação tem em si uma riqueza artística e estética e uma grande importância no desenvolvimento comunitário. José Carlos Albino (2000) a propósito de desenvolvimento comunitário refere:

...tem na sua pré-história os processos de desenvolvimento comunitário, o movimento das comissões de moradores, o movimento cooperativo nos seus diversos ramos, o movimento de animadores socio-culturais (...) pessoas e organizações que deram grande importância à organização de base e à questão de intervenções de resposta aos problemas de certos grupos sociais e de certos locais e territórios que, duma forma ou doutra, talvez partindo de vetores e de abordagens diferenciadas – uns começando

mais pelo lado da intervenção na cultura, outros começando mais na resposta às questões económicas e do emprego, outras mais na intervenção ligada à problemática da educação, outros mais à problemática do intervir com os jovens, com as crianças, com os adolescentes das nossas terras, dos nossos bairros, etc.- batalham pelo (des)envolvimento das suas comunidades; foi, pois, desta “caldeirada” de agentes e atores que se constituíram as primeiras iniciativas que se batizaram de iniciativas e organizações do desenvolvimento rural (p. 86)

A questão do desenvolvimento é um tema que desde as duas últimas décadas tem vindo a ser profundamente discutido em congressos em todo o mundo, e a escola, é, sem dúvida a sede indiscutível para lançar e alimentar esse desafio.

5.2.2. Transformação e Mudança da tradição dos Mandingas

No caso dos Mandingas do Carnaval de S. Vicente, verifica-se que a manifestação cultural se inicia logo após o fim do ano, e as pessoas interessadas em participar nesta manifestação tradicional dirigem-se às diferentes zonas de Ribeira Bote, Ribeirinha, Espia, Fonte Filipe, Fernando Pau e Pedreira, para com eles desfilarem, conviverem e divertirem-se. Analisando as perceções dos vários intervenientes na investigação sobre a origem do ritual dos Mandingas do Carnaval de S. Vicente, à luz das questões de Prática destacaria algumas conclusões:

1- Pintura Corporal: Mantiveram-se algumas práticas culturais relativamente à pintura corporal visto que os Mandingas de Fonte Filipe, Ribeira Bote e Espia e Fernando Pau se pintam de preto tal como se pintavam antigamente com Capote e Djunga, figuras carismáticas de Mandinga no passado. Mas houve mudanças relativamente à tinta, porque os Mandingas antes pintavam-se usando pelugem da panela e hoje, os de Fonte Filipe e Espia utilizam o carvão. Os da Ribeira Bote utilizavam pólvora da pilha para fazer a tinta, manifestando que dá maior brilho. É de referir que neste ano 2018 os Mandingas da Ribeira Bote já não utilizam a pólvora de pilha, pois trouxeram uma tinta do estrangeiro que é adequada à pintura na pele, uma vez que muitos médicos têm alertado os Mandingas que a pólvora de pilha pode provocar cancro de pele. Os Mandingas da Ribeirinha pintam atualmente o corpo com a areia e os Mandingas Azul, com tinta azul.

2- Estaleiros, ou armazéns destinados à preparação da manifestação cultural – são o ponto de encontro: Se antigamente os Mandingas se vestiam, pintavam secretamente, para fazerem surpresa quando saíam às ruas, atualmente reúnem-se nos locais próprios onde

cada grupo confeciona os seus trajes, prepara a tinta, se veste, pinta e come. Aí cada grupo guarda equipamentos e instrumentos, ensaia, toca e os seus membros ajudam-se mutuamente a caracterizar e a usar os adereços.

3- Emoções- O medo do passado deu lugar à euforia e alegria, ou seja, verifica-se que desapareceu o medo por parte das crianças, que antigamente quando os viam, corriam assustados. Hoje em dia, elas juntam-se aos grupos e muitas delas até tocam, com latas e outros objetos e dançam ao ritmo dos sons por eles produzidos. Basta ir às zonas para se encontrarem as crianças a tocar esses ritmos com latas e outros objetos.

4- Alcoolismo- O consumo excessivo de bebidas alcoólicas tradicionais, como o grogue, provoca algumas guerras, brigas, desentendimento e até agressão física por parte de mulheres e homens, pois são milhares e milhares de pessoas percorrendo as zonas de S. Vicente, todos os domingos após o fim do ano, comendo, bebendo, tocando, dançando e há sempre alguns que ficam com a cabeça ‘quente’, por se excederem no álcool. Mas os Mandinga de antigamente tinham, por exemplo, o Djunga com a sua espada que não deixava ninguém aproximar-se e prejudicar o desfile. Hoje em dia o Djunga foi substituído pelos agentes policiais que tentam manter a ordem pública.

5- Itinerário- Se antigamente desfilavam somente nas zonas periféricas, hoje em dia percorrem toda a cidade, de acordo com o itinerário estabelecido pela Câmara Municipal e polícia Municipal. O desfile envolve um horário bastante longo, tendo início em cada zona às catorze horas e devendo regressar às dezanove horas. Em 2018 o horário de chegada alterou-se, tendo a polícia antecipado uma hora, ou seja, devendo tudo terminar às 18 horas, para se evitarem distúrbios por aqueles que aproveitam a noite para praticar atos impróprios e prejudicarem assim a imagem dos Mandingas.

6- Mascrinhas – Os Mandingas de antigamente desfilavam juntamente com um grupo de máscaras denominados ‘mascrinhas’, mas atualmente foi proibido o seu uso, para evitar incidentes por aqueles que as usam para não serem identificados quando praticam atos ilícitos (e.g. agressões, roubos, etc).

7- Manifestação de Rua - Podemos dizer que os Mandinga antigamente funcionavam num circuito mais fechado e tinham menos pessoas. Tinham um líder! Atualmente o grupo aumentou e arrasta consigo multidões, podendo-se considerar a maior manifestação de rua do país.

8- *Status*- Se antigamente os Mandinga eram uma manifestação que se apresentava somente no carnaval, hoje em dia participa noutros eventos realizados em S. Vicente: campanhas políticas, festival da Baía das Gatas, carnaval de Verão e outras atividades realizadas nas zonas, sendo também solicitados a desfilar noutras ilhas.

9- Financiamentos e Patrocínios- Alguns meses antes do Carnaval os responsáveis dos referidos grupos escrevem algumas cartas à Câmara Municipal e a patrocinadores diversos, solicitando apoio financeiro. Essas ajudas são utilizadas para comprar comida, bebida... Mas conclui-se que muito dos presidentes têm recebido poucas ajudas, daí que nos dias dos desfiles solicitam também aos Mandigas um pequeno contributo, consoante as disponibilidades de cada membro. Se o lucro arrecadado for significativo, convidam também pessoas para tocar instrumentos de sopro.

5.2.3 Papel das expressões na celebração da Tradição Mandinga

Nos desfiles dos Mandingas todas as pessoas participam (crianças, adolescentes, adultos e velhos). Essa prática é passada aos jovens pelos seus familiares, amigos e conhecidos, desde que queiram aprender e fazer parte desta comunidade, pois, tal como Lopes, Godinho e Brito referem:

A criança africana, como qualquer criança, gosta de explorar o meio que a cerca, de observar as atividades dos adultos e imitá-los, descobrindo novas situações. Babs Fajunwa diz que as crianças africanas talvez sejam diferentes das crianças europeias pelo facto de terem acesso inteiramente livre ao estimulante mundo da música e da dança. Não precisam de professores nem de especialistas para começarem a dançar. Basta que observem os adultos e as outras crianças para entrarem naturalmente na dança. Os movimentos da dança africana, na sua infinita variedade, são o melhor exercício para os seus corpos em formação. A dança, tal como a música, é também um meio de comunicação social e atividade de grupo (s/d, p. 5)

É de referir que os movimentos dos corpos nos desfiles dos Mandingas carregam aspetos bélicos e reproduzem gestos relacionados com as tradições sociais, as alegrias e tristezas do quotidiano, desprovidos de artificialismo e em perfeita sintonia com os ritmos dos instrumentos. Além dos movimentos dos figurantes, destacam-se os figurinos, adereços, e, por vezes máscaras. As danças por eles utilizadas, quando somadas às improvisações teatrais desta grande manifestação de rua, ao canto, às palmas, dão ênfase à desenvoltura dos corpos dos(as) dançarinos(as) e às suas interações entre figurantes e o espaço da rua, onde o público é contagiado pelas diversas informações sonoras e visuais aí presentes.

No último domingo após o carnaval oficial os Mandingas faz-se o enterro do Carnaval onde confeccionam caixões. Nesse dia todos os grupos de Mandingas juntam-se para fazer esse enterro. Partem da zona da Ribeira Bote, Cruz João Évora, Chã de Alecrim, Lajinha, Avenida Marginal e chegam à Praia de Cachorro onde deitam o caixão ou os caixões no mar, enterrando assim o carnaval e a festa do rei Momo. Mas esse enterro não é para sempre, porque no ano seguinte regressará com mais força. No dia do enterro dos Mandingas, utilizam trio elétrico pois são milhares e milhares de pessoas, e participam artistas famosos que se destacam sobretudo nas músicas de Mandingas.

Algumas levam os seus trajes prontos e nos estaleiros reúnem-se, comem, pintam-se, enquanto os responsáveis preparam os instrumentos (repinique, chocalho, agogô, caixa, surdo) assim como a água para irem distribuindo ao longo do grande percurso, cantando e dançando. Nesse percurso, os Mandingas exibem o seu potencial criativo, a sua expressividade e a interação com o dinâmico e imprevisível espaço do desfile, acenando com alguns objetos como lanças, espadas, chifres, conchas do mar, e outros elementos da natureza.

Aspetos comuns dos vários Grupos

Na confeção das saias utilizam cordas de sisal ou linon (tipo de linho) desfiadas, peles de animais e decoram-nas de formas variadas. Na cabeça usam adornos, onde misturam penas e chifres na confeção de coroas, e tecem a corda de sisal. Na mão, cada pessoa leva o seu cajado (que pode ser desde um pau de vassoura, uma espada, uma lança, um bambu) também decorado de forma variada. Nos pés alguns colam somente cordas de sisal, mas outros Mandingas preferem fazer tipo um chocalho com tampas de cervejas queimadas, de onde sai um som maravilhoso ao dançarem e baterem os pés no chão. No pescoço colocam diversos colares, feitos com conchas, e pedras diferentes. É de referir que algumas pessoas colocam objetos no nariz, na boca, como os Africanos.

Aspetos Diferentes dos Grupos

A pintura corporal no caso dos Mandingas que se pintam de preto na Ribeira Bote, em Fonte Filipe, Espia e Fernando Pau, é feita através da ajuda mútua. Primeiro esmagam o carvão ou pólvora de pilha no pilão, paneiram-se mistura com óleo da cozinha ou bebé e pintam o corpo todo. Alegam que pintam de preto como os antepassados e tentam manter

a mesma postura para não desaparecer a tradição. No caso dos Mandingas de Areia Branca, espalham a vaselina pelo corpo todo e depois deitam uma areia branca e bem fina. Nos Mandingas Azul há um pintor, grande artista plástica chamado Nilton, que lhes faz a pintura. Atualmente como são muitos Mandingas há outras pessoas que vão dando uma primeira mão.

5.2.4. Educação Patrimonial na Escola

A Educação Patrimonial tem um papel primordial na divulgação e preservação da História dos Mandingas de Carnaval de S. Vicente e na promoção de valores de cidadania. A celebração desta tradição na comunidade e no contexto escolar permitiu à investigadora verificar que a arte africana é um poderoso veículo para examinar mudanças culturais e funcionar como um objeto de troca e comunicação entre produtores e consumidores dentro e entre culturas, transmitindo muita informação sobre o seu desenvolvimento e mudança. No entanto, conclui-se que apesar dos artistas Mandingas pretenderem trabalhar para um público específico, não significa que a sua Arte acabe por chegar a esse público. Conclui-se que a abordagem dessa tradição na escola e a criação de um museu podem contribuir como meio de divulgação desta manifestação patrimonial e as atividades que foram realizadas ao longo deste estudo foram o exemplo disso. Essas atividades foram:

- Participação no carnaval 2017, onde fizemos uma grande performance de Mandinga de Carnaval com os alunos do Ensino Básico;
- Envolvimento de alunos, professores, pais e encarregados de educação, artesãos, Mandingas, equipa de coordenação pedagógica, associações e comunidade em geral, na partilha de conhecimentos;
- Desenvolvimento do conhecimento, divulgação e preservação da nossa cultura através da educação artística no contexto escolar, permitindo que novas gerações conheçam as suas raízes;
- Criação de um grupo de pequenos artistas no Ensino Básico, que sabem tocar, dançar, cantar ao ritmo dos Mandinga.
- Visita de artesãos à sala de aula, que foi facilitada pelo facto da investigadora ser secretária da Associação de Artesãos do Mindelo (Camin)

Assim se conclui que foi dado um grande contributo para a valorização do carnaval de S. Vicente e para a transmissão de uma imagem positiva e pedagógica dos Mandingas à comunidade, tendo-se apelado às pessoas que apoiem

- (i) os desfiles, comportando-se ordeiramente e acompanhem entoando a música Uni Mandinga (*Ca no tchá violência Cabá nós Mandinga ca no tchá violência caba nós tradison*), que foi criada pela investigadora; e
- (ii) a criação de um espaço museológico Mandinga, onde os Cabo-Verdianos e estrangeiros possam conhecer e vivenciar toda a estória desta manifestação cultural de Cabo Verde.

A escola tem um papel muito importante no ensino e divulgação das práticas culturais Cabo-Verdianas, onde os alunos podem e devem aprender como adquirir competências culturais, e possam contribuir para o conceito de comunidade imaginada. Tal como Benedit Anderson (1983, p. 14) argumenta, a nação é, na verdade, uma “comunidade imaginada” e para que exista, é preciso um número considerável de pessoas de uma dada comunidade que se sinta parte de uma nação, que tenha coisas em comum, que se “consideram ou se “imaginem” integrantes dessa nação. Para que haja essa “consciência” de nação, esse sentimento de pertencer a um mesmo grupo, a uma mesma cultura nacional e tornar possível uma identificação nacional, deve-se ter a necessidade de acionar alguns dispositivos para representar a nação e produzir significados. Nesse sentido, os diversos componentes da cultura, tais como as artes, a língua, as etnias, a história e outros, enquanto narrativas foram e são essenciais para a constituição de identidades nacionais.

5.2.5 Perceções da Comunidade sobre os Mandingas

A consulta de diversas fontes relacionados com a investigação qualitativa permitiu entender questões e problemas que geram a necessidade de desenvolver uma pesquisa, como resultado das observações do mundo real, tal como referem Bodgan e Biklen (1994). No caso específico desta pesquisa etnográfica, a recolha sistemática dos dados e respetiva análise gerou, sem dúvida novas leituras. O principal instrumento de pesquisa foi a própria investigadora e a investigação qualitativa permitiu encarar a interação da investigadora com o campo e os seus membros como parte explícita da produção do saber. A subjetividade da investigadora e dos participantes estudados fez parte do processo de investigação. Das várias questões examinadas à luz das teorias antropológicas e artísticas, alguns aspetos se destacam nesta análise. Este estudo enfatizou a vontade dos Sanvicentinos em preservar a manifestação cultural dos Mandingas, e em todo o

arquipélago de Cabo Verde, pois existem Mandingas noutras ilhas. Muito trabalho há ainda a fazer, pois em 2015 o Ministro da Cultura, Dr. Mário Lúcio, solicitou aos Mandingas de S. Vicente que desfilassem no Carnaval na cidade da Praia, capital do país, na tentativa de divulgar mais os Mandingas, mas eles não aceitaram, alegando que iam deixar o Carnaval de S. Vicente pobre.

Durante esta manifestação cultural os Cabo-Verdianos põem em evidência diversos aspetos da sua cultura e reforçam a sua identidade através das várias expressões (físico-motora, plástica, musical, dança e drama), da gastronomia, da língua (o crioulo) e toda a maneira de ser do Cabo-Verdiano. Conclui-se também que Mandingas do Carnaval de S. Vicente são uma das manifestações culturais de Cabo Verde que atraí mais pessoas. E carnaval de S. Vicente sem Mandinga não é carnaval, pois eles é que fazem com que o carnaval de S. Vicente dure mais. E é de referir que somente em S. Vicente existe esse fenómeno do enterro do Carnaval, prolongando a celebração do carnaval. No resto do Mundo a festa do carnaval ou a festa do rei Momo termina na terça ou quarta-feira, mas em S. Vicente termina no domingo. E hoje em dia já fazem a missa dos sete dias dos Mandingas.

Os contributos deste estudo podem ser considerados valiosos, pois se por um lado se sente que tal tradição pode estar em risco devido aos incidentes causados pelo excesso de consumo de álcool que têm manchado a imagem dos Mandingas, por outro lado ficou claro, através das conversas com a população, a enorme vontade e orgulho que demonstram por esta manifestação, apesar dos escassos recursos económicos, envolvendo todas as gerações e, desta forma reforçando os laços emocionais como algo que marca profundamente o sentir do povo. McFee (1991, p. 280) refere que cada indivíduo deverá ser exposto a elementos culturais diversificados tal como a língua, símbolos visuais, valores e crenças e salienta que a aprendizagem deve permitir-lhes reconhecer e entender seus próprios valores culturais e pressupostos e entender a natureza evolutiva da cultura e processos com potencial de mudança. A escola pode ter, sem dúvida um papel fundamental, na consciencialização das novas gerações para esta tradição, e mesmo a população que acompanha os Mandingas todos os finais de semana. E nesse aspeto a Escola Anísia Cíbele Lima do Rosário fez esse papel porque através da música Uni Mandinga apelou não só à preservação da tradição, mas também à promoção de comportamentos cívicos e à não-violência. Conclui-se que em Cabo Verde se tem

procurado incentivar um ensino pautado pela realidade Cabo Verdiana, mas na prática, ainda há muito para fazer.

5.3 Implicações Para Futuras Investigações

Todo este processo levou a investigadora a refletir sobre a pós-modernidade e como ela provocou grandes mudanças nas relações sociais e incentivou a reflexão sobre o papel que as artes em geral e a educação artística em particular, podem desempenhar na educação formal e informal contemporânea. Cultura e identidade são dois aspetos fundamentais que devem ser defendidos e promovidos, de forma a conseguir-se enfrentar os novos desafios da atualidade, numa época de globalização. A educação artística terá pois de consolidar a sua posição no currículo nacional de Cabo Verde, como um instrumento de revitalização e resgate das singularidades culturais e identitárias. Uma vez que a cultura Cabo-Verdiana possui características singulares sendo a cultura criação e informação, isto é um conjunto de conhecimentos teóricos e práticos que se aprende e transmite aos contemporâneos e vindouros. Num mundo com constantes transformações, torna-se uma necessidade imperiosa a implementação de iniciativas/ dinâmicas culturais e educativas, pois durante a colonização portuguesa, muitos aspetos da nossa cultura se foram perdendo ao longo dos tempos. Portanto os professores têm um papel importante, porque através de educação artística podem fazer da nossa cultura algo forte e interessante que possibilite às gerações presentes o conhecimento e valorização da nossa cultura e das suas raízes. No intuito de dar algum contributo para o melhoramento dos Mandingas de Carnaval de S. Vicente e de Cabo Verde em geral, partilham-se aqui as seguintes recomendações:

- 1- Maior organização por parte dos grupos, através da criação de um estatuto dos Mandingas, e cobrança de quotas para financiamento de cada grupo.
- 2- Fortalecimento da parceria com a Câmara Municipal, visto que os dez mil escudos por ela atribuídos, só permitem comprar *teepol*, ou vaselina, mas não chega para pagar as restantes despesas (tocadores, refeição, instrumentos...).
- 3- Maior diálogo, complementaridade e cooperação dos Mandingas, Ministério da Cultura e Instituto do Património Cultural e operadores turísticos (atores ativos), para a estruturação e concretização de uma estratégia local de desenvolvimento. Não se pode ignorar que atualmente os operadores turísticos são quem arrecada a maior receita na época do Carnaval, pois o carnaval é uma das manifestações culturais que mais representa

a ilha, logo nessa época os hotéis estão lotados, com grupos de emigrantes e turistas que vêm propositadamente assistir ao Carnaval;

4- Criação de parcerias entre os grupos de Mandingas e as agências de viagens;

5- Elaboração de uma agenda cultural no período do Carnaval, para que os visitantes (turistas, emigrantes) possam saber onde se devem dirigir para participar ou comprar alguma lembrança do carnaval mindelense (Mandinga).

6- Criação de legislação que defenda a limpeza das ruas durante e após o Carnaval;

7- Maior atenção nas escolas à educação cívica;

8- Maior apoio dos meios de comunicação sobre o excesso de consumo de álcool.

9- Identificação das pessoas que são Mandingas atribuindo-lhes crachás, evitando assim que outras pessoas que nada têm a ver com os grupos Mandinga, se façam passar por eles.

10- Envolvimento mais ativo do Ministério da Cultura, do Instituto do Património Imaterial, da Câmara Municipal, dos responsáveis políticos, da polícia municipal na organização dessa manifestação, disponibilizando espaços /estaleiros adequados para todos os grupos de Mandingas, onde se possam confeccionar os adereços, cenários, se possam realizar os ensaios, instrumentais e danças e preparar refeições durante os eventos.

11- Criação de fontes de receitas, através da venda de objetos artesanais, camisolas, trajes, produtos multimédia, e tudo o que represente os Mandingas.

12- Mais interligação entre os seis grupos de Mandingas existentes em S. Vicente.

13- Criação de um espaço propício para a realização dos desfiles dos Mandingas, evitando assim a interrupção do trânsito.

14- Criação de um espaço museológico de Carnaval de S. Vicente para promoção da História e estórias dos Mandingas de Carnaval de S. Vicente.

15- Uso de tintas propícias para a pele, visto que os Mandingas afirmam que a pólvora da pilha lhes prejudica a pele.

16- Mandingas desfilando no Carnaval Sanvicentino oficialmente, visto que arrastam consigo milhares de pessoas e expansão a nível de Cabo Verde.

Através desta investigação procurou-se compreender um pouco mais uma determinada manifestação cultural, contudo, permanece em aberto a necessidade da realização de investigações mais profundas, sobretudo acerca dos pontos de vista das entidades políticas presentes e ausentes neste evento que se realiza anualmente em Cabo Verde. É também reconhecida a necessidade de um balanço geral das necessidades de todos os participantes neste evento, assim como perspectivas futuras para a sua continuidade. Além das recomendações aqui apresentadas, considera-se imprescindível a realização de um estudo acerca do impacto deste evento em Cabo Verde e da sua divulgação. A generalização tem neste estudo qualitativo um estatuto diferente, mais no sentido da replicação dos resultados noutros casos idênticos ou conjuntos de condições.

Bibliografia

- Albarelo, L. et al. (1997). *Práticas e Métodos de Investigação em Ciências Sociais*, Lisboa: Gradiva.
- Albino, J. (2001). Do Desenvolvimento Local e das suas Intimidades com as Micro Empresas e os Artesãos, In *I Simpósio Artes e Ofícios dos Açores – Microempresas de Artesanato Ultrapерифeria e Desenvolvimento Local*, Açores: Auditório Municipal da Vila da Povoação, São Miguel, pp. 85, 90.
- Anderson, B. (1983). *Imagined Communities: Reflections on the Origin and Spread of Nationalism*. London: Verso.
- Barbosa, A.M. (1984). *Arte Educação*, São Paulo: Vozes.
- Barbosa, A.M. (2003). *Inquietações e mudanças no ensino da arte*, São Paulo: Cortez.
- Barcellos, C. J. de S. (1899). *Subsídios para a História de Cabo Verde e Guiné*, Lisboa: Typographia da Academia Real das Sciencias, parte I, p.5.
- Barthes, R. (1984). *A Câmara clara. Nota sobre a fotografia*, Rio de Janeiro: Nova Fronteira.
- Bell, J. (1993). *Como realizar um projeto de investigação*, Lisboa: Gradiva.
- Bogdan, R. e Biklen, S. (1994). *Investigação Qualitativa em Educação – Uma investigação à teoria dos métodos*, Porto: Porto Editora.
- Benedict, A. (1983). *Introdução - Comunidades Imaginadas*, Londres: BA, p.14
- Bourdieu, P. (1989). *O Poder Simbólico*. Lisboa: Difel.
- Carnaval Do Mindelo (2015). O Picnim Jornal Cultural Mensal Grátis de Cabo Verde” Nº 8 Fev. (2015. 26).
- Carnaval (2014). O ano dos Mandingas, In *O Picnim*, Jornal Cultural Mensal de S. Vicente Mindel, Nº 5 Março.
- Carmo, H. e Ferreira, M. (2008). *Metodologia de Investigação, guia para auto-aprendizagem*, Lisboa: Universidade Aberta.
- Cioffi, A. (2003). *Educazione e Beni Culturali*, Nápoles: Arte Tipografia, pp.9-29.
- Collier, J. (1973). *Antropologia visual: a fotografia como método de pesquisa*, São Paulo: Editora Epu.
- Coutinho, C. (2008). *Investigação-Ação: metodologia preferencial nas práticas educativa*. Braga: Universidade do Minho.
- Cruz, A. L. (2009). *Artes de Mulheres à Altura das suas Mãos- o Figurado de Galegos Revisitado*, Porto: Edições Afrontamento.
- Cruz, A. L. (2005). Figurado de Galegos: A vida das formas e as formas de vida, In *Figurado Português. De santos e diabos está o mundo cheio*. (coord.). Isabel Maria Fernandes. Porto: Edições Afrontamento.

- Dias, M. (2008). *O ritual do Dia dos Mortos na aldeia transmontana de Meixide a expressão estética da lembrança e a procura da imortalidade*. Dissertação de mestrado, Braga: Instituto de Estudos da Criança, Universidade do Minho, p.75.
- Denzin, N. (1997). *Interpretative Ethnography: Ethnographic Practices for the 21st Century*, Londres: Sage Publications.
- Dissanayake, E. (1999, p.48). *An ethological View of ritual na ar tis human evolution history*, Leonardo: University of Washington Press.
- Estrela, A. (1999). Teorias e prática de observação de classes: uma estratégia para formação de professores (4ª ed.). Porto: Porto Editora.
- Efland, A. (2005). Infância y cultura visual, In Belver, M. H., Acaso, M.; Merodio, (Eds) *Arte infantil y cultura visual*. Madrid: Eneida, pp.53-69.
- Fragata (2013). *Revista de Borde da TACV*, Janeiro. Fevereiro.
- Ferrarotti, F. (1983). *Histoire et Histoire de Vie*. Paris: Librairie des Méridiens.
- Ferreira, I. (2015). Cabo Verde, Economias Criativas, que Benefícios para o País? O Caso, Atlantic Music Expo Cabo Verde. Cabo Verde: Editura-Central Comum de Edições do Ministério da Cultura.
- Ferreira, M. (1973). *Aventura Crioula*. Lisboa: Plátano Editora
- Fortes, C. C. (2016). *Avaliação Ambiental em Cabo Verde*. Dissertação de Mestrado em Ciências e Tecnologias do Ambiente, Área de Especialização em Riscos: Avaliação e Gestão Ambiental. Porto: Faculdade de Ciências de Universidade do Porto.
- Fortin, M. F. (1999). Arte na Educação. Porto: Décarie. Fortes, C.C. (2016). Avaliação Ambiental em Cabo Verde, Dissertação de Mestrado em Ciências e Tecnologias do Ambiente- Área de Especialização em Riscos: Avaliação e Gestão Ambiental. Porto: Departamento de Geociências, Ambiente e Ordenamento do Território, da Faculdade de Ciências da Universidade do Porto, <https://repositorio-aberto.up.pt/bitstream/10216/85954/2/154861.pdf>
- Fróis, J. P., & al, e. (2000). Educação est de Mestradoética e artística. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian.
- Fusari, H. F. (1993). Arte na Educação. S. Paulo: Cortez.
- Fróis, J. P., & al, e. (2000). Educação estética e artística. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian.
- Geertz, C. (1973) Interpretação das culturas, Rio de Janeiro: E.d. Guanabara (p.7-14).
- Geertz, Clifford (1973), Interpretação das Culturas, Rio de Janeiro: Edições Zahar
- Germann, G.; Pereira, A. (2013). Arte na Escola: Espaço de Construção de Novas Identidades? In Roteiro, Joaçaba, V. 38, n. 2, p. 431-448, jul./dez., 431-448, Disponível em: www.editora.unoesc.edu.br
- Hall, S. (1999). A Identidade Cultural na Pós-Modernidade. Rio de Janeiro: DP&A
- Hall, S. A (2006). Identidade cultural na pós-modernidade. Rio de Janeiro: DP&A

Hatzfeld, H. (1997) *As raízes da religião: Tradição, ritual, valores*. Lisboa: Instituto Piaget, pp.125-126;

Lopes, A.; Godinho, J.; Brito, M. J. (s/d). *Projecto Consolidação dos Sistemas Educativos- Danças Tradicionais – Módulo 3*. Lisboa: Comissão das Comunidades Europeias, Angola, Cabo Verde, Guiné-Bissau, Moçambique, S. Tomé e Príncipe, Fundação Calouste Gulbenkian.

McFree, J. (1991,p.280) *Change and the cultural dimensions of art education*. Unpublished paper, University of Oregon.

McMillan& Schumacher (2010,p.122)...

Mixinge, A. (2009). *Artes Plásticas Angolanas e “Global Art” hoje: O Problema do Lugar e os Lugares do Problema*, In Moura Correia, A. & Coquet, E. (2009). *Diálogos com a Arte*. Braga: CESC, UM, pp.101-117.

Moniz, E. (2009). *Africanidades versus Europeísmos: pejeas culturais e educacionais em Cabo Verde*. Praia: Instituto da Biblioteca Nacional e do Livro.

Moura, A. & Gonçalves, T. (2015). *Cidadania Ativa, Arte Contemporânea, e Educação Intercultural: um Estudo de Caso na Formação de Professores*, In *Revista Saber & Educar* 20. *Perspectivas Didáticas e Metodológicas no Ensino Básico*. pp. 62-70.

Moura, A.; Almeida, C. (2010). *Contributos da Educação Artística para a Formação de Profissionais em Gestão Artística e Cultural*. In *Diálogos Com a Arte- Revista de Arte, Cultura e Educação*, Vol.1, Braga /Viana do Castelo: Centro de Estudos da Criança do Instituto de Educação –UM & Escola Superior de Educação de Viana do Castelo – IPVC ISSN 1647-9890, pp. 99-108.

Moura, A. (2001). *Uma perspetiva global acerca da arte, cultura e investigação*. In: *Seminário de Investigação -Expressões Artísticas e Educação Física em Portugal*. Braga: Universidade do Minho, Instituto da Criança (IEC), Braga, 21-35.

Moura, A. (2000). *Prejudice Reduction in Teaching and Learning Portuguese Cultural Patrimony*, Tese de Doutoramento. Londres: Surrey/Roehampton University.

Lopes Godinho & Brito,sd,p.5)

Oliveira, M. (2015). *A Arte Contemporânea para uma Pedagogia Crítica*. Porto: APECV.

Piaget, B.I. (2021). *A psicologia da criança*. Brasil: Bertran.

Plummer, K. (1990). *Documents of Life. Na Introduction to the Problems and Literature of Humanistic Method*. Londres: Uniwin Hyman, p.96

Robinson, K. (2006). *O Elemento*. Porto: Porto Editora.

Rodrigues, M. (2011). *O Carnaval do Mindelo, Formas de Reinvenção da Festa e da Sociedade, representações mentais e materiais da Cultura Mindelense*. São Vicente: Gráfica Manuel Barbosa & Filhos Lda.

Rodrigues, M. (1998). *Carnaval-Mindelo de Cabo Verde*. São Vicente: Gráfica do Mindelo Lda.

Sampieri, H. et al (2003). *Metodologia de Pesquisa*. 3ª edição. S. Paulo: McGraw-Hill;

Sousa, A. (2029). *Investigação em Educação*; Livros Horizonte ISBN. Lisboa:2ª ed;

Spencer, J. (2013). *A contribuição e a importância do teatro na educação integral da criança*, Dissertação de Mestrado (policopiada). Viana do Castelo: Escola Superior de Educação do Instituto Politécnico de Viana do Castelo.

Spradley, J. (1979). *The Ethnographic Interview*. Orlando: Holt, Rinehart and Winston.

Torrão, M. M. F. (2009). O despertar da história: o crescente interesse pelo passado de Cabo Verde em Portugal e no Arquipélago (1980-2009). In *Anuário do Centro de Estudos de História do Atlântico*, (1), Funchal: SREC-CEHA.

Torrão, M. M. F. (1995). Historiografia das Ilhas de Cabo Verde: de um tema quase ignorado a um projeto pioneiro. In Alberto Vieira, *Guia para a História e Investigação das Ilhas Atlânticas*, Funchal: Centro de Estudos de História do Atlântico - Secretaria Regional do Turismo e Cultura, pp. 29 – 40

Tota, A. (2000). *A Sociologia da Arte – Do Museu Tradicional à Arte Multimédia*. Lisboa: Editorial Estampa.

UNESCO (2006). *Conferência mundial de educação artística*. Lisboa: Unesco. Disponível em https://www.rtp.pt/noticias/cultura/portugal-acolhe-primeira-conferencia-mundial-da-unesco-sobre-educacao-artistica_n156477

UNESCO (2006). *Roteiro para a Educação Artística*. Lisboa: Comissão nacional da Unesco.

Documentos Oficiais

Programa de Educação Artística do Ensino Básico (2016.2,4,6)

Instituto Nacional de Estatística (INE).

Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN a Arte,1997)

Lei de Bases do Sistema de Educativo (2010).

Roteiro para a Educação Artística. (2006). Lisboa.

Web grafia

[http://WWW.expressodasilhas.sapo.cv/opinião/item/52221-do-arquipélago-dos bijogos.a-100-mandinga-no-mindelo-77-anos-de-historia](http://WWW.expressodasilhas.sapo.cv/opinião/item/52221-do-arquipélago-dos-bijogos-a-100-mandinga-no-mindelo-77-anos-de-historia)

sociedade.aberta@rtc.cv .

[email filatelia @ correios.cv](mailto:email.filatelia@correios.cv) – In Blog dos correios

<http://www.descubraminas.com/Upload/Biblioteca/0000115.pdf>

<http://www.descubraminas.com/Upload/Biblioteca/0000115.pdf>

https://www.google.cv/search?q=ilha+de+sao+vicente&source=lnms&tbm=isch&sa=X&ved=0ahUKEwiwz8-glt_ZAhWNtlkKHd56CfUQ_AUICigB&biw=1366&bih=662#imgsrc=Anc_0G46_p6sAM:
M:

Anexos

Entrevista dada a RTC no programa Revista sobre o projeto desenvolvido na Escola Anísia Cíbele Lima do Rosário

Transcrição da entrevista gravada na Escola Anísia Cíbele Lima do Rosário no dia 21/02 /2017 pela jornalista Matilde funcionária da Rádio e Televisão de Cabo Verde no Programa Revista onde transmitem diversos aspetos da cultura Cabo Verdiana.

Jornalista (Matilde): Mandinga de Carnaval de São vicente é o tema da tese de Mestrado em Educação Artística de Maria dos Anjos Neves pela Escola Superior de Educação de Viana de Castelo, Portugal. Maria dos Anjos Neves é artesã e professora na Escola de Campim em Mindelo.

Maria: Meu objetivo de trabalhar esse tema é fazer um estudo etnográfico, inclusivo desde de setembro estou nessas zonas há fazer um estudo de campo porque pretendo trazer a verdadeira história de Mandinga porque sabemos que há muitas pessoas tem uma ideia errada de Mandinga portanto não é atoa que fizemos essa música onde apelamos as pessoas para não deixar a violência acabar com o nosso Mandinga e a nossa tradição é precisamente uma mensagem que estamos a enviar para a sociedade, e quando queremos mudar algo na sociedade nada melhor do que apostar na educação, nas crianças sobretudo que levam as mensagens aos pais e encarregados de educação e vai-se espalhando enfim, porque se pararmos e escutarmos como a música diz antes de criticá-lo.

Matilde: Mandinga é uma figura emblemática do carnaval Mindelense permite-lhe abordar todas as áreas de expressão artística do currículo do Ensino Básico.

Maria: Nesse tema Mandinga consigo trabalhar música, onde fizemos a música própria da nossa escola, onde podemos trabalhar expressão dramática, como a senhora já viu, que

estamos a trabalhar muito bem a expressão dramática, trabalhamos a Expressão Plástica, área que adoro, sou artesã, vivo a Expressão Plástica portanto gosto muito dessa área.

Matilde: Em seu projeto de mestrado a professor organizou um enredo de carnaval sobre o tema Mandinga, com a participação de cerca 150 alunos da Escola do Campim onde leciona. Além da confecção de trajes a base de fibras de sisal, o enredo tem música original criada pela própria professora. O enredo motivou a participação de toda a comunidade escolar: alunos, professores, funcionários, pais e encarregados de educação.

Gestora: Envolve de forma espetacular, os professores são os mais fortes, temos empregados (Cozinheiras, serventes, guardas) todas as pessoas estão a trabalhar nesse traje de Mandinga, temos professores que não é preciso nem referir e nós todos estamos aqui, temos apoio dos pais, comunidades e pessoas que vem de fora para ajudar, e quando é assim sentimos o prazer de estarmos aqui envolvidos e ver a nossa cultura pois Mandinga faz parte da nossa cultura.

Matilde: Ao ver toda essa envolvência é uma forma de apanhar autoestima dos alunos.

Gestora: Aqui na nossa escola sempre trabalhamos as expressões: Plástica, Dramática, Música. É um dos pontos fortes, porque não trabalhamos somente as disciplinas nucleares, trabalhamos as expressões e aqui na escola as expressões são bem acentuadas, nos alunos temos que trabalhar e depois temos professores que gostam das expressões, gostam de trabalhar.

Maria: Todas as pessoas estão envolvidas nesse projeto e na nossa escola sempre foi assim, no ano passado trabalhamos o tema tradição oral, onde saímos com as personagens que diz respeito a nossa história (Tilobo, Txibim, Bulimundo, Canilinha, Capotona, Gongon ...) gosto muito do carnaval, por isso, logo no início do ano no plano das atividades para o ano letivo, eu proponho trabalhar o carnaval.

Mãe/ Encarregada de educação: Professora disse-me que necessitava de ajudar para confecção de trajes, assim eu e um colega Anderson (Mandinga de Espia) começamos a fazer o nosso trabalho aqui e minha comadre e o trabalho vai bem.

Professora: É gratificante por sabemos que os pais vêm para escola sempre com problemas, mas neste ano podem vir para Mandinga, porque Mandinga é uma

manifestação cultura muito bonita. Faço parte de Mandinga de Espia, minha família toda é Mandinga por isso estou aqui a ajudar juntamente com a gestora.

Matilde: Você esta a entender a emoção dessas crianças?

Professora: Claro é muita emoção para elas.

Matilde: A professora e os alunos conta com ajuda do Anderson Conceição, uns dos Mandingas da zona de Espia, uma tradição a que se entrega desde criança.

Anderson Conceição: Há muito tempo nasci nos Mandinga.

Matilde: Então entendes essa emoção?

Anderson Conceição: Claro, mas nos cansam a cabeça, mas de qualquer forma entendemos.

Matilde: Porque uma dor de cabeça?

Anderson Conceição: Trabalhar com eles é mesmo uma dor de cabeça, mas gostei.

Matilde: Achas que vale a pena?

Anderson Conceição: Vale a pena.

Matilde: Os ensaios decorrem na sala de aula e no pátio durante o intervalo, tudo decorre bem e com um pouco de jogo de cintura é possível conciliar os estudos com a folia.

Aluno: Sou um aluno aplicado, gosto da minha escola é uma boa escola enfim.

Matilde: Ainda mais nessa época de carnaval?

Aluno: Sim é uma coisa de que gosto muito.

Matilde: Estás confiante que vocês vão levar um bom desfile para a cidade (morada)?

Aluno: Sim senhora.

Matilde: Como os preparativos para o carnaval esta a decorrer?

Outro aluno: Estão a decorre muito bem, nos ensaios na aula dramatização treinamos dançar Mandinga, tocar.

Matilde: Na manhã dessa sexta-feira a escola Anísia do Rosário- Campim desceram para o centro da cidade para mostrar o que é que os Mandingas têm.

Estatuto de Mandinga

Associação Mandingas de Ribeira bote-MRB

CAPITULO I

DENOMINAÇÃO E SEDE

Artigo 1º

(Denominação)

É criada a ASSOCIAÇÃO MANDINGAS DE RIBEIRA BOTE-MRB, que se segue pelo presente estatuto e pelos regulamentos aprovados em Assembleia Geral de Sócios da Associação.

Artigo 2º

(Sede)

A Associação tem a sua sede na ilha de São Vicente, na zona de Ribeira Bote.

CAPITULO II

NATUREZA E FINS

Artigo 3º

(Natureza)

Os MRB é uma associação de direito privado, sem fins lucrativos, e sem qualquer natureza confessional, religiosa ou política.

Artigo 4º

(Fins)

1. São fins da associação:

- a) Participar na promoção do Carnaval em São Vicente.
- b) Realizar desfiles de Carnaval em São Vicente e noutras zonas do País.
- c) Projectar no exterior a imagem de Cabo Verde e de São Vicente em particular, na sua vertente cultural, tendo o Carnaval como produto turístico.
- d) Promover educação cívica, informações e esclarecimentos em matéria cultural, especialmente no domínio do Carnaval.
- e) Colaborar com as instituições do País na promoção do Carnaval.
- f) Organizar actividades culturais e recreativas entre os seus associados.
- g) Divulgar os princípios dos MRB, seus símbolos e distintivos.
- h) Relacionar com outras associações, visando fomentar o interesse pelo Carnaval, enquanto actividade popular de São Vicente e de Cabo Verde.
- i) Promover, patrocinar e organizar quaisquer actividades culturais, recreativas e educativas na zona da Ribeira Bote, nomeadamente as referentes a idosos, crianças e desprotegidos sociais.

CAPITULO III

ASSOCIADOS

Artigo 5º

(Sócios)

1. Os sócios dos MRB são classificados em fundadores, honorários e ordinários.
2. São sócios fundadores os indivíduos que participarem na Assembleia Constitutiva da Associação e manifestarem interesse em inscrever-se como tal.
3. São sócios honorários os que, pelos serviços prestados á associação e a zona de Ribeira Bote sejam propostos pela direcção e homologados pela Assembleia Geral de Socio.

4. São sócios ordinários, os que forem admitidos pela Direção, sob proposta dos associados.

Artigo 6º

(Admissão de Sócios Ordinários)

1. São admitidos como sócios ordinários dos MRB, pessoa singular ou colectiva, que forem admitidas pela Direção, sob proposta dos associados.

Artigo 7º

(Direito dos Sócios)

1. São direitos dos Sócios:

- a) Participar nas Assembleias Gerais, e exercer o direito do voto.
- b) Eleger e ser eleito para os órgãos sociais da Associação.
- c) Ser informado de todas as actividades da Associação, designadamente da composição dos órgãos directivos, do estado das contas, e do programa das actividades.
- d) Participar nas actividades da Associação, nos diferentes organismos e grupos de trabalho que forem constituídos, no âmbito da intervenção dos MRB.
- e) Ter cartão de associado.
- f) Assinar pedido de admissão de novos sócios.
- g) Assinar pedido de convocação da Assembleia Geral Extraordinária de Sócios.
- h) Recorrer ao Conselho Fiscal e da Disciplina das Sanções que lhe seja aplicada pela Direcção.
- i) Recorrer para a Assembleia Geral de Sócios que lhe seja aplicada de expulsão da Associação.

Artigo 8º

(Deveres dos Sócios)

1. São deveres dos Sócios:

- a) Prestigiar e defender a Associação.
- b) Pagar pontualmente as quotas afixadas pela Assembleia Geral de Sócios.
- c) Cumprir e respeitar as disposições dos presentes estatutos, regulamentos internos da Associação, as deliberações da Assembleia Geral e as resoluções da Direcção.
- d) Participar nas actividades sociais e culturais da Associação, contribuir para o estreitamento de laços de solidariedade e fraternidade entre os associados, e entre a Associação e as pessoas da comunidade da Ribeira Bote.

Capítulo IV

DOS ÓRGÃOS SOCIAIS

Artigo 9º

(Dos órgãos)

São órgãos sociais da Associação:

- a) A Assembleia Geral
- b) A Direcção
- c) Conselho Fiscal e Jurisdicional
- d) Conselho de fundadores

Artigo 10º

(Eleição)

1 – Os Órgãos da Associação são eleitos pela Assembleia Geral por um período de 2 anos, segundo o regulamento eleitoral aprovado em Assembleia Geral.

2 – Cada Órgão da Associação é eleita em Assembleia Geral, por um período de 2 anos, segundo o regulamento eleitoral aprovado em Assembleia Constitutiva ou em Assembleia Eleitoral posterior a constituição da associação.

3 – Só podem concorrer as eleições os sócios maiores de 18 anos de idade, e que estejam em pleno gozo dos seus direitos associativos.

(Da Assembleia Geral)

Artigo 11º

(Composição)

A Assembleia Geral é composta por todos os associados da associação que, estejam em pleno gozo dos seus direitos associativos.

Artigo 12º

(Da Mesa)

A mesa da Assembleia Geral é constituída por um Presidente, um Vice-presidente e um Secretário.

Artigo 13º

(Substituição do Presidente)

O Presidente da mesa é substituído nas suas faltas, ausências ou impedimentos pelo vice-presidente e este pelo secretário.

Artigo 14º

(Poderes do Presidente)

- a) Convocar as sessões da assembleia – Geral.
- b) Presidir as reuniões da Assembleia – Geral.
- c) Conceder ou retirar a palavra aos sócios, no decurso da Assembleia- Geral, nos termos regulamentares.
- d) Dar posse aos demais órgãos.

Artigo 15º

(Lugar de realização)

As reuniões da Assembleia-Geral serão realizadas na sede da Associação, e são convocadas com a antecedência de pelo menos dez dias.

Artigo 16º

1- A Assembleia- geral reúne-se em sessões ordinárias e extraordinárias.

2- As sessões ordinárias realizam-se até o fim do mês de Fevereiro de cada ano, para aprovação do relatório anual das contas da Direcção, mediante o parecer do Conselho Fiscal.

3 – As sessões extraordinárias serão realizadas sempre que a mesa da Assembleia-Geral determinar, que os outros órgãos sócias requeiram a ainda a pedido de um terço.

Artigo 17º

1- A Assembleia Geral só reúne validamente na primeira convocatória com a presença de mais da metade dos sócios inscritos. Caso não houver “Quorum” na primeira convocatória, a Assembleia reúne na segunda convocatória, hora depois da primeira, com o número de sócios presentes, desde que, em número superior a dez sócios.

2- As deliberações da Assembleia só serão validas se aprovadas por maioria absoluta dos sócios presentes.

CAPÍTULO VI

(Da Direcção)

Artigo 18º

1- A Direcção é constituída por cinco membros, sendo: um Presidente, um Vice-presidente, em tesoureiro e dois vogais, exercendo um destes a função de secretário.

2 – O Presidente é substituído pelo Vice-Presidente nas suas faltas ou impedimentos.

Artigo 19º

Compete à Direcção, designadamente:

- a) Assegurar a gestão corrente da Associação.
- b) Executar as deliberações da Assembleia Geral;
- c) Elaborar e submeter à Assembleia Geral, anualmente, o relatório de contos e actividades da sua administração no ano anterior, bem como o orçamento para o ano seguinte, acompanhados dos pareceres de Conselho Fiscal e Jurisdicional;
- d) Propor à Assembleia Geral os regulamentos necessários ao bom funcionamento da associação;
- e) Admitir os associados efectivos;
- f) Celebrar e fazer cumprir os acordos ou contratos entre a Associação e terceiros;
- g) Cumprir e fazer cumprir os estatutos e os regulamentos;
- h) Contratar o pessoal indispensável ao funcionamento dos serviços da Associação e fixar-lhes as respectivas remunerações, nos termos da legislação aplicável;
- i) Contratar os colaboradores necessários a prossecução dos objectivos da associação e fixar-lhes as condições e montantes da sua remuneração;
- j) Propor a Assembleia Geral os montantes de quotas a pagar pelos associados;
- k) Propor a assembleia Geral, a regulamentação sobre os termos e condições de aplicação de sanções disciplinares;
- l) Representar a Associação em juízo e fora dela;
- m) Cobrar receitas e realizar despesas;
- n) Fixar através de regulamento interno, as regras a observar na criação de delegações no país e no estrangeiro;
- p) Organizar o promover todas as actividades que se mostrem convenientes para a prossecução dos fins da Associação;
- q) Solicitar aos outros órgãos sociais, bem como ao Conselho fundador, pareceres que entender convenientes.

Artigo 20º

1 – Para obrigar a associação é necessária a assinatura de dois membros da Direcção, uma das quais será sempre a do Presidente ou, nos seus impedimentos, a do primeiro Vice-Presidente.

2 – Na gestão corrente da Associação basta a assinatura do Presidente da Direcção.

3 – As contas bancárias da Associação são subscritar por três membros da Direcção, sendo um Presidente outro tesoureiro e um terceiro membro escolhido entre os seus pares. A respectiva conta deve ser movimentada com a assinatura de dois dos seus subscritores.

Artigo 21º

1 – A Direcção reúne-se ordinariamente 15 em 15 dias e extraordinariamente sempre que convocada pelo seu Presidente.

2 – As deliberações são tomadas por maioria de votos dos membros presentes, tendo o presidente direito a voto de qualidade em caso de empate.

3 – Na impossibilidade de presença física dos membros na sede da Associação, as novas tecnologias de comunicação serão utilizadas para participação dos ausentes, circulação de informações e realização de reuniões.

(DO CONSELHO FISCAL E JURISDICIONAL)

Artigo 22º

O Conselho Fiscal e Jurisdicional é composto por um presidente, um vice-presidente e um secretário.

Artigo 23º

1- Compete ao Conselho Fiscal e Jurisdicional:

a) Fiscalizar a legalidade de todos os actos administrativos praticados pela Direcção;

b) Decidir qualquer contencioso eleitoral;

c) Decidir em primeira instância todos os contenciosos que possam surgir entre sócios ou entre órgãos da Associação;

d) Examinar e conferir todos os livros, contas, valores e documentos;

e) Assistir, quando convocado, as reuniões da Direcção, sem direito a voto;

f) Dar parecer anual sobre o orçamento, relatório e contas da Direcção;

2 – O Conselho Fiscal e Jurisdicional reúne-se uma vez por ano, para apreciar o orçamento, relatório e contas da Direcção, mediante convocatória do seu presidente, e suas deliberações são tomadas por maioria de votos dos membros presentes, física o virtualmente tendo o Presidente direito a voto de qualidade em caso de empate.

3 – O Conselho Fiscal e Jurisdicional reúne-se extraordinariamente, sempre que for convocada pelo seu presidente.

4 – Na impossibilidade da presença física dos membros não residentes no país sede da Associação, as novas tecnologias de comunicação serão utilizadas para fazer circular informações e realizar reuniões com presenças virtuais.

(DO CONSELHO DE FUNDADORES)

Artigo 24º

1 – O Conselho de Fundadores é constituído pelos Associados que formaram a Associação.

2 – A qualidade de membro do Conselho de Fundadores só se perde por morte, por renúncia, interdição ou inabilitação judicial ou por decisão sancionatória do órgão competente.

3 – A medida que algum membro do Conselho de Fundadores perder essa qualidade, a maioria dos seus membros escolherá, de entre os associados o mais antigo, para integrar este órgão.

4 – Os membros fundadores podem acumular esta função com a de titular de qualquer outro órgão da Associação.

Artigo 25º

1 – Compete ao conselho de fundadores:

a) Propor a Assembleia Geral a distinção de sócios beneméritos ou honorários, por decisão de maioria dos seus membros;

b) Cooptar para integrarem este órgão, os mais antigos e empenhados na vida da Associação, por decisão da maioria dos seus membros, em substituição dos que dele deixarem de fazer parte;

c) Patrocinar ou subscrever lista própria as eleições dos órgãos sociais da Associação, por decisão da maioria dos seus membros;

d) Dar parecer sobre todos os assuntos que lhe sejam solicitados pela mesa da Assembleia Geral, Direcção ou Conselho Fiscal e Jurisdicional.

2 – O Conselho de Fundadores, na sua primeira reunião elegerá uma mesa constituída por um Presidente, um Vice-presidente e um secretário, para dirigir os seus trabalhos.

3 – O Conselho de Fundadores reunirá sempre que necessário, mediante convocação da sua mesa, ou por proposta da mesa da Assembleia Geral, da Direcção, Conselho fiscal e Jurisdicional, ou por um quarto dos seus membros.

(DOS RECURSOS MATERIAIS E FINANCEIROS DA ASSOCIAÇÃO)

Artigo 26º

1 – Constituem receitas da Associação:

a) O produto das caotizações;

b) As ajudas financeiras e fundos concebidos por entidades oficiais, organizações nacionais e internacionais, e entidades privadas;

c) Os donativos concedidos pelos associados beneméritos;

d) O produto resultante das manifestações culturais e sociais organizadas pela Associação;

e) Os legados ou heranças que lhes sejam destinados, nos termos estatutários e de mais legislação;

f) As receitas de publicações, cursos, seminários ou quaisquer outras actividades da Associação.

(DISPOSICOES FINAIS)

Artigo 27º

1 – O ano associativo coincide com o ano civil.

2 – A Assembleia Geral, em caso de dissolução, nomeará uma comissão liquidatária composta por 5 membros, sendo um deles Presidente, para apuramento do passivo e do activo, a fim de serem pagos débitos, revertendo o remanescente a favor de uma instituição de beneficência por ela indicada, sem prejuízo do disposto no artigo 166º nº 1 do Código Civil.

(LACUNAS)

Os casos omissos nos presentes Estatutos e nos regulamentos neles previstos serão resolvidos com recurso a lei civil e aos princípios gerais de Direito.

Mindelo, Março de 2017.

Feito por

Armindo Gomes – Jurista –

Entrevista no programa Sociedade Aberta

Entrevista/ Debate transmitida pela RTCV (Rádio e Televisão de Cabo Verde), no programa Sociedade Aberta, no dia 26/02/2017 Fevereiro. Tema: Carnaval, Bailes Populares e Mandingas .

Jornalista – Odaír Santos, que é também o delegado da RTCV

Convidados:

David Leite- Presidente da Escola de Samba Tropical

Maria Neves Neves – Professora e investigadora

Valdmir Ferreira (Vlú) – Músico e Empresário

Odaír- Olá sejam bem-Vindos ao programa Sociedade Aberta, hoje vamos lançar um olhar no Carnaval. O Carnaval de S. Vicente é caracterizado por três momentos, o desfile de blocos, bailes populares e os Mandingas. Vamos querer perceber neste programa, juntar tudo isso, como transformar esses momentos para o bem da economia da ilha.

Aqui no estúdio para debater esse assunto está o presidente da Escola de Samba Tropical, David Leite, Maria Neves Neves, professora e investigadora e o músico e empresário Vlamir Ferreira (Vlú).

Também no nosso programa temos o Cantinho musical com Paulo Bloco.

Odaír- Diga-nos porque vais interpretar aqui neste programa “ Tud Gent já quebrar Cruz”, o que significa?

Paulo Bloco – Porque no Carnaval as pessoas bebem muito. As pessoas festejam na companhia do álcool.

Odaír – A música é uma crítica porque as pessoas bebem muito nesse período do carnaval?

Paulo Bloco- Não deviam beber muito.

Odaír- Porque abraça o projeto de Carnaval?

Paulo Bloco – Porque gosto e quer dar um contributo para s. Vicente, Cabo Verde, e Ribeira Bote a minha zona.

Odair – Agora vamos entrar no nosso debate a falar de blocos, bailes e desfile dos Mandingas. Vamos começar com David Leite.

O carnaval de S. Vicente, atualmente é caracterizado em três momentos, o desfile de blocos, bailes populares e o desfile dos Mandingas, como você observa esses três momentos?

David Leite – Realmente são três esses três momentos, fazem momentos marcantes do carnaval e fazem festa, fazem com que o carnaval Mindelense sejam uma das maiores festas de Cabo Verde. Eu antes de comentar este ponto, gostaria de frizar a questão de um quarto elemento que ao longo dos anos tem estado a perder interesse talvez por não haver figurino da organização da festa do carnaval em s. vicente que é uma manifestação dos grupos espontâneos.

Odair- Mas que este ano e no ano passado já teve o prémio Kakoi e este ano também tem prémio Kakoi e os grupos espontâneos podem participar do carnaval desfilando das 12 horas até as 14:30. Antes do desfile oficial têm tentado reativar que é o prémio do Ministério da Cultura e da Camara Municipal de S. Vicente.

David – Exatamente é de louvar esta iniciativa porque o Carnaval é uma festa popular e obviamente tem que haver espaço para as manifestações espontâneas e nós sabemos por ser uma festa popular nem todos conseguem participar nos bailes ou nos mandingas. Tem que haver um espaço para a camada digamos mais desfavorecida que não consegue participar ativamente nesses três momentos e também que enriquece muito o carnaval. Antigamente havia uma forte manifestação espontânea e eu precisamente participava muito, muito nesses momentos e o horário que neste momento é atribuído a esta manifestação também tem que ser pensado e repensado porque meio dia é um horário que as famílias estão em casa, horário do almoço não sei se é o melhor horário, mas o facto de ter havido esse prémio acreditamos que seja o reavivar deste momento. Para nós é um ponto do carnaval que tem que ser reabilitado.

Odair- Maria Neves Neves investigadora, eu sei que você já fez e esta a investigar principalmente sobre os Mandingas, mas olhando para esses momentos do Carnaval, o

desfile dos Mandingas, blocos e também os bailes. Como é que observa esses três momentos?

Maria Neves Neves – Também concordo que o carnaval tem esses três momentos, temos o Samba Tropical e os grupos oficiais (Flores do Mindedelo, Monte Sossego, Vindos do Oriente e Cruzeiro do Norte) que normalmente tem vindo a apresentar os sanvicentinos e não só, aos Cabo-Verdianos um verdadeiro espetáculo.

Também nós temos os Mandingas, e sobre os Mandingas, tenho vindo a investigar e observá-los bem de perto, porque neste momento estou a fazer Mestrado na Educação Artística, escolhi esse tema Mandinga decarnaval de S. Vicente, portante todos os Domingos tenho tentado fazer um estudo de campo para compreender melhor os mesmos em si.

Odair – O que já consegui depreender dos Mandingas, desses desfiles de domingo?

Maria Neves - Tenho observado que nos desfiles há verdadeira arte (temos a música a dança, a pintura corporal, as músicas), portante através dos Mandingas vemos que há uma grande manifestação da arte.

Odair- Vladimir Ferreira Vlú, enquanto empresário é possível transformar esses momentos para o bem da economia da ilha e das famílias?

Vlú - Eu acho que esses três momentos estão a ter o efeito na economia da ilha e de cabo verde. Agora nós temos que pensar como maximizar isso. Eu particularmente penso que, primeiro eu acho que o carnaval devia passar para uma data fixa, talvez em março ou fim de fevereiro definitivamente porque o carnaval de facto tem uma origem na religião, mas maior das pessoas não são religiosas e se estamos a pensar na economia de Cabo Verde e Mindelo devemos pensar numa data fixa para carnaval, para dar tempo de fazer melhor carnaval possível porque todas as vezes que fazemos o carnaval perto de janeiro é um mau carnaval. E se queremos fazer um bom carnaval, para ter um efeito positivo temos que repensar isso. Eu acho que o carnaval devia passar definitivamente para março ou Fevereiro, e acho também que temos em S. Vicente um exemplo muito forte, que é que o Samba Tropical deu, que é o do carnaval a noite. O carnaval a noite é muito bonito, é mais atrativo e menos penoso para toda a gente, menos para os desfilantes porque assim já não desfilam no sol quente, e a noite é mais fresca e atrativo por que a

luz, a luz é a beleza de tudo e se fizermos isso começar a desfilar a noite já teremos espaço de dia, como o David sugeriu para as manifestações espontâneas.

Devíamos repensar o carnaval para a economia de Cabo Verde.

Jair- os grupos passariam a desfilar a segunda para terça?

Vlú- Não, não talvez uma terça feira a noite, antes do carnaval, teríamos um carnaval mais longo, muito mais produtivo e mais comercial talvez. Há pessoas que dizem que S. Vicente gosta de festa, paródia essas coisas, mas esse é um pensamento bastante fraco, bastante limitado, porque um dos objetivos da vida é ser feliz. Há várias formas da gente ser feliz com o interlinear do carnaval por exemplo como realizado com a beleza e no trabalho para conquistar energia para sermos felizes. O Carnaval é um momento muito forte, muito alto de felicidade de um povo. Criticar o carnaval é uma estupidez grande. Criticar é o dom que S. Vicente tem para brincar e divertir mesmo nos meses difíceis é uma estupidez ainda maior. De facto pensar e maximizar o carnaval e deixar essas sugestões.

Odair – Também agora vamos ficar com a participação de Luísa Moraso, ela é uma ativista do Carnaval.

Luísa Moraso – Eu acho que o carnaval de S. Vicente diz tudo. É um momento de magia, alegria, sonho, fantasia, onde podemos inverter os papéis, podemos quebrar um pouco dessa diferença social, podemos dizer que não tem, mas acabamos por perceber que no carnaval, as pessoas esquecem essas diferenças, mas acho que o carnaval do povo Mindelense é um momento histórico, e consegue contagiar todas as ilhas. Podemos notar através dos temas, que aparecem nas outras ilhas. Por mais que dizem, mas é aqui que nasceu, aqui somos cosmopolita, e vai-se espalhando coisas boas para todos os lugares para todos tirarem proveito.

Odair – É possível tirar proveito do Carnaval, para as famílias viverem dele?

Luísa – É possível porque o povo de S. Vicente tem uma capacidade criativa que podem de facto criar, organizar, procurar uma melhor forma de trazer a riqueza e conseguir distribuir para as famílias. Mas para isso tínhamos que ter uma grande organização. As pessoas teriam que investir, teriam que arranjar dinheiro, investir para que as famílias comesçassem a trabalhar, criando estaleiros, fazendo o atelier, teria grupos

a trabalhar. E serem as mesmas a confeccionar as fantasias para distribuir. Seria muitas famílias a ganhar e o que iria resultar para o bem da ilha, para o bem de todos os trabalhadores, porque numa casa onde têm 2 ou 3 pessoas a trabalhar no Carnaval, saiam a ganhar e a sustentar com esse rendimento. Carnaval esta a tornar caro e acho que é possível sustentar, mas tem que haver uma organização e dedicação e espírito de entrega, para volarizarmos, para dizermos que é um produto que iremos trabalhar e iremos dele. E se quisermos podemos viver do carnaval.

Odair – É possível viver do Carnaval? Se houver uma organização, todas as famílias ganhar com isso?

David – Perfeitamente possível.

Então porque ainda não chegamos ali?

David – Não chegamos lá porque a meu ver, quer dizer nós, a organização do carnaval Mindelense dos grupos, nós já demos prova que temos uma organização de alto nível para o carnaval, abocado o Vlú falou em questão das datas serem e que fazendo as datas serem fixas pode trazer benefícios para o carnaval. Na prática no ano passado por exemplo nos tivemos um carnaval na primeira semana de Fevereiro, tivemos um mês para trabalhar e no entanto, o carnaval do ano passado foi considerado um dos melhores carnaval de todos os tempos. Portanto o que isso significa que existe organização, uma grande organização a volta do carnaval. E é possível transformar o carnaval como uma forma de beneficiar as famílias. O que é que acontece os grupos sozinhos não conseguem porque não têm recursos para trabalhar o ano todo. Pontapé de saída para nós tem de ser dada pelas entides que têm responsabilidade nesta matéria.

Odair – Os grupos organizados, em associações com contas organizadas?

David – Eu falo do grupo que eu pertenso e que eu represente – a Escola de Samba Tropical.

Odair – Tens contatos com os outros grupos?

David – Sim, eu sei que esses grupos também já estão organizados a este nível.

Mas trabalhamos o ano todo e o que acontece é que muitas vezes não temos apoio por parte das entidades. E não estou a falar em apoios monetários concretamente que os

grupos conseguem auto – financiarem. O que precisa é que o grupo não tem condições para criar uma estrutura própria. Quando eu falo em estrutura, estrutura do trabalho por exemplo: o carnaval do Brasil, a prefeitura do Rio de Janeiro põe a disposição dos grupos , os barracões. Nesses barracões, apesar que há correntes talvez por não conhecerem bem a essência, conhecer bem a estrutura do carnaval, passam responsabilidades da organização tudo por lados dos grupos, mas as entidades competentes têm responsabilidade nesta matéria. Quando eu falei dos barracões, nestes barracões que as entidades competentes disponibilizam aos grupos ali funcionam tudo: funciona o estaleiro dos carros alegóricos, funcionam as costureiras, os artistas os músicos, artesãos tudo num único espaço.

E o grupo de carnaval pelo menos da nossa dimensão Mindelense não tem condições para criar essa infraestrutura de trabalho. Eu acho que aqui deveria entrar o Ministério de cultura, o governo como a Câmara Municipal em dar o pontapé de saída para os grupos organizarem durante o ano todo, porque nós temos condições e já funciona na Praia, funciona ainda de uma forma desorganizada por não haver ainda vontade de ajudar o carnaval durante o ano todo.

Também outro aspeto fundamental seria o sinal claro que a economia ligada ao carnaval pode funcionar o ano todo é a questão da inclusão dos orçamentos de inclusão, funcionamento dos grupos no orçamento do estado ou do Município no ano anterior ao desfile. O que acontece no ano anterior ao desfile, portanto no carnaval 2018 por exemplo: o financiamento já estar incluído no orçamento de 2017, permite desbloqueio durante o ano todo das verbas disponíveis para o carnaval e não incluir o orçamento no ano em que acontece em fevereiro, no máximo em março, até é o orçamento do estado a ser legalmente executável, não há tempo por exemplo neste momento há 6 dias para o carnaval, ainda não temos todo o nosso orçamento organizado.

Odair – Vamos observar também, é possível transformar o desfile dos Mandingas para o bem da economia. É possível isso?

Maria Neves – Sim, sim.

Odair – Se houver uma boa organização?

Maria Neves – Se houver uma boa organização penso que as famílias podem sobreviver sim. Como vimos Mandinga em si há muita arte, vamos para as composições,

as músicas por exemplo, há pessoas que fazem boas composições, e podem viver da música desde que tenham uma boa organização. Mesmo os Mandingas podem organizar eventos, podem ir receber turistas nos portos e aeroportos enfim. Por exemplo há dias recebi um convite para organizar os Mandingas, isso poderá vir a ajudar. Também podem viver do artesanato (pinturas de quadros de Mandingas, confecção de trajes, objetos artesanais).

Odair – Temos o Vlú que está na área do turismo. É possível espalhar o carnaval o ano todo junto do turismo?

Vlú – As vezes fazemos traços do carnaval para os turistas e resulta. Mas eu queria fazer um ponto do que o David Leite referiu, que eu estava a falar em data marcada (fixa) é que o carnaval de Cabo Verde tem a ver com a economia da ilha. S. Vicente vive daquilo que as pessoas ganham, e sabemos que em dezembro gasta-se muito dinheiro. Quer dizer que quanto mais distante de dezembro estiver o carnaval, mais dinheiro têm para participar no carnaval maior, tem de que pagar as roupas, essas coisas. O carnaval para os turistas, bom falamos dos turistas e esquecemos do turista que é o maior e melhor turista de Cabo Verde que é os emigrantes. Já estamos a beneficiar com isso, os emigrantes desde alguns anos para aqui vem em massa, para o carnaval de São Vicente.

Odair- Isto aconteceu na verdade desde de 2007, com a homenagem que a escola Samba Tropical fez aos turistas?

Vlú- Eu acho que essa homenagem veio desde a música “Nunca too lait” que os emigrantes sentiram homenagiados. Com isso começar a vir muito para o carnaval. E os emigrantes são os melhores turistas que temos. O governo deveria preocupar-se muito com os emigrantes e atrair cada vez mais emigrantes, porque eu digo o seguinte não há emigrante que não desembarca em Cabo Verde sem menos de 1000 euros ou 1000 dolares no bolso para gastar e mais encomendas e aquele é um dinheiro que vai diretamente para o povo. E nesse capítulo o carnaval já é um contributo valioso para o desenvolvimento. É obvio que o carnaval entrega aos turistas e quanto mais original for o carnaval de São Vicente mais atrativo é o carnaval para os turistas. Eu acho que devemos pensar no carnaval de São Vicente numa perspetiva muito efetiva da originalidade.

Odair- Há muita gente que por exemplo observe os desfiles oficiais, ou o desfile de samba Tropical e também o carnaval da terça-feira, e para quem esta em São Vicente

sabe que o carnaval é mais do que isso. O carnaval tem dois meses e é possível também transformar esses dois meses e expalhá-lo ao longo de todo ano com uma boa organização?

Vlú - Bom nós não queremos fazer o carnaval durante o ano todo. Mas é possível criar trajes do carnaval para venderem. Temos feito isso.

Odair- Maria Neves queria dizer ?

Maria Neves - Queria dizer que há que criar uma agenda cultural nesse época, porque sabemos há diversas atividades, há que criar uma agenda com todas as atividades para quando chegarem em São Vicente saber por onde digirir. Porque lembro bem quando cheguei em Portugal, Viana do Castelo a primeira coisa que nos entregaram foi uma agenda onde podemos ver todos os programas e visitar os museus e todos o que há nessa cidade.

Odair- Há que haver uma organização para o carnaval? David também pediu a palavra.

David Leite- Só uma achega, quando falam do carnaval obviamente que não é o desfile o ano todo, obviamente que é uma indústria a trabalhar em torno deste fenómeno que é o carnaval. Podemos falar na questão dos museus, museus do carnaval como eu disse antes que não é uma responsabilidade dos grupos. O facto dos grupos trabalhar um ano todo nos ateleies os turistas podem visitar e concordo plenamente que o nosso maior turista são os emigrantes, isto é, uma prova clara da homenagem que fizemos em 2007, que a escola de Samba Tropical fez aos emigrantes e os emigrantes passou-se a ter dois momentos altos em Cabo Verde para os emigrantes: o verão e o carnaval. O emigrante já marca as férias no verão ou no carnaval. São os dois momentos altos da vida dos emigrantes para São Vicente.

Odair- Existe também muitas críticas em relação ao desfile de mandinga, mas sabemos que é arte, Maria Neves como é que observa essas críticas todas que acontece a volta dos desfiles de mandinga?

Maria Neves - Concordo com essa afirmação que mandinga em si a muitas críticas, eu escolhi esse tema para minha dissertação convicta dessas críticas e não é toa que a primeira coisa que eu fiz foi uma música, escrevi uma letra de uma música enviando uma

mensagem para a sociedade nomeadamente *ca no txa violencia caba k nos mendinga, ca no txa violencia caba k nos tradison*. Porque sabemos que através da música, a música é um veículo onde podemos enviar diversas mensagens para a sociedade e também neste momento o tema do carnaval da nossa escola é mandinga, exatamente para mostrar que nesse tema podemos trabalhar diversas áreas disciplinares de forma lúdica (com prazer).

Odair- Esta a trabalhar com alunos do EBI. (Ensino Básico Integrado)? E com quantos alunos estão a trabalhar?

Maria Neves - Estamos a trabalhar com 147 alunos, nós vamos desfilar na sexta-feira, já confeccionamos os trajes, andores, enfim estamos neste momento nos retoques finais porque na sexta-feira iremos sair com esse tema. E trazer esse tema para a educação é muito bom porque nos sabemos que quando queres mudar alguma coisa na sociedade temos que apostar na educação. Como Nelson Mandela já dizia “A educação é uma arma poderosa para mudar o mundo”, portanto é importante trazer esse tema para mostrar que Mandinga para além dessas críticas que muitas pessoas dizem que há muita violência, etc.. Mas nos sabemos que

Odair- Nos sabemos que a violência não dos mandingas mas sim de quem pratica os eventos?

Maria Neves - Exatamente os mandingas querem é divulgar a cultura, são as pessoas que integram nesses grupos que acabam por provocar essas violências, esses distúrbios.

Odair- Vlw como é que observa para os mandingas? Achas que os mandingas é um elemento importante para o carnaval de São Vicente?

Vlw- Está aprovado, toda gente gosta de ver, sempre que entram, arrastam multidões, pessoas em euforia, a divertir felizes e está provado que mandinga é muito importante .

Odair- Vamos também os bailes são importantes?

Vlw- Claro que são, as vezes comportam 2000 pessoas, durante o carnaval. Todos os fins de semanas nos temos bailes que vão até 6000 a 7000 pessoas em bailes, com bilhetes de 1800\$00 é muito dinheiro a rolar, e não só, isso proporciona felicidades as

peessoas locais e as que vem para o carnaval de São Vicente que vem e volta por causa disso.

Odair- Achas que deveria apostar mais em bailes por exemplo os grupos tem problemas financeiros deveriam fazer isso porque dá dinheiro?

David Leite - Não é uma questão financeira, a questão dos bailes para os grupos, não é por acaso que vários grupos que desfilam não fazem bailes. Escola de Samba Tropical, tradicionalmente, faz o baile porque é uma forma de agradecer os folhões conviver, comemorar o sucesso do desfile. Não é uma questão financeira porque o baile não tem o retorno financeiro, porque os grupos estão focados em fazer o carnaval em pôr o carnaval na rua e não tem estrutura para se dedicar ao baile, para organizar o baile e da nossa parte também é o que acontece, nos temos uma parceria com alguma organização que tem esta vocação para fazer baile de forma a conseguirmos dar presentes aos nosso folhões. Portanto aos grupos de carnaval não acredito, não fazem baile.

Vlú- São os particulares que fazem bailes.

David Leite - Os grupos de carnaval como já disse é um trabalho muito, muito alto trabalho pôr um grupo na rua, é um trabalho muito pesado principalmente na última semana todo o foco esta em alinear as arestas em todos os detalhes para que o desfile corra como deve ser que os grupos não tem interesse em tirar o foco do desfile para organizar bailes. Os grupos normalmente não organizam. Escola de Samba Tropical tendo em conta que era um grupo que desfile, era o único grupo que desfilava na segunda-feira e nos achamos por bem fazer mais de uma forma a agradecer e comemorar os desfiles mas não tem fins lucrativos.

Odair – Agora vamos fazer mais uma pausa para ouvirmos mais um participante, São Costa, ela fala sobre o Núcleo Museológico do carnaval.

São Costa – Esse museu do carnaval, estou a construí-lo porque não foi um sonho, nem foi um projeto. Este museu estou a construí-lo porque senti triste e “pena” de deitar as “estátuas” no lixo, como os outros grupos fazem porque é uma coisa que começas a construir com amor e carinho, depois exibir nas ruas da cidade, todas as pessoas vejam, e depois todas essas coisas vão para o lixo. Então eu comecei a juntar as peças, neste momento eu transformei-lhes em algo ainda mais bonito, onde mais tarde as pessoas irão ver o que foi o esforço do meu carnaval.

Odair – Hoje em dia percebo que para além dos sonhos sem limites, possui peças de outros grupos.

São Costa – Sim tenho peças de outros grupos, porque os presidentes dos outros grupos oferecem porque sentiram pena de deitá-los no lixo peças que tínhamos por direito de ter vários museus, não só um, nem dois. Aqui vem turistas que visitam, as pessoas podem trazer as crianças para verem tudo o que sai nas ruas durante os desfiles e assim sucessivamente.

Odair – Agora ouvimos o São Costa, é necessário ter um museu, e ela nos disse que abandonou desfilar porque quer aproveitar todas as peças e também agora recebe doações de outros grupos. Anteriormente falamos um pouco sobre a necessidade de ter um museu. Acha que é necessário mesmo ter um museu do carnaval aqui na ilha de S. Vicente?

Vlú – Evidente, não só do carnaval como de outros valores que nós temos. Acho que museus faltam em S. Vicente e museus são produtos turísticos imediatos, temos que fazer mais museus sim. Carnaval deveria ter museus turísticos imediatos.

Odair – E essa ideia de São Costa de aproveitar várias peças e criar aquele espaço na Ribeira de Julião?

Vlú – eu fiz uma música para São Costa que é *vivê ser criativo every day* que fala isso. Que fazemos todo um esforço e criatividade e no fim mandamos tudo para o lixo, está errado. É preciso aproveitar todas essas peças e essa criatividade, como deve ser, e museus de fato são necessários para isso.

Odair – Maria Neves a concordar que é necessário fazer mais.

Maria Neves – concordo com o Vlú, há necessidade de criar museus para conservar essas peças porque há muito trabalho durante essa época e muitas pessoas dizem que é trabalhar muito para um dia só. Portanto há que aproveitar essas peças criando um museu do carnaval, e aproveito aqui para solicitar aos grupos algumas peças também porque nós sabemos na Praças Estrela onde eu tenho o meu atelier temos o Quintal das artes, onde neste momento temos visitas de turistas.

Odair – E algumas peças?

Maria Neves - temos algumas visitas de várias turistas portanto seria bom que nesse espaço expusessem essas peças e neste momento há condições até, porque tivemos também um novembro um grupo “Undgrand” que vem e remodelou o espaço, criando um portão e a decorando o mesmo e também sugeriram diversas ideias para aproveitar aquele espaço. E quem sabe ter alguém ali ganhando o sustendo, portanto é muito bom aproveitar esse espaço.

Vlú- Luisa Moraso disse uma coisa que é importante e São Costa disse o mesmo, a câmara de São Vicente tem que arranjar espaço para cada grupo criar o seu próprio estaleiro, pode ficar lá dentro o próprio estaleiro. E eu lembro entrei no carnaval pelas portas do Estrela do Mar e nessa altura nestes anos 1979 a Estrela do Mar tinha um espaço próprio funcionava durante o ano inteiro que era estaleiro e era um espaço social para os sócios do mesmo, ou seja ao longo do ano todos os sócios pagavam quotas, frequentavam um bar, conviviam e trocavam injeções sobre o carnaval, haviam tralhas, Estrela do Mar por exemplo, dois meses antes coisas do género, com muita sociabilidade eu acho que deva retomar esse exemplo.

Odair- Essa tralha acabou, já não existe?

Vlú- Já não existe.

Odair- Sim mas o David Leite queria interferir?

David Leite- Indo na linha na questão da criação do museu do carnaval obviamente que é humanina, sou de opinião que a necessidade urgente de criar um museu. Mesmo que não for um museu mas pelo menos um palco de exposição durante o ano todo com as peças, porque nós sabemos que temos trabalhos lindíssimos de grande valor. Por exemplo eu vejo que a Câmara Municipal não pode ter condições de criar. A Câmara Municipal ou Governo não ter condições para criar imediatamente o museu verdadeiro no sentido da palavra, mas a cidade podia ser transformada em museus.

Existem vários pontos da cidade, atrativos, rotundas, avenidas. Nós temos avenida Marginal lindíssima que podem fazer exposições ao ar livre e conservarem as peças, conserva-las em vitrinas algumas peças e essas peças podem ser removíveis de acordo

com a época do carnaval. Haveria formas de conservar o trabalho. A que ter um pouco de criatividade e também vontade.

Odair- Os outros grupos oficiais acreditam também que a escola de Samba Tropical tem lançado algumas críticas aos privados que tem dado muito pouco ao carnaval e há muitos hotéis, restaurantes que ganham muito com o carnaval como é que vocês esperam que por exemplo os hotéis e restaurantes também engajem mais financeiramente?

David Leite- Na verdade eu acho são os que mais ganho com o carnaval, para além da cidade, da ilha, a ilha ganha muito é uma projeção na ilha e de Cabo Verde, o país, mas operadores são os principais beneficiários deste movimento do carnaval. E são os que menos investem. Nós temos operadores que até utilizam nomes de instituições do carnaval para promover os seus negócios- E no entanto não há retorno para os grupos e não há um investimento a só um ganho, portanto essa consciência tem que começar a prevalecer junto aos operadores turísticos porque são os principais beneficiários-

Odair- Para além do governo, as câmaras municipais, quem deve mais apoiar o carnaval?

Vlú- Eu acho que falasse muitos dos operadores estarem a ganhar com o carnaval mas eu acho que o carnaval não é sócio dos operadores, nem os operadores são sócios do carnaval. Eu acho que as coisas deveriam ser sistematizadas. Os operadores ganham, mas pagam muitos impostos. É dela dos impostos que a gente paga e vamos ter benefícios. É como nós, ganhamos mas pagamos impostos ao estado e a providência ... E então é daqui que vêm os resultados. Os operadores podem de boa vontade contribuir, mas eu acho que pagar imposto, já estamos a contribuir.

Odair- Parte desses impostos que os operadores pagam deveriam ser investidos no carnaval?

Vlú- O imposto turístico por exemplo é pago e não sabe por onde vai, e mesmo os impostos comerciais que a gente paga. O carnaval proporciona proveitos aos operadores mas também os operadores também pagam muitos impostos. Por tanto é desses impostos que pagamos é que o estado e a câmara municipal tem que sustentar o carnaval.

Odair- O Ministerio da Cultura diz que apartir do fundo do turismo, é que estar a dar o seu apoio financeiro ao carnaval dando aos grupos mil contos?

Vlú- O papel dos operadores é gnhar o maximo possivel e pagar o maximo possivel dos impostos. É isso não pode haver outro. Na minha opinião não podemos exigir dos operadores. Essa coisa de pedir, pedinchar patrocinios não serve, não resulte. Já não está resultar. As pessoas disseram, não pagamos impostos. E dos impostos vão agora buscar inergias necessarias para fazer o que tem que ser feito, para mim é correto.

Odair- David você partilha dessa ideia daquilo que o vlú esta a dizer que é o governo e as câmaras ou quem é que pagam os impostos que devem financiar o carnaval?

David Leite- Em parte, mas não só, eu acho que os operdores turisticos tem sim o dever de contribuir para o evento que sabe que vai dar um retorno direto. Quando falo nos hoteis, da agencias turisticas, eu acho que não é só o papel do governo, nem das câmaras , mas também os operadores turisticos tem o dever de contribuir para um evento que sabe que vai ter retorno direto.

Odair- Maria Neves também esta aqui a querer trazer elemento?

Maria Neves - Também concordo que também que os hoteis e agencias turisticas devem contribuir muito mais no carnaval. Portanto nós da Escola Anisia Cibell Lima do Rosário tivemos apoio, graças a uma agência de turismo que patrocinou a nossa música e também o video clip da mesma. Portanto é muito bom penso que devem contribuir muito mais porque eles é que ganham com isso.

Odair- Ganham mais.

Vlú- Patrocinar não é efetivo, não resulta. Se contarmos com patrocinio para fazer as coisas ficamos magros e sem energias . Temos que sistematizar as coisas.

Odair- Vamos fazer só uma pausa, vamos voltar para o nosso cantinho musical.

Odair- E assim tivemos no nosso cantinho musical que já esta quase a terminar esta edição de hoje, seu programa sociedade aberta. Estamos aqui a observar bailes,os grupos oficiais e os grupos do Mandingas. David Leite ouvimos agora este mendeingas mas também é momento de observar para o carnaval. Amanhã a escola de Samba vai desfilar o que é que a Escola de Samba Tropical promete este ano 7 é rainha.

Davir Leite- Exatamente, amanhã será o nosso dia para pôr todo o nosso trabalho na rua, nós prometemos, a Escola Samba Tropical como si mesmo, uma Escola Samba Tropical cheia de brilho, cheia de glamour, com trajes muito trabalhados e esperamos que o povo, folhões, consigam, chegar à rua de Lisboa para mais esse desfile que têm custado muito este ano, mas prometemos muita magia há semelhanças do número sete que é um número mágico. Não é por acaso que amanhã dia vinte e dois mil e dezasseis, sete semanas antes da Páscoa e prometemos um grande desfile e esperamos que assim seja.

Odair- Maria Neves - você observa para o carnaval de São Vicente que há uma evolução?

Maria Neves - Sim, sim. Há uma evolução.

Odair- Para além dos Mandingas que sei que estas dentro dos Mandingas?

Maria Neves - Há uma evolução a nível da música, estamos a ver que há grandes composições, temos aqui um grande compositor, um grande artista, um grande músico, o Vlú, temos o Constantino Cardoso e também o Pole Blok que tem vindo apresentando boas composições. Portanto o carnaval está a evoluir bastante a nível da música, temos os trios eléctricos.

Odair- Falando dos trios Eléctricos Vlú, a muita gente que critica a presença dos trios nos blocos. Dissem que há uma imitação do carnaval do Brasil. Você pensa assim.

Vlú- Não os blocos tem que ter amplificação do som, para haver mais desempenho dos foliões. Quanto mais som tiver melhor. Eu acho criticar? Não tenho ouvido isso mas eu acho que não há razão para criticar. Tem som, se não tiver o desempenho não é tão bom como quanto têm.

Odair- Mindel Fantesi vai continuar todos os anos?

Vlú- Mindel Fantesi vai fazer dez anos, e mindel fantesi tem sido feito com as minhas energias, tenho gastado muito dinheiro com mindel fantesi e nunca tive apoio da câmara, nem de ninguém, salvo o banco, mas muito mais patrocínio, se eu não tiver patrocínio para mindel fantesi próximo ano eu vou acabar com o mindel fantesi porque eu já gastei muito.

Odair- o que vais dizer para milhares de pessoas que vão atrás?

Vlú-Eu gasto por ano no mindel fantesi cerca de 750 a 1100 contos do meu bolso e criei o mindel fantesi porque a Escola Samba que é o grupo mais importante para mim as vezes não sai as segundas feiras, o carnaval ficava mais pobre. Eu insisti para a Escola de Samba sair todas as segundas como havia essa possibilidade, eu criei o mindel fantesi para tapar esse buraco quando a Escola de Samba não saia. E desde que eu criei o mindel fantesi nunca mais a Escola de Samba deixou de sair. Assim eu passei o Mindel fantesi para as sextas feiras.

Odair- Mas a noite sexta- feira que agora esta reservado para o mindel fantesi.

Vlú- Exeto. Acrescentamos mais a sexta-feira para o carnaval de São Vicente. Eu fiz esse trabalho tem que ter continuidade, mas com as minhas energias não, não pode ser, São Vicente não é meu, Carnaval não é meu, nos tdos temos que colaborar para isso, eu espero que no proximo ano a câmara municipal e ministerio de cultura olhe para mindel fantesi como um valor para o carnaval de São Vicente e ajudar nesse aspeto. Eu estou nesse momento a tentar patrocínio, mas como já disse patrocínios não uma forma efetiva de planificar, programar e para operar. Portanto que haja no futuro um olhar diferente para o mindel fantesi porque de facto tem um contributo muito forte. Quando não faço, já deixei de fazer o mindel fantesi uma vez o povo ficou furioso comigo tentei explicar que era um peso grande para mim, não gostaram e querem que o mindel fantesi saia todas as sextas-feiras porque de facto contribui para um bom carnaval.

Odair- Agradeço a presença de todos aqui neste programa Sociedade Aberta onde nos olhas para o carnaval. Como disse o Vlú as pessoas devem lutar pela sua felicidade. O carnaval faz bem para muita gente. Há um preço, não há um preço para pessoas serem felizes. E nos agradecemos a presença de todos aqui neste programa e você já sabe que pode seguir nos no facebook.com/sociedadeAbertaTV e pode enviar email com sugestões de temas para sociedade.aberta@rtc.cv . Nós voltaremos em Março, no dia 12 de Março fique bem e tenham um excelente carnaval.

Guião de entrevista

- 1- Qual é o seu nome e há quanto tempo está nos Mandingas?
- 2- Como é que os Mandingas surgiram em S. Vicente?
- 3- Como é composto a comunidade dos Mandingas?
- 4- Quais são as atividades do dia do desfile?
- 5- Quem marca o dia do desfile?
- 6- Há quanto tempo existe os Mandingas da Ribeira Bote?
- 7- Como surgiu Mandinga da Ribeira Bote?
- 8- Porque pintar o corpo todo de preto? Qual é o significado?
- 9- Como é que vocês adquirem essas tintas?
- 10- Essas tintas não fazem mal para a pele?
- 11- Qual a diferença entre Mandinga de antigamente e Mandinga de Hoje?
- 12- Os Mandingas de antigamente era organizado como hoje?
- 13- Como é que vocês tem conseguido manter os Mandingas, desenvolver os rituais até que saem nas ruas?
- 14- Como funciona os Mandingas?
- 15- Quem é que compõe as músicas de Mandinga?
- 16- Como é que vocês adquirem os instrumentos?
- 17- Qual é a sua função nos Mandingas?
- 18- Há quanto tempo estas nos Mandingas?
- 19- Quem é que te ensinou a dançar, tocar?
- 20- Quantas personagens têm dentro dos Mandingas da Ribeira Bote?.....
- 21- Quem é que toca os instrumentos de sopro nos Mandingas? Percussão.....
- 22- Como é que surgem as músicas dos Mandingas?
- 23- Quanto tempo o senhor está a frente dos Mandingas?
- 24- Como é que conseguiu esse lugar?
- 25- Qual é a responsabilidade do presidente dos Mandingas?
- 26- O que é que os Mandingas precisam neste momento?
- 27- Em S. Vicente hoje em dia há vários tipos de Mandingas, e ouvi dizer que há uma certa rivalidade entre os grupos. Concorda com esta afirmação?
- 28- Nos desfiles dos Mandingas há aspetos positivos e negativos. Concordas com esta afirmação?
- 29- O que podemos fazer para transformar esses aspetos negativos em positivos?
- 30- Mandinga da Ribeira Bote é composto por quantas pessoas?
- 31- Vocês têm uma associação? Possuem um estatuto? Pagam cotas?
- 32- Quando é que vocês reúnem?
- 33- Como é que vocês conseguem manter a segurança durante os desfiles?
- 34- Antigamente era somente os homens que aderiam aos desfiles dos Mandingas e era um nº reduzido, hoje em dia há uma grande aderência da camada feminina, todas as faixas etárias (crianças, jovens, adultos, velhos) e também se antes era somente para as classes baixa hoje em dia há uma grande aderência da classe média. Qual é a sua opinião sobre isso?
- 35- Como é que vocês conseguem manter a segurança durante os desfiles?

35- Vocês costumam sair só na época do Carnaval, ou participam noutras atividades realizadas na ilha?

36- Qual as sugestões para o melhoramento dos Mandingas?

37- Acha que Mandinga é um produto turístico? Temos sabido tirar proveito dessa manifestação. O que fazer para que Mandinga torna num produto turístico por excelência?

38- Mandinga também é um produto turístico, o que fazer para que essa manifestação seja um produto turístico?

39- Neste ano letivo, a Escola Anísia Cibeles Lima do Rosário, trabalhou esse tema juntamente com os alunos, pais e encarregados de educação. O que acha da iniciativa de estudar esse ritual?

40- Hoje em dia nós temos até o enterro dos Mandingas. Qual é o significado disso?

41- Neste ano, os Mandingas da Ribeira Bote realizou uma gala? Qual era o objetivo dessa gala?

42- Também um dos objetivos desse estudo é criar um espaço museológico onde as pessoas possam encontrar toda a história dos Mandingas de Carnaval de S. Vicente. O que acha sobre isso?

43- Relativamente a violência acha que no seio de Mandinga há guerras, violências?

Exmo Senhor Diretor do Centro Nacional de Artesanato e Design

Eu, Maria dos Anjos Neves, natural de Santo Antão, da freguesia de S. Pedro Apóstolo, do conselho da Ribeira Grande, nascida a 10 de Junho de 1975, artesã, secretária da Associação de Artesãos do Mindelo, professora do Ensino Básico, licenciada em História, e fazendo mestrado em Educação Artística, no Instituto Superior da Educação, Viana do Castelo Portugal em parceria com Instituto Universitário da Educação do Mindelo, e tendo escolhido como tema da dissertação “Mandinga de Carnaval de S. Vicente” venho por este meio pedir ao senhor colaboração no intuito descrever essa manifestação cultural, que já faz parte da nossa tradição, e que tem vindo ano após ano enaltecendo o carnaval Mindelense.

Prometo em usar o assunto da entrevista, para fins académicos.

Meus melhores agradecimentos

Mindelo, 3 de Setembro de 2017

A investigadora

Maria dos Anjos Neves

9561359/5168347

**Música de Carnaval 2017 -Escola Anísia do Rosário (Zona de Campim . S. V) Desfile
24/02/17**

“Uni Mandinga Projet”

OH mmiss que Mandinga é ess x3

Mandinga é respeito

Kor es é, donde quês bem

Mandinga é União

Es bem D’Fonte Filipe

Mandinga é civismo

Es bem Rbirinha

Mandinga é Ariha x3

Es bem Pedrera

Es bem d’Éspia

Es bem Rebera Bote x

Ka no tcha violência

Mandinga Ka ta da Kasubodi

Kaba c’nos Mandinga

Mandinga ta li pa brinca Bis

Ka nos tcha violência

Pa promove nos carnaval

Kaba nos tradiçon

No bem brinca sabim x3

Refrão: Da vaselina da óleo

No bem brinca sabim, sabim

P’ta areia, p’ta Karvon

Tra foto bo filma

No tem Mandinga Azul

Alegoria d’Mindelo

No tem d’Areia Branca

Pinta d’azul mostra munde

No tem tradicional x3

Rebola saia ratita

Oli bolacha oli bolo

Nos tud bem escuta

Oli Mandinga na S. Vicente

Nos tud bem sinti

O que que Mandinga

Ficha Técnica:

Música: Maria Neves , Amílcar Spencer, Jorge Gomes

Letra: Maria Neves Neves

Arranjos musicais: Amílcar Spencer, Samú e Nana

Vozes: Amílcar Spencer & Maria Neves

Gravação & Mistura: Samú-Studio- Rua de Ponta d´Pom- Zona de Fonte d´Inês S.V

S. Vicente: 13 de Janeiro de 2017

Patrocinadores do Projeto e Orçamento

Agência Polaris - Patrocinou a gravação da música - 15000\$00;

- Gravação do vídeo Clip, Palestra e desfile de Carnaval - 18000\$00;

Transcor – Patrocinou – 20Kg Cordas de Sisal – 12.127\$00;

Matec- Patrocinou materiais de construção – Ferro para fazer o carro alegórico, esferovite e elétrodo;

Câmara Municipal - 10000\$00 em que pagamos a batucada que foi de 7000\$00 e a aparelhagem e música que foi de 3000\$00;

Delegada do Ministério de Educação – Transporte de materiais de desperdício de uma fábrica de confeções;

Eletra – 10000\$00;

Matexplas – 3000\$00 e Pluritano;

JBC - Dois baldes de tinta azul para os Mandingas azul pintarem;

Enapor - Nos deu objetos da segunda mão para vendermos e revertemos em prol do projeto.

Mesas em formato de instrumentos musicais (Jambé, Surdo, Tambor, Pandeiro) e balcão em formato de Mandinga - 45000\$00;

Manuel Lima Fortes – Desenho e seguimento da construção dos instrumentos musicais em formato de mesas e saia de Mandingas;

Moacyr Rodrigues- Palestra;

Anderson (Mandinga de Espia) – Ajuda na confecção de saias;

Artista Plástica Severo – Ensinou os alunos do 6º ano a pintar em telas;

Artista Plástica João Evangelista Fortes – Pintou a Bandeira;

Jorge Gomes (presidente Mandinga de Areia Branca) e Amílcar (batarista) ajudaram na produção da música Uni Mandinga;

Jair Pinto, Alcindo Moreno e Erika Chantre – Gravação do Vídeo, palestra e o desfile de carnaval da Escola;

Cialdino – Escultor e soldador – Recebeu 10000\$00;

Associação Novos Amigos – ajudaram na soldagem do Carro alegórico, aparelhagem...Receberam 3000\$00 para a música, 800\$00 para gásóleo;

Artesão Leila – Ajudou no acabamento das roupas do rei e da rainha;

Artista Severo – Ensino /Aprendizagem de pintura na tela;

Josina Rodrigues- ajudou no desenho das roupas do rei, rinha e porta-bandeira.

País e encarregados de Educação – Ajuda na confecção de Trajes, segurança dos alunos durante os desfiles.

Delegação Escolar - Transporte

Empresa Verde Veste - pedaço de tecido- desperdício das fábricas...

Pedido de autorização

AVISO AOS PAIS E ENCARREGADOS DE EDUCAÇÃO

No âmbito do curso de Mestrado em Educação Artística e da implementação de um projeto de intervenção educativa, cujo tema foi “Mandinga de Carnaval de S. Vicente”, em que pretendemos envolver todos os alunos do primeiro ao sexto ano.

Para a implementação do mesmo contamos com a colaboração dos alunos bem como a dos pais e encarregados de educação. Aproveitamos para pedir autorização para a recolha e uso de imagens dos vossos educandos, bem como para sair da escola no dia 24 de fevereiro de 2017, no desfile.

Agradeço desde já a vossa colaboração, com os cumprimentos da mestrandia e responsável cultural da Escola Anísia do Rosário (Campim).

Maria Neves